

SOMNIUM

REVISTA DO CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Nº 61-1994



Somnium®

Nº 61 - Setembro de 1994

Editores

Luis Marcos da Fonseca e

Carlos André Mores

Tiragem: 500 exs.

Somnium® é a revista do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC - e visa divulgar autores deste gênero literário. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, sendo uma sociedade civil, sem fins lucrativos e apatridária, com personalidade jurídica de direito privado. Foi registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua diretoria para o biênio 94/95 está composta pelos sócios Gumercindo Rocha Dorea (Presidente), Daniela de Almeida Bittencourt Moraes (Secretária Executiva) e Sérgio Roberto Lins da Costa (Tesorero).

Toda correspondência relativa à editoria deve ser remetida para:

Caixa Postal 473
CEP 14801-230
Araraquara - SP



Seções

Editorial		
	<i>Por uma Linha Editorial</i>	2
Artigo		
	<i>As Novas Metarealidades</i>	4
Livros		
	<i>Editora da UFSCar</i>	12
Resenha		
	<i>Os Melhores Dez por Cento</i>	14
FC Curiosidades		
	<i>A Moderna FC e Suas Origens</i>	18
Contos		
	<i>Dimensões</i>	22
	<i>Mitos da Criação</i>	26
	<i>O Sonho do Rei Vermelho</i>	40
	<i>A Arder Cairam os Anjos</i>	60
Crônicas do André		
	<i>Ray, Presidiários e Bombas</i>	
Galeria de Arte		
	Roberto Schima	17, 25
	Christian Holl	3
	Irene Salzmann	13
	Simone Ferreira	59

Ilustrações

Sueli Paes de Barros 38, 53

Capa:

Criação em computador por Luciano Panepucci, inspirado no conto *Mitos da Criação*.

Expediente:

Somnium® 60 é uma publicação do Clube de Leitores de Ficção Científica e da Editora da Universidade Federal de São Carlos.

Projeto Gráfico: Roger Trimer, Antonio de Mello Pereira Filho e Carlos André Mores.

Revisão: Jussara Ancona Lopes e Antonio de Mello Pereira Filho.

Produção gráfica e arte-final:

DOT - Edição Eletrônica e Multimídia



Por uma Linha Editorial



empre se questionou no fandom, e mais particularmente no Clube de Leitores de Ficção Científica, o perfil editorial que o *Somnium* deveria ter. Alguns defendiam a postura de clubzine, outros de apazine, outros de não-sei-o-que-zine, e por aí afora. Defensores empedernidos, também os tivemos, da publicação indiscriminada de contos dos associados do CLFC em prol de uma propalada "democracia" niveladora (por baixo, é claro).

"Não é pois o *Somnium* o fanzine oficial do nosso CLFC" (de todos, portanto), argumentavam. Essa posição resultou, no passado, em pérolas do tipo "Registro de Sistemas Planetários", do malfadado Leon Schita.

Minha entrada no CLFC como quarto integrante do agora mastodôntico clube foi guiada pelo seu perfil, definido claramente no seu próprio nome: Clube de LEITORES de Ficção Científica. Não se tratava, portanto, de um fã-clube de artistas ou séries, por exemplo, mas de um clube de LITERATURA.

Nada mais congruente, a meu ver, que seu veículo escrito seja norteado, em boa parte, pela literatura, e obviamente literatura de boa qualidade.

Braulio Tavares já disse de público mais de uma vez: sem o *Somnium* não existiria *A Espinha Dorsal da Memória*, e, conseqüentemente, nem o seu merecidíssimo Prêmio Caminho de literatura de FC em Portugal.

Se o leitor argumentar que este não pode ser tomado como um bom exemplo, podemos atentar para o fato de que todos os prêmios Nova de contos de FC amadora foram vencidos, até este ano, por contos veiculados no *Somnium*, sem contar a esmagadora porcentagem de contos colocados nos primeiros cinco lugares.

Esses exemplos mostram bem a importância capital que tem desempenhado o *Somnium* na revelação e aprimoramento de nossos escritores. Nada mais podemos almejar no momento senão prosseguir com essa linha editorial.

Obs: duas semanas após o lançamento do *Somnium* nº 60 o jornal *A Folha de São Paulo* publicou matéria de página inteira em seu caderno cultural sobre o mesmo tema abordado pela colaboradora Ana Creuza em seu artigo sobre cidades emblemáticas. Prova quanto o tema está em voga, e de quebra nos dá o direito de chamar atenção para o artigo deste número, sobre metarealidades.





Com sua reconhecida erudição, Barreiros nos coloca a par de uma série de obras envolvidas com uma temática hipermoderna no campo da FC.

As Novas Metarealidades

João Manuel Barreiros

Com diversas combinações das três cores, organizei nas celas cenografia das ilhas. Num segundo período preparatório, confrontei os pacientes com essas combinações. Eles nasciam de novo para o mundo. Tinham de aprender a interpretá-lo. Guiei-os para que vissem aqui uma colina, aqui um mar, aqui um curso d'água, aqui uma praia, aqui umas rochas, aqui um bosque...

Bioy Casares, *Plano de Evasão*

Imagine-se, no século XVIII, perante uma parede pintada a 360 graus que, graças a truques de sombra, iluminação e perspectiva, dá a quem se coloque perante ela a impressão de estar a voar muito alto, num balão, perante uma paisagem "real" que se perdia na distância. Esta forma efêmera de arte, chamada Panorama, foi inventada em 1785 por um pintor irlandês chamado Robert Barker, enquanto passava uma temporada na prisão pelo não pagamento de dívidas. Algumas destas "paredes" tinham cerca de 15 metros de altura por 100 de comprimento e chegavam a pesar 6.000 quilos. Estavam protegidas por uma rotunda especialmente construída para o efeito e podiam ser admiradas em Londres, Paris, Munique, Hamburgo, Colônia, Leipzig e outras cidades importantes da época. Ao que consta, a indústria dos Panoramas era, a seu tempo, florescente. Contavam-se aos milhões o número das pessoas que as visitavam todos os anos. Hoje apenas vinte sobrevivem.

Simpl
econ

Que
rapide
ladeiro
até ao
ou per
em sim
como
ainda
percep

Ag
encont
de um
lábios
vulga
transf
quand
do e'en
enorm
estere
que p
pilas
ramer
tridin
sisten
dellyn
noso
se est
rios
ser ap
poder
ajuda
direç
(por
cham
semo
uma
mun
próp
pada
indic
histó
tem
esqu

Simples questão de economia de meios

Quem já se viu a voar, com uma rapidez alucinante, sobre os desfiladeiros venusianos, ou mergulhou até ao fundo das crateras de Marte, ou percorreu a costa da Antártida em simulação de computador, sabe como a realidade virtual pode ser ainda mais real do que a vulgar percepção do mundo que nos rodeia.

Agarrar numa chávena que se encontra sobre uma mesa no meio de uma sala deserta, levá-la aos lábios, é, à partida, um ato da mais vulgar banalidade. Porém ei-lo transformado numa forma de magia quando calçamos uma luva Nintendo e enfiámos na cabeça um capacete enorme, munido de auscultadores estereofônicos e óculos de soldador que projetam sobre as nossas pupilas uma imagem televisiva, ligeiramente defasada para criar a ilusão tridimensional. Graças a este sistema concebido por Brian Vandellyn, entramos num mundo luminoso de contornos abruptos. É como se estivéssemos numa sala com vários objetos disponíveis que podem ser agarrados, ou pelo menos onde podemos tentar agarrá-los, com a ajuda da luva. Basta apontar na direção de um determinado objeto (por exemplo, uma chávena) para o chamarmos até nós, como se estivéssemos a focá-lo através da lente de uma teleobjetiva. Segurá-lo, neste mundo de contraste, onde só a própria luva, como uma mão decapada a flutuar no espaço, parece indicar a nossa posição, é já outra história. Botões sobre a luva permitem que nos desloquemos para a esquerda ou para a direita, mas isso

não implica que o objeto a agarrar não esteja sempre a ser sapateado e atirado pelos ares, sempre que os dedos da luva se fecharem incorretamente. À luva faltam ainda as sensações proprioceptivas. Pior ainda, a qualquer momento podemos perder o equilíbrio, virar o quarto do avesso, arremessarmo-nos na direção do teto, derrubando tudo na nossa passagem. Cá fora, no universo real, os assistentes divertem-se com o espetáculo de um infeliz com a cabeça coberta por um capacete, ligado por fios a uma luva, a caminhar às cegas, com o braço estendido, numa sala real que supostamente imita as dimensões da sala virtual.

O Espaço Virtual, nome inventado por Jaron Lanier, presidente de uma pequena companhia da Califórnia de investigação pura, é uma realidade criada por computador, ou seja uma experiência multimídia, audível e tátil. Servindo-se de auscultadores estéreo, óculos televisivos (Eyephones), luvas cabliadas (Datagloves) e um escafandro computadorizado (Datasuit) a realidade virtual rodeia o corpo humano num universo sensorial de visão, som e, graças aos sistemas globais do Datasuit, sensações táteis. O Espaço Virtual não fornece informação, mas sim "experiências". A Realidade Virtual não permite ver as estruturas alucinadas pelos heróis de Gibson, ligados por indução direta, a um terminal de ciberespaço, mas sim apenas aquilo que existe na programação original, ou seja, um universo tão real, sensorialmente tão intenso, que poderá um dia chegar ao nível dos pormenores fractais.

Claro que ainda vai longe o dia (mas ele há-de chegar, é inevitável) em que poderemos passear por uma cidade (imagine-se a percorrer as sinistras vielas noturnas de uma Londres vitoriana numa caça programada ao elusivo Jack, o Estripador, ou, se preferir, o meio-dia mediterrânico e os duelos na praça pública das cidades florentinas da Renascença), optando por esta ou aquela rua, visitando as mansardas ou as casas apalaçadas, conversando com os feirantes, chapinhando nas poças de humidade que nos "molham" de facto os pés, tocando nas paredes, nas portas, em todos os objetos próximos de nós, e sentindo neles, no sol, na chuva, no vento, uma incrível impressão de "resistência" quer passiva quer ativa. Enfiado num escafandro com o visor opacizado, suspenso no ar, o visitante do espaço virtual poderá um dia "agir" e interagir conjuntamente com outros visitantes nesse universo que é muito mais do que a parede de madeira e tela pintada de um cenário Panorama... Mesmo se utilizássemos toda a memória disponível de um computador CRAY, isso não chegava para reproduzir todas as opções possíveis que uma cidade nos pode oferecer.

Por enquanto...

Ainda
vai longe o
dia em que
poderemos percorrer
as sinistras vielas
noturnas de uma
Londres vitoriana
numa caça
programada ao
elusivo Jack, o
Estripador

A Telepresença, a especialidade do Centro de Investigação da NASA e do Laboratório de Engenharia Mecânica do Japão, permite que um piloto humano conduza, por controle remoto, uma sonda voadora ou um robô orbital. O velho sonho dos Samurais, praticantes do Vento Divino, pode então tornar-se realidade. Longe de um conflito armado, na segurança de um aquartelamento no outro lado do mundo, com o defasamento temporal de alguns milésimos de segundo que as comunicações por satélite implicam, o piloto de um caça de ataque, sentado aos comandos no simulacro da cabine de pilotagem, está ao mesmo tempo dentro e fora da zona de combate. Pode, se quiser, cometer o sacrifício final, lançar-se contra o inimigo e ser abateido, tendo como única consequência a destruição material do aparelho telecomandado. Quando se desligar dos comandos, ao fim de um dia de trabalho de guerra total, pode voltar à casa na paz do Senhor.

É precisamente isso que faz o herói trágico de Orson Scott Card em *Ender's Game*. Educado desde criança numa instituição militar, Ender participa, em simulação de computador, enfiado num casulo que o liga aos comandos de um suposto módulo de ataque, de uma guerra galáctica terrível, onde milhares de

astron
feria d
de anc
vai gar
contin
treino
um ex
qualqu
tempo
profici
fim, a
que lh
perma
ganha
batalh
gressi
ajuda
aliení
inimig
naves
tóide.
guerr
graça
astron
ganha
carbo
que
heger
Xeno
sença
tânci
carre
final
A
Tiptr
Hugo
Plug
ment
Liga
calm
num
Esta
onde
sent
mass
nuar

astronaves se enfrentam na periferia de um sistema solar a milhares de anos-luz do nosso. A medida que vai ganhando prática, os superiores continuam a afirmar-lhe que este treino não é apenas um jogo, mas um exame necessário à formação de qualquer soldado. Com o correr do tempo, Ender torna-se cada vez mais proficiente na arte do genocídio. Por fim, aos doze anos, num exercício que lhe dizem ser essencial à sua permanência na Academia, Ender ganha aquilo que julga ser uma batalha mestra na estratégia progressiva do jogo. Bombardeia com a ajuda dos colegas de turma o planeta alienígena donde partiu a armada inimiga. Massacra, graças às astronaves em órbita, a população insectoide. Fim do jogo. E também da guerra, claro, porque sem o saber, graças à telepresença, Ender pilotou astronaves robô, conduziu exércitos, ganhou escaramuças e batalhas, até carbonizar um mundo e uma espécie que supostamente ameaçava a hegemonia terrestre. Ender foi um Xenocida sem o saber. A telepresença transformou a morte à distância num ato tão inócuo como carregar no botão que põe um ponto final na vida dos Mandarins.

A grande senhora da FC, James Tiptree, num conto premiado com o Hugo de 1974, *The Girl Who Was Plugged In*, que poderia ser livremente traduzido por *A Rapariga Ligada à Ficha*, transforma radicalmente o mito da Gata Borracheira numa história de perversa moral. Estamos num futuro quase utópico, onde leis radicais impedem a apresentação de publicidade em todos os *mass media*. Que fazer para continuarmos a promover os produtos

desejados sem que o processo de compra seja deixado aos gostos acéfalos e contraditórios de um público consumidor? Nada mais simples do que pegar em clones perfeitos, criados em cubas desde o nascimento, sem nenhuma atividade cerebral superior, e ligá-los, graças à telepresença e à rede de satélites de comunicação, a seres humanos disformes e patéticos, como esta anã que ninguém vê, enfiada num ovo, com fichas elétricas unidas aos centros corticais e que à distância controla a boneca de luxo. Boneca que passeia pelo mundo, vestindo-se a preceito, comprando os melhores produtos de consumo que existem no mercado. Ou seja, precisamente aqueles pertencentes às empresas que financiaram o projeto. Uma boneca que todos amam e desejam imitar. Até que o Príncipe da fábula descubra que aquela por quem se apaixonou não passa de um "boneco", que o seu verdadeiro amor é um monstro corcunda, de cara à banda, enfiada numa toca cibernética.

Estes corpos tele-controlados, meros objetos que podemos quebrar sem que corra uma lágrima, também podem ser enviados a explorar planetas demasiado agressivos para os gostos delicados da ociosa população terrestre. É o caso do romance do autor alemão Herbert W. Franke, *The Orchid Cage* (1973). Os prospectores humanos que passeiam a esmo nas ruínas de uma civilização alienígena, cometem tantos erros, sofrem tantos acidentes e atos de vil traição que, aos poucos, o leitor começa a interrogar-se porque será que nenhum deles está minimamente preocupado em sobreviver, ou

por que não se interessam pela preservação do patrimônio cultural do mundo que andam a prospectar. A verdade é que todos se comportam como crianças com plena disponibilidade para partirem todos os brinquedos que lhes passam pelas mãos. Matam-se uns aos outros e deixam-se matar com um encolher de ombros. Finalmente, cansados de um dia de "jogos", desligam-se dos terminais de telepresença, abandonam os corpos que antes controlavam a anos-luz de distância, levantam-se dos cilindros de integração, e vão ao bar da esquina beber uns copos, antes de irem jantar com as respectivas famílias. No dia seguinte, se lhes apetecer, lá estarão de novo. Não são funcionários públicos. Não são militares. São burgueses ricos e neurastênicos que vão "à caça" no fim de semana numa busca inútil de emoções fortes.

Num pequeno romance, sem dúvida genial, *Plano de Evasão* (1978), Bioy Casares fala-nos de um médico que, nas prisões francesas nas Guianas, no início do século, inventa um processo de "transformar as paredes das celas em planícies de liberdade". O processo é semelhante à montagem de um micropanorama. As paredes são pintadas numa mescla de cores que lembra, a uma certa distância, as árvores da floresta, as areias de uma praia, as ondas do mar. Noutra parede, um sistema de espelhos, que refletem por sua vez "partes" das celas vizinhas, multiplica o tamanho virtual da ilha. Operados de modo a verem o universo segundo uma perspectiva gestáltica diferente, os prisioneiros, ao contemplar as paredes, reorganizam os símbolos

cromáticos, e sentem-se no meio de uma ilha deserta, ao ar livre. Ouvem gaivotas, chega-lhe ao nariz o perfume da flores e o cheiro do mar. Injetados com uma droga que lhes atrasa as sensações, demoram horas a percorrer de um lado ao outro os dois metros quadrados de cela. Para eles, subjetivamente, é como se viajassem em plena liberdade através de uma ilha imensa e deserta.

Em *The Cosmic Cocktail Party* (1970), Bob Shaw imaginava já aquilo que poderia ser o primeiro Espaço Virtual computadorizado da FC. Um general, ligado ao respectivo computador, vive, há meses e meses, um sonho comatoso de poder onde se julga o Senhor do Universo. Para o arrancar ao sonho, porque ele é absolutamente necessário ao bom sucesso de uma guerra futura, o governo só tem uma solução. Meter um sabotador em plena realidade virtual. Um sabotador que distorça e ridicularize os programas. Uma espécie de "desdramatizador" de situações heróicas. Na sua presença, as armas disparam bandeirinhas que dizem BANG em vez de fazerem fogo, os cavalos e os dragões tropeçam uns nos outros, os embaixadores cometem gafes, os conselheiros desaconselham, as espadas ficam moles, as princesas, estafemas. Numa realidade aos poucos estupidificada, posto a nu, o general não tem outro modo de se escapar ao ridículo senão resolver-se a acordar.

Que o espaço virtual é preferível ao espaço real, capaz de se tornar tão aditivo como uma droga, também está presente no *Dream of Wessex* (1977), do escritor inglês Christopher Priest. Num Centro de

Pesquisas, trinta e nove homens e mulheres, enfiados em gavetas de um computador, sonham com uma Inglaterra futura, utópica e soviética. Nesse universo, todos podem enfim ter o aspecto físico e a profissão que sempre desejaram. A costa do Wessex transformou-se em uma estância mediterrânica de férias. O verão aqui é permanente, e as praias então cheias de fanáticos do turbosurf. Mas aos poucos, porque este mundo é bem mais agradável do que o nosso, o sonho torna-se num vício. Os participantes já não desejam acordar. Vai ser necessário criar-se uma polícia de recuperação que, com a ajuda de espelhos hipnóticos, cercará o renitente viajante e o obrigará a voltar à realidade. Porém, neste universo sonhado, também existe um centro de pesquisas, um computador, e trinta e nove caixões de sonhadores consensuais. Quem está a sonhar com quem? Qual é de fato a realidade virtual, se cada um dos mundos reflete as aspirações do outro? Se um sonhador se deitar num dos caixões do seu sonho, vai sonhar com que mundo? Com o nosso presente? E se matarmos todos os sonhadores do sonho, como faz o sabotador do romance? Qual das realidades vai desaparecer?

Numa obra mais recente, *The Night Mayor* (1989), Kim Newman conta-nos como um criminoso, condenado a prisão perpétua mas com tratamento liberal, usa o computador da penitenciária para participar num jogo hiperviolento, onde se julga o prefeito mafioso de uma cidade decalcada dos filmes negros dos anos quarenta. Enquanto o prisioneiro dorme, o espaço informático ocupado pelo jogo cresce num

ritmo exponencial, correndo o risco de contaminar toda rede planetária. É impossível desligá-lo pelo lado de fora, pois isso implicaria um choque somático de tal ordem que mataria o jogador. Lembrem-se que estamos num futuro liberal, e que a pena de morte foi abolida. Se o governo for responsável pela morte do seu prisioneiro durante o tempo de detenção, incorrerá no pagamento de uma indenização enorme aos sócios da vítima. O mafioso terá de ser "morto" por dentro, segundo as regras do jogo que ele próprio concebeu. As regras das páginas de um livro do Raymond Chandler ou de um Cornell Woolrich. Quem entrar nele, penetra num universo a preto e branco, de contrastes muito definidos, onde as ruas estão sempre molhadas de tanta chuva, e a hora nunca passa das duas e meia da manhã. Nos clubes noturnos, cantam as vozes de Nat King Cole e a de Judy Garland. Ouvem-se por todo o lado as sirenes da polícia, disparos de pistolas e metralhadoras, e o estrondo das garrafas de uísque a quebrarem-se. Avatares do James Cagney, Humphrey Bogart morrem baleados nas vielas. Edward G. Robinson estrangula Joan Bennet por baixo das escadas de incêndio, arrancando-lhe o colar de pérolas do pescoço. Greta Garbo tosse algures num som cavo e tuberculoso. Os metropolitanos guincham nos trilhos sobreelevados. Para conseguir triunfar neste universo, temos de ser detetives, ser espancados pelos "gorilas" todos os quarto de hora, estar armados no momento correto com a arma correta. Viciar regras já de si viciadas. Descobrir onde é que se esconde o *Night Mayor* e abatê-

lo. Pelo menos simbolicamente.

Em *The Illegal Rebirth of Billy the Kid* (1991), Rebeca Ore oferece-nos uma outra versão do Espaço Virtual. As suas "quimeras" são clones criados a partir do ADN animal geneticamente alterado. Representam, para grande alegria deste futuro decadente, personagens famosas da história. As Quimeras falam, pensam e agem como se vivessem no passado de que são originários. Billy the Kid é assim um simulacro, cuja biografia e personalidade foi retirada dos romances de três vinténs do séc. XIX. Devido a um micro-processador implantado no cérebro, que bloqueia todos os dados contraditórios de uma futura tecnologia que não esteja de acordo com uma perspectiva novecentista do mundo, onde há auto-estradas ele vê caminhos de terra, transformando subjetivamente os automóveis eletromagnéticos em carroças, os lasers, em pistolas. A Quimera do Billy the Kid, serve, claro, para brincarmos de cowboys e de duelos, para ser morto a tiro e resuscitado um número incontável de vezes. Coisas de gente rica...

O Espaço Virtual também possui uma função pedagógica. Podemos educar as futuras IAs num universo simulado que as fará crescer em poucos meses, num processo hiperconcentrado semelhante à infância e adolescência humanas. Em *The*

Cybernetic Samurai (1985), Victor Milan imaginou uma IA, Tokugawa, (cujo nome foi baseado num famoso Shôgun do século XVII), educada segundo os padrões do código Bushido japonês. Tokugawa passa assim por todas as experiências humanas, de bebê a jovem guerreiro, num universo virtual retirado de diferentes jogos de estratégia. Infelizmente, a educação sentimental de Tokugawa é tão eficaz que a

IA acaba por se apaixonar pela programadora, submete

ao seu jugo todos os computadores

das outras multinacionais, e, por

fim ao descobrir-se cercada,

comete o ato radical do se-

kupto, fazendo explodir todas

as bombas nucleares que estrategicamente dispôs

à sua volta.

Numa série de antologias organizadas por Robert

Silverberg, *Timegate* (1991), um centro de estudos históricos cria em

computador personalidades sintéticas, dotadas de consciência e capacidade interativa, baseadas em

figuras famosas do passado. A partir daí, basta juntar duas personali-

dades dialeticamente oponíveis e de diferentes épocas, e observar o que

acontece quando são postas em contacto. Nenhuma das figuras foi

informada que não passa de uma personalidade "construída". Todas

julgam ser o modelo original. Um modelo que se vê confrontado com

individualidades cuja cultura e

O termo "ciberespaço" foi

inventado por William

Gibson, em 1982,

apareceu pela primeira

vez no conto *Burning*

Chrome

sistema de valores é bem diferente. O que seria pôr Pizarro a conversar com Sócrates? O ateu Voltaire frente a frente com a iluminada Joana d'Arc? César, Cícero e Bakunin?

O termo "ciberespaço" foi inventado por William Gibson, em 1982, apareceu pela primeira vez no conto *Burning Chrome* e, dois anos depois, na bíblia do gênero que é o *Neuromante*.

O ciberespaço consiste numa representação gráfica das informações fornecidas por um computador, digitalizadas por um console portátil, e traduzidas em termos visuais através de um ou mais implantes diretamente ligados ao centro ótico do operador humano.

O ciberespaço é uma "alucinação" consensual extremamente complexa, acordada entre o operador e a rede informática, permitindo um acesso mais facilitado aos bancos de informações. Está muito longe da realidade totalmente programada do Espaço Virtual. Aqui não são necessários Data-suits. Basta ligar as fichas do console aos terminais implantados no neo-córtex, introduzir no console os códigos corretos de acesso à Rede Informática, para que, perante as nossas pálpebras semi-cerradas, surjam as informações desejadas e as respectivas vias de acesso, tornadas visíveis através de linhas coruscantes de luz. Ao longe, vêem-se as inacessíveis fortalezas geladas dos sistemas militares, cubos e prismas deliniados a néon, extremamente perigosas, porque podem destruir o "hacker" que se aproxime delas, graças a uma sobrecarga de indução eletromagnética capaz de lhe fritar o cérebro em poucos milissegundos.

O ciberespaço de William Gibson postula a existência de uma *rede* ou *grelha* informática que se estende até à órbita da Terra, uma espécie de Fortaleza Planetária, pejada de armadilhas programadas para atacar e perseguir os intrusos mais incautos, como um sonho de McLhuran transformado em pesadelo. O ciberespaço é tridimensional e navegável, tomando como ponto de referência a imagem do console de acesso. Porém, nesse oceano infinito de figuras geométricas, os grandes tubarões devoram peixe miúdo, as empresas aglutinam-se umas às outras, vírus corroem as paredes que defendem os grandes sistemas, em busca de um buraquinho por onde possam chupar informações valiosas, enquanto que as primeiras Inteligências Artificiais, (mais conhecidas por IAs), vão crescendo, conversando umas com as outras, conjurando meios de se livrarem do jugo dos programas que ainda as impedem de contaminar os sistemas vizinhos.

Espaço Virtual, Telepresença e Ciberespaço são as coordenadas orientadoras de um futuro que já é quase presente. Um futuro ao mesmo tempo noturno e coruscante, onde drogas sintéticas e gadgets hipertecnológicos se vendem nas bancadas dos mercados de rua, onde os óculos espelhados das personagens (*nobless oblige*) refletem a geometria frígida dos templos urbanos.

Um futuro que Raymond Chandler gostaria de retratar se vivesse nos dias de hoje e fosse escritor de FC.

João Manuel Barreiros é professor de Filosofia em Portugal. Além de crítico é um excelente autor de FC como atestam seus contos no *Somnium*.



Editora da UFSCar

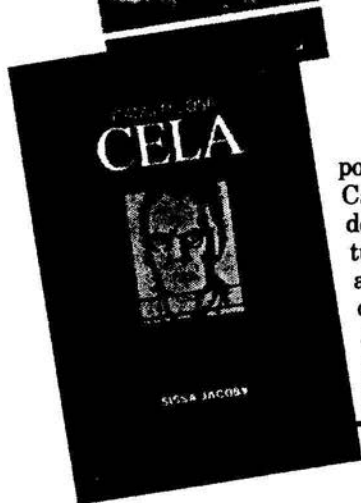


Parque Industrial, de Patrícia Galvão, foi publicado em 1933 numa edição limitada e quase clandestina. É uma obra literária distante do padrão narrativo vigente à época, com começo, meio e fim. As imagens se sucedem, interligando-se nas histórias de cinco mulheres, caracterizando uma tipologia urbana, em contraponto ao romance regionalista, sob a ótica feminina. Fora de catálogo por praticamente 60 anos, esta obra da musa do Modernismo é agora resgatada num esforço comum entre a Edufscar e a Editora Mercado Aberto. Preço: R\$ 8,60.

PRIMEIRO
DE
Aberto
NARRATIVAS DA CADEIA



Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia, de Salim Miguel. No golpe de 1964 intelectuais foram perseguidos e presos por motivos muitas vezes prosaicos, e submetidos a interrogatórios e situações humilhantes. Narrando com sobriedade, Salim Miguel relembra os amargos acontecimentos de uma época violenta, quando sua esposa, a escritora Eglê Malheiros, também foi presa, seus filhos pequenos ficaram abandonados, e apenas os mais próximos mostraram solidariedade, marca da verdadeira amizade. Publicado em conjunto da José Olympio Editora. Preço: R\$ 10,60.



A Ficção de Camilo José Cela: Além do Bem e do Mal, de Sissa Jacoby. Prêmio Nobel de Literatura em 1989, apontado como "o renovador do romance espanhol" e "a figura mais importante da literatura de pós-guerra espanhola", Camilo José Cela e sua obra são praticamente desconhecidos do público brasileiro. O presente estudo, originalmente uma dissertação de Mestrado, além do mérito de divulgar a obra de Cela no círculo dos estudos literários no Brasil, constitui-se em uma das muitas leituras a que se prestam os romances aqui estudados. Publicado em conjunto da Editora Mercado Aberto. Preço: R\$ 9,60.

EDUFSCAR - Editora da Universidade Federal de São Carlos. Via Washington Luís, Km 235 - CEP 13566-905 - São Carlos - SP - Tel. (0162) 74-8137 Fax (0162) 71-2081





Os Melhores Dez Por Cento

Roberto de Sousa Causo

Mais uma vez a editora GRD nos oferece o que há de melhor no gênero, com o lançamento de uma obra de peso de um dos maiores escritores da Golden Age da FC.

Eu estava indo para a II InteriorCon convidado de Honra, o escritor paulista Rubens Teixeira Scavone, quando me cionei que estava lendo a prova da tradução de uma novela de Theodore Sturgeon.

– Sturgeon? – disse Scavone. – Bom, hein! Tão bom que até ofende.

Achei a expressão meio esquisita, mas pensando bem, não poderia ser mais apropriada, especialmente em referência a este que é considerado como um dos melhores trabalhos de um dos grandes escritores daquela fase da ficção científica conhecida como *Golden Age*.

Uma vez mais o editor Gumercindo da Rocha Dorea cumpre a missão de *small press* (para usar uma expressão americana que não tem sinônimo em português): resgatar importantes obras que usualmente não despertariam interesse comercial de editoras de maior porte.

Violentação Cósmica exhibe a característica comum entre as obras de gênios, de integrar em harmonia elementos aparentemente antagônicos. É um livro composto de um amplo mosaico de situações e pontos de vista em que se varia até mesmo a pessoa narrativa, mas que não se furta a um narrador onisciente em boa parte do tempo. É uma história excepcionalmente bem contada, mas do mesmo modo um exercício bem realizado de caracterização psicológica de vários personagens, com um uso de linguagem evocativo, de uma beleza ao mesmo tempo moderna e clássica. É ficção científica em sua melhor tradição de inventividade e vigor imaginativo, embora em vários instantes pareça uma colagem de contos maistream, onde Sturgeon se dedica à posição da insensatez e futilidade humana, com resultados notáveis. É uma história apoiada no conceito *gestalt*, recorrente na obra de Sturgeon (em seu romance *Mais que*

Humano, por exemplo), do qual acaba destilando uma visão impressiva da individualidade, ou do valor da individualidade para o todo.

Apoiando o leve tom gozador que perpassa a novela, a premissa básica é ridícula: um esporo interestelar, que é a ponta-de-lança de uma inteligência coletiva cujo intento é a invasão da Terra, infecta o vagabundo Gurlick, quando ele come um hambúrguer feito de carne do cavalo que primeiro ingeriu o esporo. Gurlick, escória da escória, torna-se o mecanismo pelo qual a inteligência – identificada pelo narrador onisciente como “Medusa” – sonda a humanidade e se arma para dominá-la.

Espanta à Medusa que, aparentemente, a espécie humana, ao contrário de tudo o que ela vira na galáxia, seja composta de seres individualizados, que não possuem uma identidade coletiva. Sturgeon alcança aqui uma boa caracterização da “mente alienígena” – e nos capítulos que se intercalam às desventuras de Gurlick como agente da Medusa, a caracterização de diversos caracteres humanos.

Um homem que bola um plano para seduzir a garota mais bonita do escritório, que é esposa fiel do marido que se encontra do outro lado do mundo. Um jovem delinqüente italiano que odeia a música mais do que tudo. Um nativo da África que tem de vencer o medo para proteger sua plantação de inhames de um ladrão noturno. Um menino esmagado entre um pai opressor e uma mãe superprotetora. Uma menina que se perde da família, e que acabará morrendo se não for encontrada. Uma mulher sexualmente reprimida que se compraz em semear o seu recato

em uma vizinha leviana.

Cada uma dessas linhas é, em estrutura e efeito, como um conto, forma narrativa que celebrizou Sturgeon (tanto que existe nos EUA um Prêmio Theodore Sturgeon para contos). Elas captam o sentido do drama humano, com toda a sua carga de circunstancialidade, absurdo, medo, ódio, vilania, futilidade, virtude, intensidade, pequenez e grandiosidade. Quando cada linha individual alcança a confluência da linha principal conduzida pelo mesquinho Gurlick, e onde cada personagem assume seu papel na luta motivada pela invasão da Medusa, Sturgeon terá conseguido caracterizar a própria humanidade como um organismo ou como uma unicidade de destinos que todos partilhamos, através dos próprios dramas individuais.

Se o panteísmo sempre presente nas obras de Sturgeon é filosófica ou teologicamente questionável, o resultado artístico de *Violentação Cósmica* não o é. E se houvesse alguma justiça e sensibilidade verdadeira no *establishment* literário brasileiro, este livro seria celebrado como um dos mais importantes lançamentos do ano, e forçaria uma reavaliação do conceito que goza a ficção científica no país. Mas não espere por isso.

Há um instante, perto do final do livro, onde, arrisco-me a dizer, o autor chega perto de obter o que, num trecho do mesmo livro, ele sugere ser uma “poesia além da poesia”. Quando ele nos permite acompanhar a transcendência do indivíduo para a consciência coletiva, sem que se perca a identidade individual. Apenas a ficção científica dá margem à obtenção de efeitos tão fortes e ousados – como atesta o verbete sobre *science*

fiction da Enciclopédia Novíssima Delta Larousse: “[A FC] realiza em grande escala (ridicularização dos valores, mistura de processos narrativos, invenção de um novo espaço literário) o que a literatura experimental (a exemplo do “novo romance”) executa em laboratório”.

Theodore Sturgeon é conhecido pela sua sempre citada “lei”: *noventa por cento da ficção científica é lixo; mas, pensando bem, noventa por cento de tudo é lixo.*

Violação Cósmica está entre os dez por cento restantes, e, ainda a

respeito da obra, deve-se citar um outra lei, anônima: *toda boa ficção científica é sempre um exercício de expansão mental.*

Violação Cósmica
(*The Cosmic Rape*)

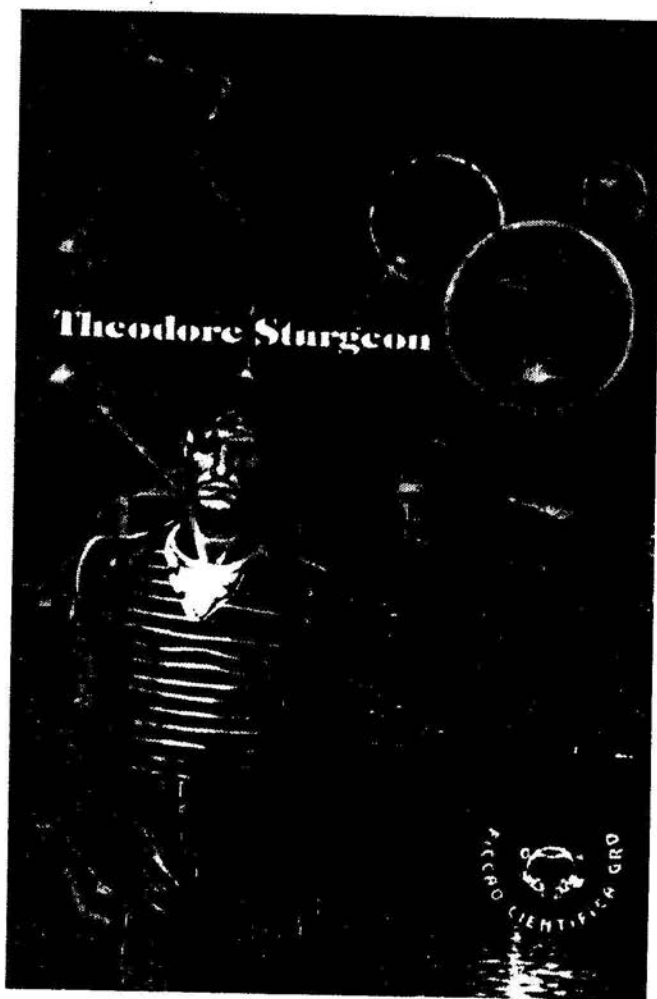
Theodore Sturgeon

Tradução: Donaldson M. Garshage

Ficção Científica GRD n° 1

Edições GRD, 1994, 114 páginas.

Roberto de Sousa Causo é escritor e ilustrador com grande atividade junto ao fandom nacional. Seu conto *Patrulha para o Desconhecido* conquistou o terceiro lugar no concurso Jeronymo Monteiro da Isaac Asimov Magazine.





somnium 61

A Moderna FC e Suas Origens

Luiz Marcos da Fonseca

Quando lemos alguma obra clássica de Júlio Verne ou H.G. Wells, invariavelmente nos deparamos com uma introdução ressaltando o pionerismo desses autores no gênero da FC. Sem dúvida a importância e o valor dessas obras estão fora de questão, todavia, um estudo mais aprofundado sobre o tema nos remete a autores mais antigos, e, muitas vezes, tão importantes como Verne e Wells, como é o caso do escritor norte americano Edgar Allan Poe.

No número anterior do *Somnium* abordamos a possibilidade do plágio de idéias na FC, mesmo ao nível dos grandes mestres do gênero. Evidentemente o assunto é bastante complexo e delicado uma vez que, sem sombra de dúvida, o universo da FC é bastante consensual. Todavia, isso não era totalmente válido no início do século quando foram plasmados os grandes temas do gênero. Surge então, como consequência, a questão: quando pela primeira vez foram utilizados os grandes temas da FC?

Apresentamos a seguir as origens de alguns deles.

Alienígenas na Terra

Os primeiros alienígenas a visitarem a Terra foram dois gigantes, um de Saturno e um de Sírius, os quais fazem uma série de observações satíricas sobre os habitantes da Terra, em *Micrômegas* (1750) escrito por Voltaire, grande filósofo e historiador francês.

A primeira estória na qual a Terra é invadida por alienígenas hostis é provavelmente *The Germ Growers* do clérigo (!) australiano Robert Potter. Esse romance, publicado pela primeira vez em 1892, precedeu a obra, sem dúvida mais importante, *The War of the Worlds*, de H.G. Wells, por seis anos.

Mundos alternativos

Um tema que aborda mundos que possuem uma estória comum com a nossa, até um certo ponto, no qual ocorre uma derivação (por exemplo, os aliados sendo batidos na Segunda Guerra Mundial). Segundos pesquisadores norte americanos, o uso mais antigo desse tema foi *May Happen Yet* (1899) de Edmund Lawrence, onde o autor conjectura sobre uma invasão

Napoleão à Inglaterra.

Todavia Jacques van Herp, pesquisador francês, cita no seu livro *Panorama de la Science Fiction* a obra *Napoléon Apocryphe (1812 - 1832), historie de la conquête du monde et de la monarchie universelle* de Louis Geoffroy, datada de 1836. Vemos aí Napoleão marchar sobre São Petersburgo e não sobre Moscou, e, pouco a pouco, conquistar o mundo inteiro, modificando-o à sua maneira, fazendo eleger-se papa seu tio Fesh, operando a fusão das igrejas, fazendo de Chipre um Estado judeu, unificando todas as legislações, os pesos, as medidas, as leis. Ao mesmo tempo inventam-se a máquina de escrever, o dirigível, o telégrafo elétrico... Todavia a obra, longe de ser totalmente panegírica, ressalta em cores fortes a pintura de um estado totalitário e opressor. Assim, quando membros fiéis ao general Oudet suicidam-se sobre o seu túmulo, o autor conclui: "Não existe mais sobre a Terra nem homem, nem palavra para exprimir a idéia da liberdade". Esta frase é quase que textualmente uma das conclusões de Orwell em 1984 (*en passant*: lembrando o tema tratado no último número, seria esta uma nova coincidência?).

Anti-gravidade

O germe da idéia da anti-gravidade está presente na obra *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*, de Cyrano de Bergerac. De maior importância é a *Viagem Para a Lua*, de George Tucker, publicado em Nova Iorque em 1827. Aqui a espaçonave era revestida com uma substância anti-gravidade, antecipando portanto a "Cavorita" de H.G. Wells (*The First Men in the Moon*, 1901) em cerca de 75 anos.

Cidades do Futuro

L'an 2440, de 1721, do escritor francês Louis-Sebastien Mercier é um trabalho seminal retratando uma Paris tecnologicamente utópica 700 anos no futuro.

Inteligência artificial

Em *The Ablest Man in the World* (1879) de Edward Page Mitchell (de novo ele!), uma máquina de calcular é transplantada no cérebro de um idiota, tornando-o um gênio. Mitchell escreveu também *The Tachypomp*, (1874) sobre uma supercalculadora, porém a primeira grande estória de computador foi sem dúvida *The Machine Stops* (1909), de E.M. Foster.

O fim do mundo

Sob o ponto de vista do fim da raça humana e do fim da civilização, a primeira novela apocalíptica foi *The Last Man*, de 1805, escrita pelo padre renegado francês Cousin de Grainville. Sob o ponto de vista do fim literal do mundo, esse tema foi magistralmente tratado pela primeira vez pelo astrônomo espírita e popularizador de ciência francês Camille Flammarion, no romance *La Fin du Monde* (1894). Existe uma tradução para o português intitulada *O Fim do Mundo*, da Editora Humberto de Campos da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Sobre outros temas voltaremos novamente no próximo número. Todavia, cabe ressaltar aqui a grande contribuição dos franceses e dos padres(!) na criação temática da moderna FC.

• Voltando às estórias ultracurtas de FC, recentemente fomos

jurados de um concurso desse gênero. Nosso associado Carlos Alberto Ângelo foi o vencedor e, desde o começo, vem demonstrando um singular talento para essa modalidade literária. A que se segue é uma composta para o *Somnium*:

Título: *O Livro que já Veio Autografado Pelo Autor*

Ivan, o grande escritor de FC *cyberindígena*, exigiu dos editores: "Tem que ter sexo na capa!"

Após complexas manipulações genéticas, conseguiram fazer brotar na capa uma vulva.


Grande sucesso de vendas!

Mas eis que surge a reclamação do exigente leitor:

"Quero trocar! Meu livro já veio grávido."

Propus ao autor uma substituição da frase "veio grávido" por "veio violado", todavia o Carlos Alberto preferiu manter o seu final, alegando uma dupla surpresa ao leitor (a gravidez do livro sem outros órgãos sexuais, mostrando a grande potência do autor, e a lembrança do título). Fica com o amável leitor a palavra final.

A segunda é do famoso fã e colecionador Forrest Ackerman. Consegue estabelecer um recorde difícil de ser batido: Escreve um conto de FC com um só símbolo!

Ficha de Exploração Espacial:		
Resultado do Exame de Entrada na		
Federação Galáctica: Planeta Terra		
pelo examinador Forrest J. ACKERMAN		
		
Gabarrido:	1: Admitido	0: Recusado

• Outro questionamento que pode ser levantado no tema "As Origens da FC Moderna" diz respeito à sua paternidade, atribuída geralmente a Júlio Verne e H.G. Wells. Meu ver, o primeiro escritor regular de FC foi o genial norte-americano Edgar Allan Poe. É uma marca inquestionável da sua genialidade que também tenha sido o precursor das modernas ficção de horror e de tetivesca. Na sequência listamos algumas de suas mais significativas histórias de FC, segundo a ordem de publicação:

Ms. Found in a Bottle, outubro de 1833. Um encontro com um navio fantasma arrastado inexoravelmente por correntes oceânicas para o pólo sul e a sua entrada para o centro da Terra.

Hans Phaall - A Tale, junho de 1835. Uma viagem de balão para a Lua.

The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket, jan.-fev. de 1837. A mais longa história de Poe, uma aventura marítima entre raças perdidas no pólo sul.

William Wilson, outubro de 1839. Um estudo sobre personalidades múltiplas.

The conversation of Eiros and Charmion, dezembro de 1839. Toda vida na Terra é destruída após a passagem de um cometa pela sua atmosfera.

A Decent Into the Maelstrom, maio de 1841. Na realidade uma das suas primeiras histórias, que permaneceu inédita por uma década. Relata as peripécias de dois pesca-

dores capturados em um enorme rodamoinho.

A Tale of the Ragged Mountains, abril de 1844. Uma viagem ao passado induzida por uma droga: a morfina.

The Balloon Hoax, abril de 1844. A primeira viagem transatlântica de balão.

The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade, fevereiro de 1845. Um catálogo de maravilhas do presente e do futuro.

Some Words With a Mummy, abril de 1845. Uma múmia egípcia é trazida de volta à vida para comparar as vantagens do mundo moderno com as do antigo Egito.

The Facts in the Case of M. Valdemar, dezembro de 1845. O cérebro de um homem é mantido vivo por mesmerismo após a morte do seu corpo.

Mellonta Tauta, fevereiro de 1849. Conto colocado mil anos no futuro (2848), detalhando a sociedade e as maravilhas da América nessa época.

Von Kempelen and his Discovery, março de 1849. A transmutação do chumbo em ouro.



Esboço de Poe, por Ben Damman

Centenário da Morte de Stevenson

Neste ano, comemora-se o centenário da morte do escritor britânico Robert Louis Stevenson. Edimburgo, sua cidade natal, apresenta um grande número de eventos comemorativos como shows de teatro, documentários de tv, exposição de objetos pessoais, manuscritos e conferências literárias.

Segundo o crítico francês Jacques Sadoul, Stevenson foi o fundador de um dos temas de base da FC moderna: o desdobramento da personalidade sob o efeito de produtos químicos, no clássico *O Médico e o Monstro*, escrito num furor literário em apenas três dias. Sua esposa ficou tão

horrorizada com o texto que ele queimou o manuscrito na lareira... e depois reescreveu à pressas em outros três dias, injetando uma leve exaltação moral para o agrado dela.





Dimensões

Claudia de Bella

*Pouco nos resta da infância,
senão as nossas melhores
lembranças. Algumas, de tão
aterradoras, escapam da
memória para perderem-se nos
corredores do subconsciente.
Na tradução de André Carneiro,
Claudia de Bella nos mostra um
belo trabalho sobre as
possibilidades fantásticas da
mente de um bebê.*

● bebê tem um ano e meio. É um bebê normal. Como todos eles, o bebê move em três dimensões: esquerda, direita, para diante e para trás, e para baixo.

A quarta dimensão - acima - começa um milésimo de milímetro além da ponta dos seus dedos estendidos sobre a cabeça. É inacessível para ele, às vezes terrorífica, outras vezes misteriosa. Nunca acolhedora.

No alto está o teto que não pode alcançar, as lâmpadas, o fecho da geladeira, o conjunto de sons. Também a cara da mamãe e, na sua perspectiva, é pouco mais do que um queixo, um nariz e algos dos olhos (mas, quando mamãe senta-se no chão, seu rosto fica deliciosamente mais perto).

Tudo o que o bebê quer está acima e lhe parece que nunca chegará a tocar. O mundo é feito de tentações postas de propósito fora do seu alcance para fazê-lo chorar.

De vez em quando, na ponta dos pés, consegue um atímo da quarta dimensão, um roçar indiscreto das unhas contra os elementos proibidos. Mas, se ele é visto... meu Deus, tem que ouvir "nããã", "pare", "o que é isso!". Tem de voltar para as três dimensões ao seu alcance, coagido pelos gritos da mamãe. Ali, no seu pequeno mundo pessoal, ele fica à vontade. Os brinquedos sempre à sua mão, ou ela cheia de grama e bichos para estudar, as revistas que tem ordem para rasgar e algumas pernas de mesas e cadeiras entre as quais mete a cabeça. Ele tem muito que fazer nas suas três dimensões: para baixo pode deitar-se ou engatinhar, fazer correr seus carrinhos ou encontrar aquele parafuso que o papai perdeu faz dois dias e que ninguém mais encontrou na casa inteira. Para a esquerda, direita, adiante e para trás, pode correr, empurrar o triciclo ou dançar ao ritmo de qualquer música.

É ótimo que, enquanto sua vida transcorre em três dimensões, não há nada que o aborreça, quase nunca o repreendem, quase tudo é permitido, pode descobrir o mundo à sua vontade e ninguém parece estar se importando. E a isso ele se dedica durante um momento, uma eternidade, cinco minutos, até que o desconhecido, o inexplicável, volte a atraí-lo como um ímã e o faça levantar a vista.

Sem ir mais longe, aqui ele está agora. Acaba de encontrar, na quarta dimensão, algo que justamente necessita para brincar. Está tratando de prendê-lo com seu olhar, fixando intensamente aquele objeto que não sabe o que a mamãe pode fazer com ele, na quinta estante da biblioteca. Suas pestanas se abrem para não interferir com o raio que dispara contra esse objeto (o que será?), mas essa maldita coisa (será fria, será áspera?) não se move. O bebê chora, esperneia, grita. Ele quer aquilo. Não existe nada no mundo que deseje mais.

Mamãe entra em cena. Diz "não", "não", "não". Abre a porta e o leva até o jardim, onde as tentações são menores e as coisas não se quebram com os desastrados movimentos dessas pequenas mãos (ou, pelo menos, não tão facilmente, porque sabemos o que o bebê pode fazer com as trepadeiras do papai, tão amorosamente cuidadas).

Ainda chorando, o bebê está no jardim. Continua obcecado com suas limitações. Seu irmão, de três anos, já tem sob controle a dimensão impossível, e o bebê o enxerga como um Deus. Vê como ele manobra para colocar bancos ou cadeiras em lugares estratégicos, trepar e alcançar aquilo que lhe agrada. Sua técnica é

depurada, executa a operação no mais completo silêncio e desfruta sua conquista durante muito tempo, um século, trinta segundos, até que a mamãe (Aquele Que Tudo Vê) o descobre e lhe dá o merecido.

O bebê já não chora. Fala sozinho, enquanto se encaminha até a árvore do fundo. A sombra é agradável e o convida a estender-se na relva e jogar com a bola que deixou ali há três semanas (e pensar que mamãe - Oh Ignorantes Dos Secretos Esconderijos - a procurou dias e dias até a dar por perdida). Há uma agitação no pequeno mundo de três dimensões onde tudo é importante. O bebê não está conformado, nem pensar nisso. Está juntando forças para o ataque seguinte, com o desejo de penetrar na quarta dimensão.

Enquanto isso, segue com os olhos a bola, que se afasta lentamente depois de um leve impulso. Terá de ficar de pé e correr para buscá-la e está a ponto de fazê-lo quando, justo em sua frente, uma estranha mosca chama sua atenção. Ela parece bastante rara. Como tem já classificadas todas as moscas do mundo, esta tem algo de novo. É maior do que as outras, quase não entra em sua mãozinha. E continua zumbindo, apesar de não voar.

O bebê repara nos olhos facetados e, com prazer, descobre sua própria cara multiplicada. Mas sua cara também se reflete no corpo e nas asas da mosca, como nas panelas da mamãe, e isto sim que é original. Deveria correr e chamar seu irmão para que, com sua experiência de conhecedor, explicasse as suas dúvidas. Mas é impossível. Não pode deixar de esticar os dedos, pegar a mosca entre as mãos, ouvi-la zumbir perto das orelhas. É linda essa mosca. Ela

passa a língua e lhe parece estar saboreando a colher cheia de doce que ele ganha quando come todo o purê do prato.

Fica entusiasmado. Volta a se enxergar nos olhos como vidros coloridos e a mosca move algumas partes do seu corpo. É neste ponto que o bebê, com um impulso que não pode controlar, lança de repente seu olhar até a copa da árvore que o cobre. Não entende como, mas imediatamente já não está no seu mundo pessoal, em suas três dimensões. Agora é dono e senhor do que está acima.

Está engatinhando sobre o galho mais alto. A luz do sol o ilumina completamente e percebe um pássaro atrás de umas folhas. Sente coragem de olhar para baixo e ali vê uma imagem conhecida: um bebê deitado na relva que segura a mosca enorme e brilhante.

Quando toma conhecimento do que se passa, está de novo no chão, refletido mil vezes na mosca. Então ela lhe diz o seu nome. Chama-se ESHI (ou esse é o nome que o bebê pensa que ouviu e que logo repete em sua meia língua). Eshi é sua amiga. Eshi lhe faz cócegas e lhe conta algo que o bebê não entende. Depois canta uma canção que fala de um nenê que viaja em "tatan" (qualquer veículo aéreo, no idioma do bebê) e que perdeu um brinquedo.

Fica escutando um pouquinho, mas logo se aborrece. Está a ponto de fazê-la rodar junto com a bola. Mas sua cabecinha está bem ativa e, de repente, ele se põe de pé, cruza o jardim e entra na sala.

Já se sabe o que ele vai fazer. Pede a Eshi essa coisa (será dura? será doce?) que não conseguiu alcançar antes, aquela na quinta estante

da biblioteca. A mosca deixa de voar - é melhor não alertar a mãe - e move as asas e esses que tem na cabeça. O bebê sabe agora tudo é questão de olhar cima para estar ao lado do objeto, pegá-lo e voltar ao chão, ao lado de Eshi, que está na mão do outro que ficou lá embaixo. Ótimo! E, graças a Eshi, pode tocá-lo, lambê-lo... e

Agora, sim, o bebê está certo que pode fazer com Eshi, por isso esconde muito bem em um lugar óbvio, onde ninguém será capaz de vê-la, lhe dá um beijo e volta à árvore do fundo, para desfrutar o tesouro (afinal, é somente um vaso de cerâmica, mas, claro, para o bebê é como se fosse uma ânfora de ouro).

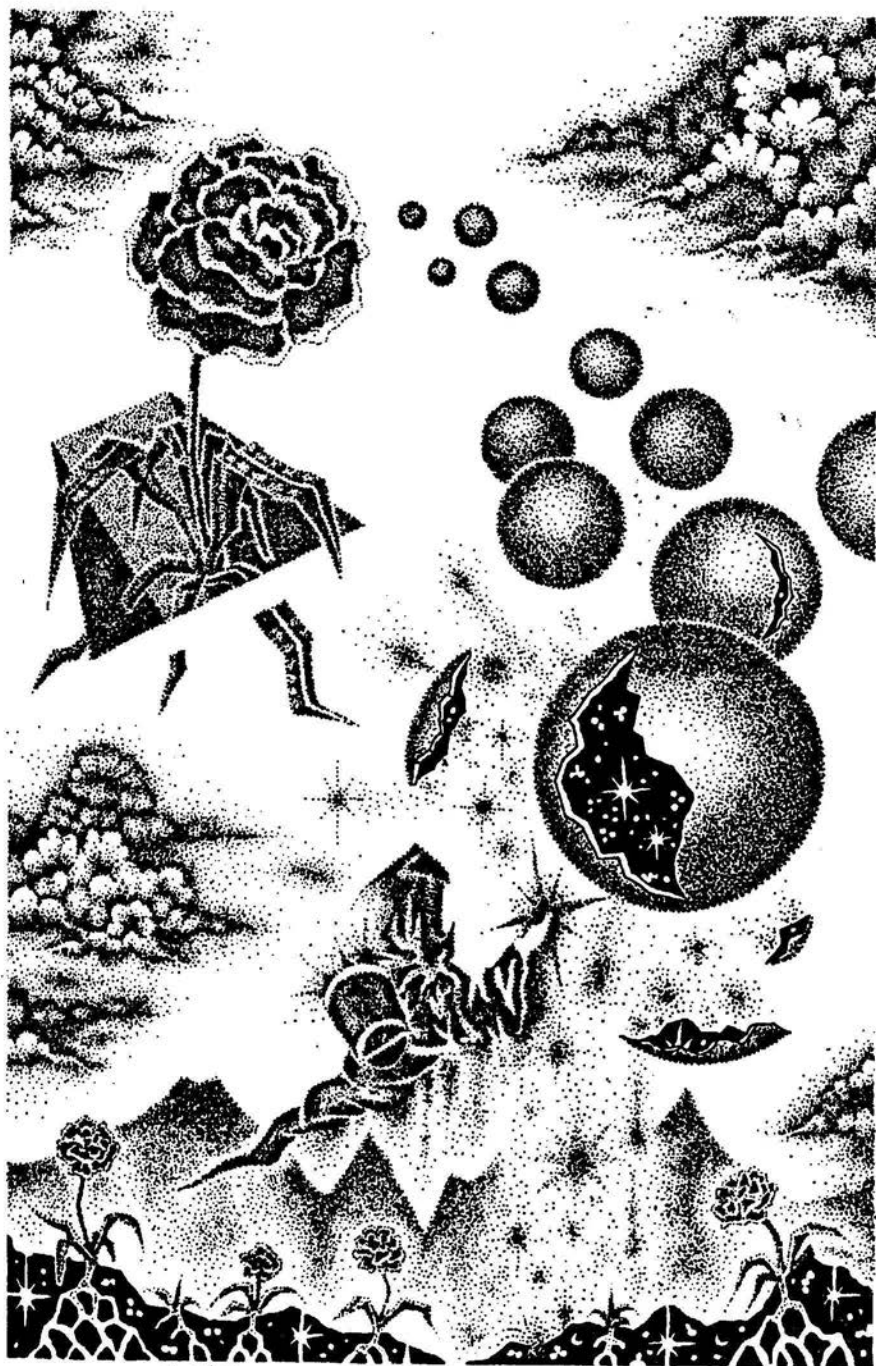
* * *

Muitos meses se passaram. A mãe, de uns tempos para cá, gasta muito tempo procurando coisas que estavam em cima e que, agora, ninguém sabe onde estão. Ela se queixa de que todas as empregadas devem estar furtando alguma coisa.

O bebê, ultimamente, está bem comportado que ninguém percebe a sua presença, sempre distraído debaixo da árvore do fundo, com a quarta dimensão totalmente descoberta.

Mas não será por muito tempo. Ninguém sabe, mas ele está preocupado. É que Eshi não pode ajudá-lo a alcançar todas as coisas que ele deseja, essas que parecem haver sido postas, de propósito, fora do seu alcance só para aborrecê-lo... essas, que ficam na quinta dimensão.

Claudia de Bella é uma das mais expressivas escritoras da nova geração argentina



ROBERTO SCHIMA 4/01/93

Roberto Schima, São Paulo



Mitos da Criação

Carlos O. Martinho

Num mundo virtual criado experimentalmente, um sacerdote deduz a equação que define Deus. Um Patriarca com poderes divino. Um "anjo da guarda" com a tarefa de mostrar que existe algo além da fria equação matemática. Porém, nem tudo corre como o planejado...

I

Arabaat Mendes, semibispo da Igreja Científica do Ducado 43, sentou-se em seu catre, mergulhou o rosto nas mãos e começou a chorar.

Tudo estava perdido.

A reunião com o bispo e o semicardeal havia sido sepultado, em definitivo, seu projeto; um projeto que Mendes considerava o mais lindo, o mais bonito que já havia sido feito, o mais completo canto à glória do Senhor.

Infelizmente, nem o semicardeal nem o bispo estavam pensando assim. Para eles, a busca de Arabaat Mendes era blasfêmia... nem mais, nem menos.

semibispo recebera ordens expressas de parte superior. Ao se lembrar das ordens, Arabaat ergueu-se, os olhos muito vermelhos, o rosto úmido, e fitou a tela do computador do outro lado de sua cela. A máquina ainda trabalhava no projeto de Mendes. Por dever de obediência, o semibispo deveria desprogramar o dispositivo logo ao entrar na sala.

Antes mesmo de chorar.

Hesitante, Mendes ergueu-se de seu catre e caminhou em direção à tela multicolorida, repleta de equações loucamente cambiantes; ao teclar, iluminado pela pequena lâmpada que ele, um dia, tivera esperanças de ver acender.

E que, naquele instante, acendeu.

O semibispo Mendes havia programado o computador para executar os cálculos de maneira intermitente, noite e dia, até a conclusão final. Prevendo que a solução talvez chegasse durante um de seus períodos de sono – contingência que a máquina ignorava, e à qual era imune –, Arabaat equipara o sistema com luzes e alarmes, que disparariam quando a Equação fosse descoberta.

E então, num verdadeiro milagre, um instante antes de Arabaat desativar o computador, as luzes

brilharam, o alarme soou. Mendes enxugou as lágrimas e exultou a Mente Universal. De que lhe importavam as ordens superiores?

O Senhor estava ali. Sua máquina acabara de decifrá-lo.

A Equação de Deus existia, e estava nas mãos do Homem.

II

- A única saída é uma regressão no programa. Um *loop* solipsista. Teoricamente, é possível.

Jeová sorriu candidamente. Ele já havia previsto aquele tipo de sugestão - afinal, sua função ali era prever e avaliar, e, no geral, se dava muito bem fazendo isso. Infelizmente, Jeová já havia previsto, também, uma objeção irrefutável:

- É uma possibilidade teórica, mas uma impossibilidade prática - todos se voltaram para o andróide na cabeceira da mesa, o *corpo* que Jeová usava para ocasiões de crise. - O programa é pluricausal, descontínuo, caótico. Na verdade, independente. Se mexermos num ponto da história deles, é impossível determinar como será o presente... essa distorção começou há três dos nossos anos... em tempo simulado, há quase dois séculos. Não dá. Isso sem falar no livre arbítrio. Interfira nisso, e todo o experimento vai pra merda.

Yuang King, psicólogo e historiador, mal conseguiu conter o riso ante a última frase de Jeová. Lá estava o maior de todos os computadores, o Criador de Mundos, o Simulador de Deus, falando, veja só, palavras. King notou que, dos sete humanos que participavam da reunião com o computador, apenas ele mesmo e Lin Soo, a lingüista, pareciam se divertir com as palavras de Jeová. Todos os demais

estavam muito compenetrados para notar ironia ou qualquer outra coisa. E tinham seus motivos para isso; a Cidade Eterna era o maior centro de pesquisa sociológica, antropológica e exológica da Terra, e Jeová, seu sistema gerenciador (ou, como dizia a imprensa sensacionalista, o sistema gerenciador por excelência, infalível e implacável). Se Jeová descartava qualquer possibilidade de reprogramação... Bem, que alternativas restavam?

- Então, que podemos fazer? - Pedro Borin, antropólogo (o cara que havia sugerido a reprogramação), dava voz à apreensão geral. - Meu Deus, não podemos deixar HST-21 entrar em colapso! A sociedade que criamos lá é...

- Estou ciente da importância de HST-21, Pedro - Jeová falava, como sempre, com uma reconfortante mescla de descontração e respeito. - É por isso que descarto a reprogramação.

- O que nos resta?! - Howard Carter, teólogo, brincava com uma caneta, tentando amenizar a tensão. - Deixá-los nesse caminho?

- É uma idéia interessante... - Jeová refletiu um pouco. - Mas não. A interferência deve ser neutralizada.

- E como? - King participava da conversa pela primeira vez.

- Ah, professor King - Jeová dava demonstrações de estar realmente encantado. - Temo que teremos de implementar seu projeto... Como o senhor o chamou? *Anjo da Guarda*.

- Botar alguém lá dentro?! - Borin estava prestes a explodir. - Isso é...

- Teoricamente possível - disse Jeová, com o tom de voz de quem dava o assunto por encerrado. - Professor King, eu agradeceria se o senhor

tivesse um agente em condições de partir dentro de... uma semana. Vou colocar a simulação em tempo real, assim só perderemos sete dias, de qualquer forma.

Yuang King estava aturdido; o projeto Anjo da Guarda era tido por muita gente (e muita gente importante) como uma fantasia grotesca, e ele próprio se acostumara a encarar a coisa dessa maneira: uma excentricidade da juventude. Ainda bastante inseguro, King decidiu aguardar pelo final da reunião, para falar a sós com Jeová – algo lhe dizia que o computador desenvolvera idéias próprias acerca de Anjo da Guarda.

III

Yuang não se surpreendeu quando o catálogo lhe disse que Rafael Lagrange havia transferido seu escritório para Woodrowville.

– Reserve-me um lugar no próximo vôo, por favor – pediu King ao rosto azulado que brilhava sobre o disco prateado de seu terminal da Rede. O rosto – uma representação antropomórfica do exemplar de Yuang do Catálogo Geral de Compras e Telefones – franziu o cenho.

– Woodrowville fica em Território Apátrida, senhor.

– É mesmo? – a informação, ao que tudo indicava, já era do conhecimento de Yuang. – Faz sentido.

– Devo confirmar a reserva? – o catálogo estava bastante apreensivo.

– Confirme, sim. Para amanhã.

Com um suspiro de “quem entende esses humanos?”, o catálogo se desativou, deixando uma holografia ornamental a flutuar sobre o disco.

Sim, pensou Yuang, o Território Apátrida, a faixa de espaço sideral onde nenhum tipo de Lei, Estado ou

Governo tinha validade; onde cada um deveria fazer valer seus direitos pela própria força. Uma terra selvagem, onde viviam bandidos, utopistas e desertores das mais variadas causas e exércitos. Nenhum lugar seria melhor para Lagrange; não depois do que se havia descoberto sobre Fernando e sobre si mesmo.

No dia seguinte, às onze da manhã, Yuang decolava do Complexo Espacial como caronista num vôo de suprimentos para o Território. Como o catálogo havia descoberto, não existiam vôos de passageiros regulares para o espaço apátrida; quem ia até lá ou tinha sua própria nave ou pegava uma carona.

A viagem em si foi bastante calma, e tediosa. Nada da pirataria ou da autodefesa paranóica de que falavam as pessoas que visitavam o Território. O piloto era um tipo bastante calado, e Yuang não obteve resposta sequer quando se despediu dele, apertando o botão para não se atracarem em Woodrowville.

Woodrowville era uma mansão flutuante, uma estação construída para abrigar família e criados. A história do lugar era mítica: políticos corruptos, piratas, espões e milionários reclusos haviam habitado o lugar, e todas essas histórias davam ao designo extremamente funcional de Woodrowville uma aura inegavelmente gótica.

Os suprimentos foram descarregados, e Yuang ficou parado, só em meio a caixas de componentes pentadimensionais e pouca (muito pouca mesmo) comida, na garagem da estação. Um grupo de robôs logo cuidou das caixas, e King se viu solitário na garagem nua.

Então Lagrange apareceu, vindo

de uma escada metálica, que descia em espiral de uma porta bastante discreta.

- Olá, King. A que devo a honra...

- Você não foi avisado? A Cidade Eterna fez contato com sua secretária...

- Nunca dou atenção à minha secretária.

Houve algum silêncio, enquanto Lagrange se afastava do pé da escada, caminhando na direção de Yuang.

- Você ainda está no negócio... nesse negócio de *mercenarismo*?

- Não me deixaram muita escolha, não é mesmo?

- É.

Subitamente, Rafael Lagrange sorriu: - Venha, vamos tomar uma cerveja. Eu pago.

IV

- Você conhece o projeto Cidade Eterna, não?

Rafael assentiu com a cabeça, dizendo: - Simuladores, não é? Vocês têm um computador que imagina, que *sonha* mundos e... vocês ficam monitorando isso. Civilizações e civilizações. Humanas e alienígenas. Masturbação pura.

- É mais que isso, Rafael. Jeová (esse é o nome do computador) não apenas... *sonha*. Ele dá aos mundos leis científicas, padrões gerais de comportamento... dá padrões e *liberdade*. O sistema é caótico e auto-regulado. De um ponto de vista estritamente filosófico, aqueles mundos são tão reais quanto o nosso. Eles têm formas de arte... surpreendentes. Para nós eles não passam de simulações, mas, para si mesmos, são mais. Tão reais quanto nós somos, do nosso próprio ponto de vista.

- E onde está o problema?

- Em HST-21.

- Isso com certeza esclarece tudo.

Yuang piscou três vezes, e depois riu, baixinho.

- Ah, sim... significa Humano, Sistema Teocrático, versão 21.

- Padres mandando?

- Padres mandando.

- O que aconteceu lá?

- Alguém nos descobriu. De alguma forma... Veja, a simulação é coordenada por leis de formação, equações, mais ou menos como o nosso universo tem suas leis naturais. Supõe-se que exista uma teoria geral que explique nosso universo... No caso das simulações, isso é um fato: *nós* definimos as teorias gerais. Pois bem... em HST-21, alguém parece ter descoberto... É a única explicação. Existe alguém manipulando aquela realidade; e manipulando *de dentro*. É mais ou menos como se alguém no nosso universo conseguisse... sei lá, capturar Deus. Percebe?

- Por que vocês não refazem o programa? Apagam o personagem que está dando problema?

- Não podemos intervir diretamente... Desvirtuaria a experiência. Nós estamos tentando *produzir realidade*, vê? Não se produz realidade fulminando a oposição com raios.

- O Velho Testamento está cheio disso.

- Eles já superaram a fase mística - Yuang suou frio ao dizer isso.

A conversa parou por alguns momentos, enquanto robôs tornavam a encher os copos com cerveja.

- O que você quer de mim? - Rafael perguntou, finalmente.

- Temos meios de... transferir uma consciência real para dentro do programa. Colocar alguém lá que investigue a situação e tome as providências

adequadas. É arriscado, lógico. Morrer dentro do programa certamente significaria coma irreversível no mundo real. Como sei que você é um bom investigador, e não teme assumir riscos...

– Espere aí – Lagrange estava fazendo força pra se conter -, eu não me importo em assumir riscos quando existem vidas em jogo. Mas não tenho a mínima intenção de virar um vegetal só praquela punheta intelectual de Cidade Eterna poder continuar. De jeito nenhum.

– Mas há vidas em jogo... – King baixou os olhos. – Os personagens da simulação... eles são livres... têm sentimentos...

– Dentro da cabeça de um maldito computador! Aqueles caras, não importa quantos bilhões sejam, não estão vivos!

– Nesse aspecto, são tão reais quanto você.

Lagrange virou seu copo de cerveja com um só gole.

– Saia daqui – disse Rafael, num tom monocórdico. – Uma nave virá buscá-lo às dezoito horas. Até lá, fique fora de minha vista. Por favor.

Depois que King deixou o aposento, Lagrange tocou a tâmara direita um certo número de vezes, variando, a cada movimento, a pressão exercida pelos dedos. Como sempre, ao fazer isso, se surpreendeu rezando: rezando para que nada acontecesse. Em meio à oração, tentou imaginar, não sem alguma ironia, a qual deus deveria endereçar suas palavras. Completado o código, sentiu o nariz afundando, uma estranha comichão no palato e na mandíbula. Seu rosto dividiu-se em dois painéis, que deslizaram para os lados, mostrando um espaço vazio,

escorado por aros metálicos e de material sintético. O andróide revelou para a sala vazia – e para si mesmo o principal duto de manutenção de Calculador Pentadimensional – dispositivo que era coração e alma toda e qualquer “máquina pensante”.

V

Às dezessete horas e trinta minutos, Yuang King desceu do quarto hóspedes de Woodrowville à garagem da estação, para esperar pelo transporte que o levaria de volta à Terra. Na garagem, King deparou-se com Rafael Lagrange.

– É difícil manter-me fora de suas vistas – Yuang disse – se você estiver sempre nos lugares aonde preciso estar.

Rafael olhou para King como se impertinência do cientista o divertisse; afinal, aquele não era Território Apátrida? A vida de Yuang não estava inteiramente nas suas mãos?

– Vou ajudá-lo – respondeu Rafael. – Estou aguardando o mesmo transporte que você. Voltaremos juntos para Cidade Eterna.

Yuang sentiu-se grato e surpreendido, mas achou melhor não demonstrar nada disso. E os dois, homem e andróide, ficaram lado a lado, esperando a nave.

Embora já tivesse ouvido muito respeito do projeto Cidade Eterna, ao menos, tanto quanto qualquer outro habitante do Espaço Humano, Lagrange não pôde deixar de se sentir assustado com a imponência das instalações, ou com a enorme complexidade de Jeová, o rosto invisível por detrás de todo o experimento. Os tradicionais cadilhos religiosos que povoavam todos os codinomes da Cidade Eterna deixaram de ser, aos olhos de Rafael,

sinais de excentricidade, ou de megalomania. Naquele lugar eles realmente criavam e administravam universos - e não é exatamente isso o que os deuses fazem?

A instrução de Lagrange ficou a cargo do próprio King e de Carter, o teólogo. O processo ocorria em longas horas de debates sobre HST-21, suas características, sua importância no programa maior - universo 78 - e a importância do 78 no multiverso 33. Entre muitas outras coisas, Rafael ficou sabendo que HST-21 era chamada, pelos *nativos*, de Terra.

Infelizmente, porém, nenhuma informação conseguia fazer Lagrange visualizar qual, exatamente, era o problema em HST-21.

- Alguém está manipulando os parâmetros de realidade do 21, droga! - era assim que Carter respondia às indagações, quando elas se tornavam muito insistentes.

- Alguém de dentro do programa?
- Rafael tentava demonstrar o máximo de paciência.

- É!

- Como vocês sabem disso?

Nesse ponto a conversa deixava de ser aquilo que Rafael chamaria de palpável: os cientistas falavam em colheitas *impossivelmente* grandes, taxas de natalidade e mortalidade que não *faziam sentido*, movimentos migratórios *inexplicáveis*, alterações ecológicas... Dados expressos em termos muito vagos e, Lagrange pensava, que merda, muito subjetivos. Isso até três dias antes da viagem, quando Carter finalmente apareceu com uma informação relevante:

- Escute, Lagrange, eles têm um Patriarca... bom, esse cara parece estar ocupando o posto desde que completou os quarenta anos (tempo simu-

lado!), o que foi há pelo menos cento e setenta anos lá deles... Quando a vida máxima tolerada por Jeová, para seres humanos, é de cento e trinta anos simulados, e apenas em 0,000035% dos casos.

- Bem, isso é algo para investigar... Qual o nome do Patriarca?

- Frehemat Himes III.

- Ele está pronto? - Jeová perguntou, tenso.

- Sim - King parecia não querer responder. - Ele já tem... toda a informação. Tudo o que foi seguro lhe contar.

- Você não parece nada satisfeito... Vamos, homem, estamos salvando um mundo!

- Nós não deveríamos manipular pessoas assim.

- Não é o que Deus faz? E, merda, Lagrange é apenas um andróide!

- Você também, Jeová. Você também...

- Ah, droga, nós só fazemos... o que é necessário. Vamos, mande chamar Carter e o nosso Anjo. Está ficando tarde.

Duas horas antes de ser lançado em HST-21, Lagrange foi convocado para uma última reunião. Ali estavam King, Carter e o próprio Jeová, ou uma de suas representações andróides. Rafael sentiu-se mal na presença da alma do complexo; aquele andróide que servia de hospedeiro a Jeová era, com certeza, muito mais avançado do que ele próprio - e não parecia digno de confiança.

- Estou aqui para desejar-lhe sorte, Lagrange - disse Jeová.

Lagrange fez um aceno de agradecimento com a cabeça.

- Bem, vamos ao que interessa -

disse Carter. — Lagrange, você será implantado no programa com a identidade de um indigente... assim não teremos de violentar o programa, criando um passado para o seu ego; ninguém liga pra indigentes... ou pro lugar de onde vêm.

— Seu ego simulado será mais forte e mais esperto que a população em geral; infelizmente, não podemos fazê-lo imortal ou invulnerável. A morte no programa significa...

— Coma, eu sei. Já tive essa lição — disse, olhando para Yuang.

— Para seres humanos, sim, mas... — um olhar de reprovação, vindo de Jeová, fez Carter mudar subitamente de assunto. — Você eventualmente poderá executar pequenos milagres — continuou. — Mas não fique muito entusiasmado; são quase todos truques de salão... curas de doenças, coisas assim.

— Não posso ser conivente com muitas distorções, senão o *continuum* deles vai pra cucuia — desculpou-se Jeová. — E, de qualquer forma, seu serviço é identificar a fonte dos milagres, não transformar-se nela.

— Compreendo... — Lagrange falou baixinho.

— Mais dados e detalhes serão implantados diretamente em seu ego simulado — King olhou para o relógio. — Vamos para a sala de transferência.

VI

A sala de transferência era um cubículo de paredes nuas. Em seu centro havia uma espécie de sarcófago de cristal, equilibrado sobre uma de suas arestas num ângulo impossível, a 70 graus com a horizontal, sem nenhum dispositivo aparente a sustentá-lo. O neurocirurgião se aproximou do grupo que entrava e se dirigiu direta-

mente a Rafael.

— O sistema foi ajustado de acordo com os últimos testes, Lagrange.

Sem dizer uma única palavra, Rafael deitou-se no interior do esquire inspirou profundamente. Seus dedos tocaram a tampa com uma velocidade inquietante. A porta facial abriu. Em resposta, uma agulha de cristal brotou, lentamente, formosa e destacando-se, fluida, da tampa do sarcófago. Era o plugue de interface.

O neurocirurgião contemplou, fascinado, o vazio tomar o lugar do rosto de Lagrange. Um vazio infinito, onde a única fonte de luz era uma tomada fluorescente, que se apagou quando a tampa do esquire foi fechada — momento que enterrou a agulha de cristal no nada facial do andróide.

Uma espécie de arrepio percorreu a representação antropomórfica de Jeová quando a conexão se compôs. Com um meio-sorriso, o corpo computador disse:

— Tudo bem. Ele entrou.

VII

Lagrange jamais seria capaz de descrever a sensação de mergulhar a consciência num simulador. A sensação em si, o instante em que sua alma flutua entre duas realidades. Havia algo ali; não era um processo automático, agora-você-vê-agora-não, mas também não era qualquer outra coisa.

O universo voltou a fazer sentido para Lagrange (algo lhe dizia que seu nome era, na verdade, Geerhaj Fortes) assim que ele se viu caído num beco, um lugar fétido e pouco iluminado. Ele vestia um sobretudo bastante surrado e usava uma barba de volume considerável. Apalpando os braços

Rafael descobriu-os parcialmente cobertos com algum tipo de imundície bastante escorregadia.

- Graxa - ele murmurou, em parte surpreso por haver reconhecido a substância. Com um pouco de esforço, o andróide foi capaz de enumerar em sua mente uma vasta lista de compostos químicos de uso corrente em HST-21, a história do planeta, seu sistema político, a tecnologia local. Tudo implantado durante a transferência.

De repente, Lagrange sentiu fome.

Isso foi algo chocante. Afinal, andróides não têm fome... Ah, claro: o corpo simulado era um corpo humano. Logo, tinha fome. Com reflexos que não eram seus, Lagrange revirou os bolsos do sobretudo. Encontrou ali dez pequenos discos prateados, soube que possuía exatamente um geoy e soube que aquilo não seria suficiente para uma refeição.

Ignorando suas necessidades físicas, Rafael caminhou para fora do beco, chegando à rua imunda, cercada por edifícios também imundos e decadentes. Lagrange sabia que aquele quadro deprimente se referia apenas à zona norte da cidade, e que no Distrito Patriarcal, ao sul, o estilo e a conservação de ruas e prédios eram impecáveis.

Distrito Patriarcal! Essas palavras fizeram Lagrange recuperar, de maneira bastante clara e súbita, a consciência de sua missão. Ele decidiu, então, começar a atravessar a cidade logo que conseguisse algo para comer.

A oportunidade surgiu a cinco quarteirões dali, onde um bando de adolescentes saqueava um supermercado. Eles gritavam muito, e pareciam bastante entretidos com as bebidas alco-

ólicas e com o sexo de algumas garotas do caixa. As meninas não demonstravam muita vontade de cooperar com o lazer dos rapazes, mas a opinião delas não estava, até onde Lagrange (Fontes?) podia ver, sendo levada em conta.

As pernas de Geerhaj Fontes se flexionaram e o indigente caiu como uma rocha sobre os saqueadores. Os punhos de Fontes esmagavam ossos sem muita dificuldade. Cada fibra muscular vibrava como a corda de um instrumento afinadíssimo, em absoluta precisão e harmonia com o todo.

Os garotos estavam agora mortos ou seriamente feridos. Fontes sequer suava. As jovens tremeram um pouco, mas quando Geerhaj demonstrou mais interesse no presunto e na cerveja que em corpos femininos, elas sorriram de leve e se afastaram.

Lagrange (já quase totalmente encoberto pela pseudopsique de Fontes) se divertiu com a sensação de estômago cheio. Durante toda sua vida, ao menos depois da morte de Fernanda (há tanto, meu Deus, tanto tempo!), consumir matéria orgânica havia sido apenas um ritual - algo para fazer-se simpático ante os humanos. Agora... - sempre houvera o atrativo do sabor, claro; mas o alívio do fim da fome, da saciedade, era uma novidade enlevadora.

Passado o torpor sensorial, o êxtase, já Geerhaj Fontes, Rafael sorriu em aprovação à performance do corpo. E se pôs a caminho.

VIII

A identidade de Fontes era estranhamente familiar, e Rafael quase enlouquecia ao pensar que estava pensando sobre si mesmo mas sem se referir a si mesmo exatamente... A metafísica o fazia rir um risinho de

escárnio, ou de medo.

Na prática, Geerhaj estava no comando, embora Lagrange permanecesse ativo em algum ponto daquela mente, como um olho por trás da câmara; na verdade, os pensamentos de Fontes diferiam em muito pouco dos de Rafael, e na maior parte do tempo era como ter um eco na cabeça.

O plano era bem simples: atravessar a cidade e bater um papo com Himes. Havia, claro, a questão de como ser levado à presença do Patriarca... Mas Fontes tinha uma resposta para isso; uma resposta que Rafael admirava profundamente. Na verdade, a pequena confusão no mercado havia sido apenas o começo.

IX

Ao amanhecer, Rafael estava numa praça, um lugar de limo e concreto, onde alguns indigentes dormiam. Um deles tinha o sono muito agitado; de fato, o homem convulsionava de febre.

Geerhaj Fontes tocou a testa do homem, e as convulsões pararam, a febre sumiu. Embora os indigentes ainda dormissem, todos eles saberiam – ao acordar, todos os escolhidos saberiam.

Geerhaj Fontes, transmutado no Salvador, continuou sua marcha em direção ao sul.

Ao meio-dia, um instinto fez com que Fontes entrasse numa loja, um lugar onde se vendiam calçados, cintos e bolsas. A balconista, chamada Yereza Lima, olhou para o Salvador, largou tudo (a obesa cliente, inclusive) e seguiu-o.

X

Yuang estava reclinado numa poltrona, farejando preguiçosamente a

fumaça que saía de seu chocolate. Jeová sentava-se numa poltrona adiante.

– Ah! – o rosto do Simulador sorria satisfeito.

– Então? – King bebeu um pouco queimando a ponta da língua.

– Ele fez contato com a discipula. Tudo está funcionando...

– É uma bela história, não? Amém e Morte.

– Há quem diga que todas as histórias são sobre isso.

– Quanto tempo? Até o martírio?

– Seis dias. A simulação continua em tempo real.

Houve um hiato de silêncio, como se homem e máquina se comunicassem sem por pensamento.

– Lagrange irá nos perdoar? – King havia posto a caneca de lado.

– Eu... bem, espero...

Yuang fez que sim com a cabeça.

XI

Fontes falava com a discipula, com a pequena multidão de seguidores – vinte ou trinta indigentes de olhar brilhante e absurdamente sorridentes. Lagrange não conseguia entender o que acontecia – Geerhaj agora dominava totalmente a cena. Rafael podia apenas assistir e se apoiar. Abraçado a Yereza (Fontes amava; Lagrange não estava certo), Salvador fazia discursos. Aquele era seu terceiro dia no mundo e, aos poucos, os desvalidos, os miseráveis, os (Deus!, Rafael pensava, que blasfêmia...) pobres de espírito e os mansos vinham a ele.

– Vão para casa, amigos; tenham fome e preciso descansar.

Com essas palavras, Geerhaj dissipava seus seguidores. Ele ficava então, só com Yereza, e o casal

lhia ao vão de um viaduto, onde
ia e fazia amor. Era a hora do de-

Figura apagada durante as prega-
es, Yereza era bastante ativa quan-
sozinha com seu mestre. De mente
arguta, a jovem ajudava o Salva-
a melhor estruturar sua mensa-
Naquele entardecer eles discuti-
a chegada de Fontes aos portões
Distrito Patriarcal.

- O que você pretende fazer? -
Yereza perguntou.

- Tenho de falar com Himes... ex-
plicar que ele está errado. Que a Igre-
Científica está errada. Ciência não
resposta.

- Ele vai ouvi-lo?

- Vai.

- Como você sabe?

- Tenho algo que ele... que ele re-
conhecerá.

- Uma marca?

- Mais ou menos isso.

XII

Os informes sobre o Salvador
arrotavam a mesa de Himes, isso
em falar em seu terminal de compu-
tação e nas linhas telefônicas. Ainda
muito pequeno para atrair a atenção
da mídia, o movimento de Geerhaj
não escapara, contudo, aos olhos da
Igreja. Sozinho em seu gabinete, o Pa-
triarca de toda a Terra pensava em
mandar a polícia cuidar dos arruacei-
ras, mas algo detinha sua mão. *Avisa-
m-me que alguém talvez viesse,
pensava. Alguém que a Equação não
poderia prever, ou destruir. Sempre
chei que fosse apenas uma hipótese a
mais, mas agora...*

- Pode ser ele - murmurou, sem
saber que falava consigo mesmo.

Voltando-se para a tela do compu-
tador, o Patriarca reviu, pela duodéci-

ma vez, as cenas de cura dos aleija-
dos. O Salvador não curava muito,
nem fazia questão de executar seus
milagres em público. O número de se-
guidores dificilmente superava os
quarenta.

Ciência não é a resposta, dizia
Geerhaj. *Equações não explicam tudo*
- jamais explicarão. Heresia, claro. Hi-
mes, seu poder, sua imortalidade não
derivavam da ciência? Da Equação?
Não era o próprio Deus uma relação
matemática?

- Se eles chegarem mais perto
- Himes falou consigo mesmo de
novo -, terei de convocar o Pretor.

XIII

- O plano me parece contraditório
- Borin falava com uma sinceridade
ofendida; a impressão era de que to-
dos ali sabiam de algo, menos ele.

- Lagrange deve pensar a mesma
coisa - Yuang apoiou os cotovelos nas
coxas, inclinando-se para a frente. -
Pelo menos, o pouco de Lagrange que
ainda subsiste... como observador.

- Eu, pessoalmente, acho tudo
uma tremenda boa idéia - Carter, o
teólogo, exultava entre baforadas do
cachimbo. - Criar uma situação mes-
siânica, subverter o sistema sem alte-
rá-lo de fato... Muito bom mesmo.

- Certo... - Borin piscava rapida-
mente. - Mas por que tivemos de
enviar Rafael? Não poderíamos criar
um messias e...

- Rafael é a parte divina de Fon-
tes; lembra-se do dogma? Naturezas
divina e humana... mescladas. No fi-
nal, será Lagrange quem irá falar.
Fazer o discurso decisivo.

- O que me confunde - Carter dis-
se - é que pensei que não iríamos
interferir diretamente... sempre ima-
ginei esta missão como algo discreto,

não como um movimento religioso em alta escala. Ora, o plano atual é ótimo, mas...

— Afé que está a beleza da coisa, Howie — Jeová falou. — Nós *não estamos* interferindo diretamente. Tudo que aconteceu depois que Geerhaj encontrou a garota foi estritamente espontâneo... tudo que fizemos foi o que dissemos desde o início: introduzir alguém do nosso mundo no mundo deles. E, de qualquer forma, Geerhaj jamais terá um movimento em alta escala; poucos ouvirão falar dele, e a Igreja se encarregará de apagá-lo da História... embora suas idéias devam permanecer e sedimentar, com o tempo.

— E eu — Yuang se sentia culpado — disse a Lagrange que HST-21 já havia “passado da fase mítica”...

— Deus, uma teocracia está *sempre* em fase mítica. Mesmo essa aberração que criamos... teocracia científica.

— Um antropólogo saberia disso, não um andróide. Por que mentimos a ele? Sobre a natureza da missão, sobre seu papel, seus poderes...

— Foi necessário. Ele não iria de outra forma. E o plano exigia um andróide... um andróide especial. Com os sentimentos *corretos*. Apenas Lagrange se encaixava no perfil.

— Calma, King — Carter recarregava o cachimbo enquanto media as palavras. — Ele tem boas chances de sair ileso.

A sala ficou em silêncio.

XIV

Durante a caminhada até o Distrito Patriarcal, Lagrange pensou bastante em Yereza e em Fernanda. Rafael amara Fernanda — se é que *amor* define uma emoção de apego e desejo tão forte, vibrando por toda a extensão das cinco dimensões compre-

endidas pelo cérebro artificial. Lagrange lembrava-se de seus tempos de pseudo-humanidade, antes que a barreira da quinta dimensão caísse em sua mente.

O tempo em que Rafael Lagrange se acreditava um homem. O tempo em que havia uma família.

Então Fernanda foi morta, a barreira caiu, a dor, a saudade percorreram pela primeira vez a estranha quinta dimensão — o espaço onde as máquinas guardam suas almas.

Uma sensação enlouquecedora. *Por que me lembrar disso agora? Yereza é a mulher dele*, Rafael pensava. Geerhaj já era tratado pelo pronome dele. O outro. Lagrange se imiscuía no amor de Fontes como um observador involuntário, sem muita escolha. O Distrito Patriarcal dividiria com Fontes os mesmos sentimentos?

É horrível não ter outra coisa a fazer além de pensar.

XV

Quase ninguém notou, mas naquela manhã trinta e nove das quatrocentas e cinquenta pessoas que tentaram forçar a entrada através dos portões do Distrito Patriarcal foram mortas.

O Distrito é uma cidadela fortificada, remanescente de tempos mais belicosos — quando a simulação ainda se prendia ao modelo histórico do mundo real. Muita gente passa diariamente ao largo de suas muralhas, pessoas indo ao trabalho, ao culto, voltando para suas famílias.

Quando Geerhaj e seus seguidores se aproximaram dos portões de acesso ao Distrito, o Patriarca Himes já havia tomado sua decisão, e os pretorianos estavam prontos. Aguarda pretorianos usa armas bastante silenciosas, e de grande precisão. O dano externo — mar-

de entrada e saída do projétil, san-
amentos – é mínimo; não obstante,
morte é inevitável.

Enquanto tentavam atravessar a
multidão, os geerhajistas foram sendo
aleados, um a um, e caíam, sendo
coteados pela massa no instante se-
ante. Fotos e bioleituras de todos os
sereges haviam sido distribuídas aos
guardas das guaritas mais elevadas; não
era difícil localizar e atingir os alvos.

O processo de execução, sumário
e silencioso, passou despercebido a
Geerhaj e a Yereza, que iam na fren-
te, liderando o pequeno grupo. Geer-
haj se considerava o Filho Divino, e
toda a raiz de sua existência havia sido
aquecida; a mente do Salvador com-
partilhava com a de Rafael apenas um
ponto: a missão – imperiosa – de levar
o descontentamento de Deus aos ouvi-
dos do Patriarca. Geerhaj e Yereza só
notaram os assassinatos quando o
próprio Salvador foi atingido.

Geerhaj teve morte instantânea,
mas Lagrange, sua consciência subi-
tamente desperta, agonizou por lon-
gos instantes – enquanto Yereza cho-
rava, em pânico, sozinha no rebulicho
dos transeuntes. Rafael viu Yereza, e
a viu com uma nitidez assustadora;
seu olhar passou por ela e teve con-
tato com todas as suas emoções –
amor, medo, mesmo uma certa sa-
tisfação com a morte daquilo que não
conseguia entender.

*Entender? Como entender? O que
está acontecendo... comigo?*

Lagrange flutuava em esferas
absurdas, além do corpo sem vida no
chão; seu mergulho em Yereza o en-
cheria de ódio pelo assassinato, de ira
pela separação – reavivara-lhe dolo-
rosas memórias de humanidade.

Fernanda!

Sua mente viajava ensandecida,

movida por uma necessidade vital de
vingança; o mundo parecia borrado,
turbilhonando nas bordas da realida-
de. O caminho até Himes era nítido e
nada poderia detê-lo. Voar doía de uma
forma insuportável – e a dor apenas
alimentava seu propósito.

XVI

Entre suas penosas circunvoluções
pelo substrato da realidade simulada,
Lagrange finalmente reconheceu a si-
tuação – era como ele havia se sentido
após a morte de Fernanda, quando o
sofrimento o pôs em contato com a
dimensão proibida de seu cérebro. Mas
desta vez era mais intenso. Muito
mais.

*Não estou caindo dentro de mim,
como da outra vez, mas... em alguma
outra coisa.*

Mais tarde, de volta à Cidade
Eterna e a seu corpo de metal, cerâ-
mica e tecido clonado, Lagrange re-
ceberia a explicação: as simulações
são efeitos pentadimensionais... Afinal
Jeová é, em essência, uma Inteli-
gência Artificial como qualquer outra.

**– Percebe? Sua mente, livre de
restrições, é... harmônica... afina-
da com a essência do Universo
simulado. Quando Geerhaj mor-
reu, você, de certa forma, se tor-
nou o próprio Universo. Deve ter
sido uma experiência fascinante.**

Dentro de algumas horas, Lagran-
ge ouvirá essas palavras de Yuang
King. Elas não explicam, obviamente,
as mortes, o sofrimento de Yereza – o
sofrimento de deixar Yereza. A agonia
será explicada pelo computador:

**– Era preciso que você estives-
se emocionalmente excitado, com**

suas matrizes sensoriais hiperexpostas; era a única forma de conseguir que seu ego penetrasse 100% no tecido daquela realidade.

Tem mais alguém aqui!

Rafael, onipresente e terrível, se preparava para atacar Himes – e o Patriarca se julgava só em seu gabinete, sem desconfiar que a Consciência do Universo estava lá com ele, e pronta para destruí-lo. Mas a Consciência do Universo errou, também, ao se considerar única.

Outra força se interpôs entre Lagrange e o Patriarca.

Quem está aí?

– Arabaat Mendes – respondeu uma voz no vento. – O primeiro a transcender. Eu o saúdo, irmão, por me haver alcançado, mas não posso permitir que ataque meu protegido.

– Transcender?! Eu não transcendei, seu idiota! – o turbilhão emocional, a frustração de Lagrange distorciam a realidade ao seu redor. – Eu caí!

A essência de Mendes fitou Rafael de uma forma que talvez possa ser descrita como *olhos nos olhos*. Arabaat viu, sem compreender, a angústia da identidade, da humanidade perdida – os pensamentos ininteligíveis de vermelho e negro.

– Você está certo – Mendes murmurou, chocado, quase alcançando a verdade sobre si mesmo, sobre seu mundo. – Para você, foi uma queda. Nós (Himes e eu) fomos orgulhosos... imploramos pelo seu perdão.

A contrição e a dúvida de Arabaat Mendes eram algo alheio aos interesses mais imediatos de Rafael. Lagrange sabia, instintivamente, que, quando a raiva passasse, sua permanência em HST-21 seria impossível sem um

corpo. Ele precisava ser rápido.

Antes que eu volte, antes que tu volte. Vingança por mim, por Geerha por Yereza, por me sentir humano uma vez mais... alguém tem de pagar.

– Ele fez contato com Mendes!

Jeová estava excitado. A missão chegara a um ponto crucial.

– E agora? – Carter soltava fumaça em profusão do cachimbo. Toda a equipe de Cidade Eterna havia passado a semana esperando pelo contato.

– Agora, nada – Lin Soo parecia enfadada. – Mendes vai perceber que Deus é muito mais do que supunha. A heresia de Geerhaj – *ciência não tudo* – acabará sendo aceita como lugar-comum; e assim criaremos uma barreira mítica contra novos hmmm... *investigadores inconvenientes*. Talvez Lagrange destrua Me



mas isso nem é mais necessário.

gião estava debruçado sobre o esquiife de cristal que continha o corpo de Rafael Lagrange. — Preparar procedimento de reincorporação.

— Espere — Jeová mordiscou os lábios de sua representação antropomórfica. — Desfaça a conexão.

Yang King se voltou num sobresalto.

— Mas o que diabo... Se você desfizer a conexão, ele vai...

Havia apenas três homens no laboratório. Tdo o restante do staff de Cidade Eterna já estava retornando para casa, para a família. A alma de Lagrange dançava no cristal do plugue de conexão, refratando um pouco de luz azul.

— Ele não vai nos perdoar. Nós roubamos sua humanidade, sua mulher... nós o induzimos a matar inocentes. Ele não *pode* nos perdoar.

— Aguardando ordem de reincorporação — o médico estava neutro; a luta era entre King e Jeová.

— Esse homem viveu como parte de mim. Eu o conheço. Ele não vai nos perdoar.

Yang King tremia muito; o suor em sua testa não escorria, permanecendo estático, sob a forma de minúsculas gotas — gotículas cristalinas, tensas, brilhantes.

— Traga-o de volta — o tom de King não permitia contestação. Olhando nos olhos de Jeová, Yang murmurou: — Temos de convencê-lo de que valeu a pena. Se ele não pode nos conceder perdão... talvez não mereçamos perdão.

Talvez não mereçamos.

Carlos Orsi Martinho é jornalista e pertence à nova geração de escritores do CLFC. Seus contos têm sido veiculados no *Somnium*, sempre com excelente repercussão.

Eu usei a Equação e... e me transi... então selecionei Himes, e disse como... — Mendes falava rápido, presença pulsando como um coração nos últimos momentos. — No início, ter ultrajado Deus... mas só... um mundo melhor... nunca...

Lagrange não prestava atenção às palavras. Canalizando seu ódio através das cinco dimensões, através do flutuatrônico que dava vida àquela situação, Rafael fruía a emoção como fosse uma droga, um alimento precioso. Sua essência, impregnada no HST-21, vibrava em ressonância com a ira.

Alguém tem de pagar!

Apenas um golpe foi desferido contra Mendes. Apenas um golpe foi necessário.

A energia, Mendes, sem consciência ou propósito, logo se dissipou. Mas Lagrange continuava afogado em ódio. Num momento, Rafael percebeu seu erro, e redirecionou a raiva: contra aqueles que lucraram com ela.

Contra aqueles que o jogaram no inferno pela segunda vez.

O ódio arremessou sua alma de volta à Cidade Eterna.

XVII

O Patriarca Himes sentiu-se subitamente enjoado — como se os labirintos de seus ouvidos fossem dislocados e dilacerados por garras de metal em brasa.

De repente, a sensação parou.

De repente, Himes percebeu que a Equação não estava mais lá.

De repente, Himes se pôs a rezar.

XVIII

— Ele vem vindo — o neurocirur-



Manfredi nos brinda com um desesperador jogo de espelhos, onde acompanhamos as peripécias de Darev, que tenta a todo custo fincar o pé na realidade. Mas o que é a Realidade? A física clássica do mundo macroscópico ou a percepção sensorial do universo quântico?

O Sonho do Rei Vermelho

Lúcio Manfredi

Gêmeas são as portas do sonho, das quais se diz que uma é de chifre e através dela se dá saída fácil às verdadeiras sombras; a outra, reluzente, primorosamente lavrada em branco marfim, é aquela pela qual as almas enviam à terra os falsos sonhos.

ENEIDA, livro 7

O vento soprava com alguma timidez, porém forte o suficiente para fazer a porta oscilar flip-flop, flip-flop, flip-flop... Deitado sob as ondas de sono que recobriam a cama, Verev Darev distraía-se observando as formas contornadas e barrocas que os pensamentos assumiam quando atraídos por um centro de gravidade onírico, montagens surrealistas de metáforas autômáticas retalhadas recombinadas desconstruídas condensadas deslocadas ao capricho de um espírito que Darev sempre imaginava com uma testa saliente e uma barba branca inequivocamente freudianas.

Estava em seu quarto. Porém, onde era seu quarto? Quase adormecia já, mas ainda conseguia se concentrar na porosidade das paredes, nos raios do Sol da tarde que as enchiam de hieróglifos luminosos e indecifráveis, no calor que os acompanhava e se espalhava pelo ambiente. Sólidas impressões sensoriais que nem por isso se ofereciam como âncoras onde pudesse se amarrar uma resposta.

Também se lembrava do ônibus, do estofamento rasgado onde se sentava, da trave de alumínio do banco da frente, onde repousava a mão esquerda, e da fedentina de suor que se evolava

corpos que o *rush* comprimia
namente no corredor. Via pela
entreaberta os outros veículos
passavam, as pessoas indo e vindo
lçada, duas ou três putas apoia-
ntra as paredes de cada esquina,
ndo belas coxas, coxas comuns,
veis coxas pelancudas e varico-
O ônibus passou por um feio aci-
e, um automóvel de passeio apa-
o em cheio por um caminhão de
la, a carroceria tombada sobre o
do carro em cujo interior se adi-
avam ainda os passageiros mor-
motorista do caminhão projetado
ra o pára-brisa da cabine, man-
do de um vermelho pôr-do-sol, a
ca de frangos congelados se espar-
ando em parte pelo chão e em par-
elas mãos dos passantes, alguns
assim viam garantido seu jantar
primeira vez em muitos dias. Lo-
acidente ficou para trás, sendo
tituído pela mesma monotonia de
sucessão de engarrafamentos e
estacionamentos em que a cidade
pre se transformava nesse horá-

Cansado de olhar o filme da paisa-
que corria, voltou sua atenção
os outros passageiros. Ao seu la-
do banco, um mulato de meia-ida-
ormia com a cabeça apoiada no
co, roncando desbragadamente,
ferente em seu cansaço à exube-
de loira de pé diante dele, uma mi-
naia tão curta que cada solavanco
ônibus lhe revelava as calcinhas,
peios também quase saltando para
da blusinha azul, grandes e líqui-
olhos verdes ostentando uma cal-
da expressão *blasé* por trás da
l não era difícil entrever o gozo nar-
co de se sentir desejada pelos ho-
s que a cercavam, a maioria of-
boys precariamente equilibrados

entre pastas e alças de apoio, com mui-
to cuidado para não deixar cair as mar-
mitas, vazias ou com os restos do
almoço, invariavelmente vestidos com
as roupas coloridas e berrantes da mo-
da surfista. Além deles, havia faxinei-
ros, pedreiros, garçons e um casal de
velhos testemunhas de Jeová, ela de
olhos duros apertando a mão do ma-
rido, ele capturado numa dessas am-
bíguas armadilhas que dividem o cren-
te entre seu piedoso dever de resistir
às tentações do pecado e a volúpia do
voyeur que não consegue deixar de se
extasiar com o que vê. A loira exhibi-
cionista obviamente não era a única
garota no ônibus, outras até mais bo-
nitas, porém mais discretas, sentadas
ou de pé, mais para trás ou para a
frente do lugar ocupado por Darev.

Ainda percorrendo os passageiros
com a vista, este se deteve sobre uma
senhora de cor, de pé à distância de
dois bancos dele, observando-o aten-
tamente com dois arregalados olhos
negros. Com uma das mãos, ela se se-
gurava no banco, com a outra carrega-
va uma sacola de compras. No pulso
esquerdo, levava amarrada uma fita
do Senhor do Bonfim, enquanto do
pescoço pendia um colar de contas de
Umbanda. Darev ia lhe ceder o lugar
ou, pelo menos, oferecer-se para
carregar sua sacola, mas, antes que
falasse, ouviu-a dizer:

— O que você faz aqui? Você é um
orixá, não é deste mundo!

Suas palavras eram lâminas ras-
gando uma brecha escura e funda para
onde turbilhonaram todas as sensa-
ções e percepções de Darev, arrancan-
do-o do banco do ônibus e precipitando-
o numa cortina de trevas que, aos pou-
cos, foi condensando poltronas, portas,
paredes, um par de cortinas e uma
televisão ligada para o ruído branco

que sobra quando as estações saem do ar. Darev estava deitado no sofá maior, as costas ligeiramente doloridas pela posição incômoda, a cabeça apoiada contra a macia almofada de lã. Bocejando de sono, mas já totalmente desperto, não pôde deixar de se admirar com a nitidez do sonho, sua quase obsessiva abundância de detalhes. Olhou para o relógio, levantando-se. Eram duas e quinze da manhã. Provavelmente adormecera enquanto assistia a um filme. Foi até a cozinha, onde tomou um gole de café requentado e só então se deu conta da pressão na bexiga. No entanto, fora provavelmente ela que o levava a acordar. Antes de voltar à sala, passou pelo banheiro e esvaziou-a, saboreando a sensação de alívio que sempre segue à satisfação de uma necessidade fisiológica adiada. Aproveitou também para escovar os dentes. Depois, desligou a televisão, apagou a luz da sala e subiu as escadas que levavam ao seu quarto. Desceu as escadas que levavam à sala, acendeu a luz e olhou para a televisão: os números do mostrador de canais estavam todos de cabeça para baixo, zombando de sua ingenuidade em supor que já acordara, arremessando-o de volta para dentro do negro turbilhão até despertar em seu quarto.

* * *

No dia seguinte, acordou mergulhado numa aguda sensação de irrealidade. Caminhou até o ponto de ônibus, pisando com cuidado extremo para não ver o mundo real se dissolver novamente. Sentado num dos bancos da frente do veículo, acometeu-o um *déjà-vu* tão intenso que o fez voltar-se preparado para encontrar a loira do sonho, bem como toda a corte que a

acompanhava. Mas a garota mais bonita que viu era uma morena atarracada como um barril que, quando sorria, se mostrava banguela de um dente.

O prédio onde ficava sua firma, uma micro-empresa de prestação de serviços editoriais instalada num apertado escritório pelo qual se pagava um aluguel absurdamente caro, parecia envolvido por uma nuvem fantasmagórica, como se fosse uma miragem. Desejou bom-dia à recepcionista-secretária-telefonista e única funcionária da empresa, cumprimentou seu sócio e sentou-se à sua mesa, esperando que os rotineiros problemas de composição, diagramação e paginação de livros o puxassem de volta para a velha e boa terra firme.

Durante o almoço, que era sempre um lanche na lanchonete da esquina, contou a seus dois colegas a insólita experiência do sonho-dentro-do-sonho. Como era quase inevitável, eles tinham uma boa explicação para ela. Como era quase inevitável, essas explicações eram diametralmente opostas.

– Sabe o que o Freud diz sobre esse negócio de um sonho dentro do outro? – disse Anna, a secretária, mastigando um hambúrguer. – Que o sonho-no-sonho representa uma realidade que o sujeito acha indesejável, enquanto a moldura é o que ele gostaria que fosse real. Daí, ele representa o sonho como realidade e a realidade como sonho.

Darev não respondeu de imediato, preocupado em cortar um pedaço particularmente recalitrante de pizza. Quando conseguiu vencê-lo, disse:

– Quer dizer que eu prefiro estar em casa apertado pra mijar do que com uma gata loira de olhos verdes?

Anna, porém, não se deu por vencida:

-A garota podia não ser o elemento principal. Às vezes, o centro do conteúdo latente é deslocado para um lugar insignificante no texto manifesto do sonho. Você não tem verdadeiro horror a aglomerações? - Ele assentiu.

- Pois então. Acho que o seu sonho está dizendo qualquer coisa como "é preferível estar sozinho mas tranqüilo do que comprimido numa multidão com a mulher mais sexy do mundo".

Parecia fazer sentido mas, mesmo assim, não soava convincente. Voltou-se para Copernico, que comia em silêncio.

- O que você acha?

Sem levantar os olhos do prato, seu sócio respondeu:

- Acho que no primeiro sonho você teve uma experiência de projeção astral e, ao invés de voltar para cá, acabou indo parar num mundo paralelo, que era o do segundo sonho.

Ao contrário de Copernico, Darev não se interessava por esoterismo, parapsicologia nem nada parecido. Pessoalmente, estava mais próximo do racionalismo psicanalítico de Anna. Contudo, essa segunda interpretação fez soar uma espécie de campanha de alerta dentro de sua cabeça, parecendo-lhe intuitivamente mais perto da verdade de sua experiência. No entanto, era não-toda a verdade. Ainda faltava alguma coisa.

- Pra falar a verdade - comentou -, eu nem sei se já acordei.

- Acordou, sim - retrucou Copernico.

Mas ele não poderia dizer a mesma coisa num sonho?

* * *

Sonhos lúcidos.

Era assim que havia começado.

Uma experiência interessante de trei-

namento de sonhos lúcidos, onde alguns praticam meditação e outros preferem alucinógenos. Abrir as portas da mente, expandir a consciência, como se costumava dizer. Darev não ligava muito para a consciência, mas estava curioso em saber o que se poderia fazer com os sonhos. Talvez fosse possível transformar aquelas doidas incoerências oníricas em um espetáculo melhor dirigido, uma espécie de cinema particular. E quem sabe se não poderia passar os sonhos assim sonhados para o papel e se tornar um escritor de renome?

Uma vez, muitos anos atrás, vira uma reportagem sobre sonhos lúcidos na TV, mas não ligara para o assunto: a matéria era superficial, com quase nenhum detalhe digno de nota. Foi só quando Anna lhe mostrou um livro que pegara na biblioteca é que prestou mais atenção. O autor era Stephen LaBerge, apresentado na orelha do livro como um peagadê de qualquer coisa na Universidade de Stanford, e Anna estava indignadíssima com as críticas que ele dirigia a Freud.

- Ele não entendeu nada do que o Freud disse! - ela exclamou, com os olhinhos brilhando de raiva. - Leva ao pé da letra as metáforas que o Freud tirou da biologia, diz que elas se baseiam em noções cientificamente obsoletas e conclui daí que ele ouviu o galo cantar e não percebeu onde. Como se fosse assim que se lê Freud!

- Acho que o próprio Freud levava algumas de suas metáforas ao pé da letra - disse Darev, cautelosamente. - Pra nós é que elas são só metáforas.

Anna parou e ficou olhando para ele com uma expressão incerta. Depois, retomou a partir de seu ponto de exclamação.

- E o que o tal LaBerge tem a

oferecer em troca? Como Usar o Sonho para Resolver *Cri-a-ti-va-men-te* seus Problemas Cotidianos. – enfatizou as maiúsculas. – Isso quando não sugere que os sonhos podiam ser uma espécie de Taiti dos pobres ou outra baabuque do gênero!

Agora, pensando bem, com uma lucidez inesperada para quem está nas bordas do sono, não lhe parecia ter nenhum bom motivo para pôr em prática os exercícios do livro e extrapolar sobre eles. A idéia de um cinema particular, nitidamente inspirada na expressão “Taiti dos pobres”, ou a possibilidade de usar os sonhos lúcidos como fonte de inspiração soavam mais como racionalizações conscientes para explicar algum profundo desejo inconsciente, escondido fora de seu alcance.

“*Freud strikes back*”, murmurou para si mesmo, e logo lhe veio à mente a imagem ridícula de um Sigmund Freud pilotando seu caça de asas em X e investindo à testa da aliança rebelde contra a diabólica *Estrela da Morte*, um pesadelo eletroencefalográfico construído por Darth Vader, cujo verdadeiro nome era Stephen LaBerge, PhD, e que tinha a sinistra intenção de mandar todos os súditos do Império para férias forçadas na Ilha da Fantasia. E acompanhando o impossível rastro de fumaça e fogo que o caça de Freud deixava no espaço, finalmente mergulhou além da borda do sono.

* * *

Dormiu e sonhou que estava dormindo e sonhando. Mas não o mesmo sonho, como um espelho no espelho. Desengavetando recordações, viu-se revivendo seu primeiro sonho lúcido, após dois meses de uma rotina que envolvia concentração constante,

treinamento mental e um meticuloso registro de cada fragmento onírico, da peça completa, qualquer lembrança noturna que ainda o atravessava ao despertar. Chegara a pensar em apelar para a informática e programar um sistema de retroalimentação que estimulasse as ondas REM, com o Augmentor de Ursula LeGuin, mas acabara achando a idéia desnecessária. Finalmente, sonhara.

Era uma casa mal-assombrada roubada de um depósito de estereótipos dos velhos filmes B, paredes de madeira, a sombria varanda rangendo, teias de aranha por todos os lados refletindo a paleta de vermelho vivo com que o sol moribundo coloria uma paisagem surrealista, plágio descarado de *A Persistência da Memória*, onde nem sequer faltavam os relógios molhados escorrendo das árvores e pingando no chão de terra batida como o perfume tuano de um moleque de rua. Eram assim, aliás, os companheiros de Darev naquele sonho, quatro ou cinco meninos perdidos, sujos e esfarrapados, ele próprio voltando a ser um garoto de nove anos, parecendo egrejo de um remake de *Peter Pan*. Brincavam no quintal da casa: de pega, pega, esconde-esconde, de polícia-ladrão. Um deles, possivelmente o próprio Darev, aproximou-se da enorme porta de madeira da casa, uma monstruosidade de três metros de altura e largura proporcional. Lentamente, estendeu a mão para ela.

– Não mexe aí! – advertiu outra das crianças.

– Por que não? – replicou Darev.

– Porque essa é a Casa do Espírito.

Não pretendia abri-la. Queria apenas tocá-la, sentir a firmeza da madeira da qual era feita, experimentar u

olance de sua atalaia de séculos, mi-
ninhos, talvez até essa porta fosse a
primeira coisa criada por Deus nos
dias da gênese, o resto – a casa, o mun-
do – surgindo por acréscimo ao seu
redor, meros *symbebekoi* agrupados
em volta do *hypoketmenon* primor-
dial, termos conhecidos pelo Darev
adulto, bacharelado em filosofia, mas
não por seu *alter ego* infantil.

Apenas tocá-la. Mas não era o que
a porta queria, e à revelia de Darev,
mal seus dedos encontraram a super-
fície, ela se escancarou para o escuro
vazio lá dentro. Não havia uma sala,
sacadas, mobília coberta com lençóis
que talvez fossem fantasmas disfarça-
dos. Nada do aparato de praxe. Apenas
uma substância extensa, desprovida
de cor, desprovida de textura, despro-
vida de quaisquer atributos, o torveli-
nho negro de um horizonte de eventos
precipitando-se para a singularidade
central, e Darev pensou em falos fan-
tasmagóricos penetrando a vagina
vazia da Deusa, engendrando o mundo
em espasmos de um gozo para sem-
pre vedado aos mortais. Já era o Darev
crescido pensando, mas ainda não se
dera conta disso.

Do outro lado da porta vinham gri-
tos, gemidos, sussurros. Lamentos e
júbilos, ódios e amores, cada emoção
condensada num som, cada som bro-
tando por geração espontânea das tre-
vas sem forma e vazias. Não eram as
vozes dos vivos de ontem, palavras dos
condenados aos suplícios do inferno.
Não eram almas penadas arrastando
correntes sangrentas através das es-
tradas dos mortos. Não eram demô-
nios sedentos da força dos vivos, ávidos
de lançar suas violentas formas gro-
tescas de encontro às frinchas do espí-
rito humano. Eram elas, crianças, gri-
tando lá dentro, era ele, Darev, ber-

rando de pavor em meio a um pesa-
dello infantil de palhaços sobrenaturais
e feiticeiros que queriam arrastá-lo
para fora deste mundo, ele aos três
anos acordando sobressaltado de medo
de que houvesse um ladrão debaixo
da cama, ele que se chamava Verad
Darev, tinha vinte e oito anos e per-
cebia naquele exato momento que
estava sonhando.

Estava sonhando – e ouvindo al-
guma coisa se aproximar do outro lado
da porta, abafando os gritos dos me-
ninos lá dentro e aparentemente apa-
gando-os do quadro lá fora: pois Darev
viu-se sozinho, não mais um menino,
esperando surgir o que quer que esti-
vesse vindo e imaginando se não seria
uma Coisa grande e peluda, de seis
olhos e oito patas, talvez urrando, tal-
vez babando de desejo de sugar sua
alma e reduzi-la a uma carcaça vazia
de inseto.

Era um ônibus de turismo.

A porta era grande, mas não tan-
to. Darev ficou vendo o ônibus passar
através dela e perguntando-se como
ele o fizera sem arrebentar o baten-
te. Era azul e vermelho, cores emble-
máticas de uma empresa que opera-
va entre São Paulo, onde ele agora
vivia, e Santos, cidade onde morara
parte da infância e adolescência, e
onde tivera sua primeira paixão in-
tensa o suficiente para merecer esse
nome, tempestuosas como sempre são
as paixões de adolescentes.

O ônibus andou em direção às ár-
vores de relógios moles e parou a uns
dois metros delas, abrindo as portas.
Não conseguiu ver ninguém lá den-
tro, mas entrou de certa forma sabendo
já o que esperar: Joici estava lá,
com seus cabelos loiros e olhos verdes,
os mesmos que Darev encontraria
mais tarde em outro sonho, sem

reconhecer sua procedência. Estava amarrada aos bancos do ônibus e, ao seu lado, uma figura que poderia ser o mordomo do Barão de Frankenstein a vigiava com um chicote na mão.

— Sadomasoquismo nos meus sonhos positivamente *não* — protestou Darev, cancelando o mordomo do cenário. Voltou-se para desamarrar a Joici que, incidentalmente, também desaparecera e fora substituída por Anna nua.

Beijaram-se, as unhas de Anna deslizando sobre a espinha dorsal de um Darev repentinamente também nu, pressionando seu corpo contra o dela, as pernas ligeiramente entreabertas, seios que escandiam no ar o ritmo melódico de uma sinfonia infrassônica.

Bastou Darev perceber que estavam fazendo amor de pé para os dois estarem deitados sobre o banco do ônibus, na verdade uma cama enorme em algum quarto da casa de madeira. As mãos de Darev deslizavam pelo corpo de Anna, acompanhando seu traçado de serpente, a boca descendo pelo pescoço, pelos seios, explorando seu ventre, enquanto os mamilos de Anna lhe roçagavam os olhos e o rosto. Como um corte brusco num filme de Eisenstein, estava dentro dela sem a consciência de tê-la penetrado. Os olhos de Anna eram uma coleção de labaredas, tornando seu rosto vermelho e afogueado, explodindo um inferno na torre quando atingiu a acme, uma fração de segundo antes que Darev, sem ejacular, chegasse ao orgasmo. Foi o mais intenso clímax que experimentou em sua vida, intensidade que se estendia a cada uma das sensações que compunham seu sonho. Naquele momento, Verad Darev estava no centro do labirinto que entretecia sonhos e realidades em *cross-*

overs indistinguíveis, ainda que percebesse num só-depois, em outro ônibus, num outro sonho.

* * *

A TV Cívica, canal 83 de UHF, estava reprisando *The Wall*, de Al Parker. Como Pink Floyd era seu grupo favorito, Darev nunca deixava de assistir ao filme quando passava televisão. Naquele instante, Bob Geldof, no papel de Pink Floyd, estava aconselhando aos espectadores a não se surpreenderem se o gelo fino da vida moderna se quebrasse e o chedesse sob seus pés. Darev concluiu que esses versos eram uma antecipação do final do filme, quando Floyd é julgado e condenado — “pelo super-ego”, explicara Roger Waters numa entrevista — e o muro explodia com estrépito, finalmente libertando-o de sua prisão interior. Era engraçado que isso fosse apresentado como uma sentença judicial, quase uma ilustração do lema existencialista de Sartre: “O homem está irremediavelmente condenado à liberdade”.

Depois de uma semana absolutamente normal, Darev conseguira finalmente se livrar do sentimento paranoico de que o mundo estava para se desfazer nas brumas do sonho, levando em conta cautela e caldo de galinha, decidira interromper as experiências com sonhos lúcidos. Sentia-se imensamente aliviado por ter voltado aos sonhos comuns e sem consciência de simples realização de seus desejos inconscientes. Não conseguira, entretanto, deixar de lado o sonho do ônibus e, depois de refletir um pouco sobre ele, constatara que a interpretação de Anna deixara de levar em conta a frase da velha senhora. A leitura esotérica de Copernico, aliás

também passara esse ponto por alto. Darev, por sua vez, pensara um bocadinho nela, e podia determinar com precisão a lembrança real que a originara. Quando ele era criança, sua família costumava assistir às comemorações de fim de ano que os umbandistas realizavam na praia. Sua mãe e a avó paterna, embora fossem católicas, tinham um flerte mais ou menos permanente tanto com o espiritismo quanto com a umbanda, e às vezes aproveitavam a ocasião para tomar passes com um pai-de-santo. Elas insistiam que todos da família fizessem o mesmo, muito embora Darev sentisse uma forte ambivalência quanto ao espiritismo em geral e à umbanda em particular. Uma dessas vezes ficara particularmente marcada na sua memória, ele teria talvez doze ou treze anos, com certeza não mais do que catorze. Suas recordações do cerimonial periférico eram enevoadas: gente dançando alucinadamente, bebendo e fumando, pés descalços, marcando a areia da praia com uma gira enlouquecida, as mulheres vestidas de azul, com uma longa saia rendada que parecia um furacão rodopiando e, dentro de uma tenda, um pai-de-santo atendendo a pedidos. Este era uma figura gravada com toda nitidez no espírito de Darev: um velho negro baixinho, costas encurvadas, com a barba do cabelo de um branco amarelado como a areia da praia e vestido a caráter, tentando parecer o mais possível com as imagens de pretos velhos vendidas nas casas do ramo. Estava incorporado e falava com aquele sotaque estilizado que os umbandistas chamam que todo preto velho deve falar, em frases cheias de *suncê, óia e nós fazê*. O pequeno Darev lembrou-se do Vêio Zuza e não conseguiu

deixar de sorrir. O velho pareceu não se importar. Fazendo movimentos com o charuto, como se estivesse desenhando no ar, em volta da pessoa, ele ministrou seus passes primeiro na mãe de Darev, depois no pai e, finalmente, nele. Malgrado seu, o menino sentiu-se invadir por uma sensação de gravidade, como se aquilo tudo fosse muito importante para ele. Terminada a energização ou como quer que se chamasse, o preto velho pôs as mãos sobre os ombros de Darev e disse: "*Suncê vai ver o mundo dos orixá, mizifio, vai ver como eles controla as energia do astral*". Mais tarde, essa frase parecera desprovida de sentido, além de muito engraçada, por misturar o pseudocalão dos pretos velhos com o jargão teosófico. Na hora, entretanto, Darev não achara muita graça.

Levantou-se para ver quem estava tocando a campainha. Era Anna. Cumprimentou-a, beijando seu rosto e não gostando da expressão que viu nele.

– Oi, Verad. Eu tava passando por aqui e resolvi te fazer uma visita – sua voz soava ligeiramente pastosa e Darev percebeu que ela estava embriagada. Vestia uma calça justa, que realçava a curvatura do seu corpo, e uma camiseta leve, sem sutiã. Seus olhos estavam um pouco enevoados pelo efeito do álcool e ela encaminhou-se para o sofá num passo algo cambaleante.

– Tudo bem com você? – perguntou, preocupado.

– Não era pra estar? – Anna retrucou, irônica.

– Não sei. Você parece meio estranha.

Ela gargalhou, com uma nota histórica em seu riso.

— Você quer dizer que eu tô bêbada, isso sim. Tem razão, eu tô. E se você tiver alguma bebida por aí, pretendo ficar mais ainda.

Darev ficou observando-a, sem dizer nada.

— E então? Tem ou não a porra da bebida? — exclamou Anna, dando outra gargalhada.

A preocupação de Darev aumentou ainda mais. Anna não era muito extrovertida, costumava beber pouco e raramente dizia um palavrão. Aqueles eram sinais praticamente inequívocos de que ela estava com problemas.

— Puta que o pariu, Verad, quer parar de ficar me olhando feito um padre e trazer logo uma garrafa?

Como ele não se movesse, ela mesma foi até o bar e serviu-se de vodca. Darev não conseguia forçar-se a impedi-la, era como se um fantasma tivesse se materializado no meio de sua casa.

— Por que você não me conta o que está errado? — perguntou, finalmente, quando ela virou o copo de uma vez e teve de se apoiar contra a parede para não se esparramar pelo chão.

— Não tem nada errado — disse Anna, com uma calma forçada. — O filho da puta do meu noivo jogou fora seis anos de namoro, uma aliança de noivado e um casamento quase marcado por causa de uma cadelinha de dezessete anos. Por que é que isso taria errado? — e serviu-se de mais vodca.

— Anna, pára com isso. Pára! — Ela obedeceu, um tanto quanto surpresa. — Suponho que você deva estar se sentindo muito mal. Mas beber não vai ajudar em nada. — Céus, pensou, essas frases parecem tiradas da novela

das oito: melodramáticas, moralistas e se tem algo que não vai ajudar e nada é um estoque pronto de frases feitas. Porém, não lhe ocorria nenhuma outra alternativa melhor. Olha, apaga o que eu disse. Tem razão, eu devo estar mesmo parecido um padre.

— E dos mais chatos, se quer saber — As palavras agora começavam a sair bastante engroladas, empurradas para fora da garganta à força. Lentamente, sentou-se no chão, delizando as costas pela parede, abrindo o zíper das calças e começou a se masturbar, os olhos fechados, massageando-os de vez em quando entreabrindo-os de vez em quando para ver se Darev estava acompanhando. — Não vai me dizer que tô cometendo um pecado mortal, padre? — Subiu as mãos para os seios massageando-os por sob a camisa. Que eu tô jogando minha alma no inferno? — Introduziu o gargalo da garrafa na vagina, movendo-o ritmicamente. — Quer saber se eu me importo? — Parou de falar quando a respiração subiu para um arfar rápido que só cessou com o suspiro final do orgasmo. Ficou parada alguns instantes, a cabeça apoiada na parede, respirando profundamente. — Não, não me importo. Foda-se o céu, se pro céu que vão caras como o meu noivo. Foda-se a salvação, se ela tá aberta pras putinhas de dezesseis anos, e Maria Madalena diz que tá

Darev ficou calado. Gostaria de lhe perguntar o que fora feito de Freud e de todas as outras coisas que ela sabia, e de que serviria sabê-las se, no primeiro momento de crise, atirava tudo pela janela e agia com um alcoólatra qualquer, agarrando-se a uma garrafa. Mas continuava soando como as palavras de um pa

tas, e Darev, que acreditava não acreditar em moralismos, estava mais preocupado por descobrir em si mesmo certos traços puritanos do que pela condenação de vulgaridade de Anna. Quando ela sinceramente ajudá-la, mas só lhe mostravam esboços de sermões, exceto por uma frase do Pink Floyd que ficou sozinha, flutuando diante de seus olhos: *Thought I'd something more to say...*

- Tem alguma coisa que eu possa fazer pra te ajudar?

Ela arregalou os olhos para ele, fazendo-o sentir-se como o garoto estúpido da classe que faz uma pergunta óbvia demais para ser respondida. Mas respondeu:

- Claro que tem. Ou você acha que eu gosto de trepar com uma garrafa de vodca?

A intimação, ainda mais grotesca por vir da normalmente recatada Anna, apanhou-o desprevenido. Não podia fazer isso, não no estado em que ela se encontrava, não quando ainda se recordava de um sonho em que fazer amor com ela se revelara um ato tão profundo. Anna, porém, não estava disposta a atentar para seus escrúpulos. Meio que se arrastando pelo chão, veio até Darev, desceu suas calças e abocanhou seu pênis com a perícia de uma puta, apenas para vomitar sobre ele e cair sem sentidos.

* * *

Darev acordou com o choro baixo contínuo de Anna. Estava sentado numa poltrona em seu quarto, sentando seu pescoço agarrado pelo torçador de um mau jeito, devido à noite passada nessa posição incômoda. Depois de verificar que Anna estava apenas desmaiada, não morre-

ra nem entrara num coma alcoólico, levava-a até o banheiro e lhe dera um banho frio. Ela gemeu várias vezes, mas não chegou a acordar. Aproveitou para se lavar também. Em seguida, deitou-a em sua cama e sentou-se no sofá, vigiando-a, mais por medo de que ela despertasse no meio da noite e fizesse alguma besteira do que por temer por sua saúde. De madrugada, entretanto, acabara por adormecer.

Abriu os olhos, vendo que a clareza da manhã já se infiltrava pelas frestas da janela. Anna estava sentada na cama, a cabeça apoiada sobre os joelhos. Parecia extremamente embaraçada, e Darev não tinha coragem de sondá-la para descobrir o quanto ela se lembrava da noite anterior.

- Você está melhor? - perguntou, com suavidade.

Anna passou as costas da mão pelos olhos e encarou-o.

- Verad, por favor, me desculpa. Você foi o único cara em quem eu consegui pensar pra me ajudar e, no fim, acabei me comportando como uma prostituta. - Recomeçou a chorar, fazendo uma careta de dor que levou Darev a concluir que ela devia estar com uma ressaca elephantina.

- Você se comportou como uma pessoa desesperada, nada mais - disse, sentindo-se um pouco culpado porque a comparação de fato lhe ocorrera. Não estava gostando nem um pouco daquela parte dele mesmo que havia se revelado na véspera, que via uma amiga humilhar-se e sofrer e se limitava a julgá-la, feito um inquisidor. Felizmente, esse outro Darev parecia ter-se ido com a outra Anna, e os dois que agora se encontravam no quarto eram as mesmas

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

peçoas que sempre haviam conhecido. – Posso te fazer uma pergunta?

Ela tentou fingir que esboçava um sorriso, mas o resultado foi muito ruim para sua ressaca e ela contraiu os lábios enquanto fazia que sim com a cabeça.

– Você gostava tanto assim do seu noivo?

– Não sei o que dizer. Não sei mais o que é essa coisa chamada amor. – Parou um pouco, hesitando antes de concluir, como se tomasse coragem: – Verad, eu matei ele.

Outra vez a sensação de impotência, de não saber o que dizer ou fazer. Darev só fez balbuciar:

– Matou quem?

– M... Meu noivo. – Então, prorropeu em uma cascata de lágrimas, que durou vários minutos. Darev sentou-se na cama e abraçou-a. – Eu sempre pensei que amor fosse quando a felicidade de alguém era mais importante pra mim do que a minha. Então, quando descubro que a felicidade dele é com outra mulher, eu o mato.

– Você tem certeza que fez isso? Você estava... bem, você estava bêbada, lembra?, pode ser só imaginação sua.

Anna balançou a cabeça.

– Eu não estava bêbada quando perdi a cabeça. Tomei o porre depois, porque não tinha coragem de encarar que tinha matado alguém, pior ainda, alguém que eu amava – ao finalizar, estava tremendo de modo convulsivo. – Ou, pelo menos, achava que amava.

Darev ficou em silêncio, meditando. Por fim, disse:

– O que você pretende fazer?

– Devia me entregar, né? – ela retrucou prontamente, com um sor-

riso amarelo. – Talvez dê pra alegar insanidade temporária e suavizar a pena... – De repente, sua expressão tornou-se sombria. – Mas não sei se quero uma pena suavizada.

– Onde foi que aconteceu?

– Na casa dela.

– Pode me levar até lá?

Anna olhou-o intrigada.

– Pra quê?

– Não sei. Acho que ainda não consigo acreditar.

Minutos depois, estavam a caminho, num táxi. Falavam pouco, em parte por causa do motorista em parte porque uma pesada cortina de silêncio parecia ter sido jogada entre eles. De repente, o coração de Darev gelou. A casa de esquina da rua onde o táxi entrara era o casarão de seu sonho.

– É aqui – disse Anna.

Desceram, Anna com uma expressão amedrontada no rosto, Darev cada vez mais inquieto. Caminhando devagar, entraram na casa. A grande e velha porta estava escancarada. Franquearam-na. A sala tinha paredes brancas, que pareciam recém-pintadas. Do teto pendia um grande lustre de vidro imitando cristal. Havia um amplo sofá, e o chão era coberto por um tapete felpudo, cor de gelo. No centro do tapete, estivera uma mesinha também de vidro, que agora estava virada e rachada ao meio. O objeto que a partira era a cabeça de uma garota loira de olhos verdes, atingida na altura do peito por quatro disparos. Ao seu lado estava caído um outro homem, também baleado várias vezes. Darev aproximou-se do homem, e agora era ele quem tremia.

O cadáver do noivo de Anna era Verad Darev.

Corria, corria, corria. Sem ver onde ia, sem ter para onde ir. Mas corria, e de vez em quando caía, ofegando, para depois recomeçar a correr mais ainda. Passou por ruas que nem conhecia, dobrou esquinas que nunca vira, subiu e desceu ladeiras asfaltadas ou cobertas com paralelepípedos. Esbarrou em árvores, em pessoas, em cães e gatos. Caíu algumas vezes, caiu e se levantou. Mas, acima de tudo, corria. Seus olhos ardiam com o sal das lágrimas que escorriam livremente pelos lados de seu nariz, dificultando ainda mais a corrida, que ele mantinha por um supremo esforço da vontade. Não saberia dizer exatamente para onde fugia. Mesmo quando o horror dominou-o à vista de seu próprio cadáver, não conseguia pensar em nada além da morte que ele corria? Parou para respirar, encostado a uma árvore, e então viu que estava em um bairro desconhecido. Parecera-lhe estar correndo às cegas, mas percebia agora onde estivera inconscientemente, dirigindo: duas quadras adiante, estava a casa de Copernico. Não tinha a menor certeza se ele poderia ajudá-lo, mas esperava que *alguém* pudesse. Certa vez, lera na introdução a uma antologia dos contos de Poe que ele se diferenciava dos outros que causavam terror porque, enquanto os outros soltavam um indivíduo normal em um mundo louco, Poe soltava um indivíduo louco num mundo normal. As alternativas atuais eram exatamente essas. Nem mais, nem me-

nos: ou o mundo enlouquecera, ou o louco era ele.

A casa de Copernico, no número 13 da rua Rev. Charles Dodgson, não era muito grande, porém mais que o suficiente para uma pessoa só, como ele vivia desde que os pais tinham morrido dez anos atrás. Era uma casa branca de dois andares, com um painel de vidro reforçado como janela e um pequeno jardim mal-cuidado na frente. A garagem aberta, na lateral da casa, estava ocupada pelo carro de Copernico, e isso aliviou um pouco o peso no coração de Darev. Se seu sócio não estivesse, não conseguia pensar em mais ninguém.

(Anna.)

Tocou a campainha com uma insistência compulsiva, constatando, ansioso, que Copernico levou quase trinta segundos para abrir a porta, franzindo o cenho intrigado diante da óbvia expressão de medo de Darev.

— Olá, Verad?! — o cumprimento tinha um tom interrogativo bastante nítido.

— Eu preciso da sua ajuda. Não sei o que está acontecendo, provavelmente você também não sabe, mas preciso da sua ajuda.

Copernico afastou-se da porta e Darev entrou, sentando-se no sofá da sala.

— Aceita um café? — ofereceu o amigo.

Darev fez que sim com a cabeça e, enquanto o outro ia buscar o café, aproveitou para deixar as imagens se assentarem dentro da sua cabeça, esperando que elas caíssem numa ordem coerente o bastante para formar uma história inteligível. Nisso o café, servido em uma dose generosa, foi de inestimável ajuda. Mas, é claro, existem limites dentro dos quais

uma história pode ser inteligível. Quando terminou de contar a sua, percebeu uma certa incredulidade no rosto de Copernico.

— Como você pode estar morto se eu estou aqui falando com você? — Darev já conhecia essa pergunta muito bem, agora que a fizera para si mesmo centenas de vezes.

— É o que eu esperava que isso aí — apontou através do teto para a biblioteca no andar de cima — me respondesse.

Copernico parecia estar refletindo seriamente, o que significava ao menos que não tinha certeza absoluta de que Darev fosse um indivíduo louco num mundo normal. Depois de algum tempo, disse:

— Pode haver outras possibilidades. Por exemplo, talvez você tenha tido uma alucinação.

Sacudiu a cabeça, veementemente, não porque estivesse convencido de que não era uma alucinação, e sim porque, se assim fosse, ele teria deixado Anna sozinha e desamparada quando ela viera lhe pedir ajuda, sem nenhum motivo melhor do que um súbito ataque de pânico.

— Por outro lado, talvez o cadáver não fosse seu, só parecesse com você por um motivo qualquer...

— Qual motivo?

— Não sei. Não me ocorre nenhum.

Calou-se. Darev também ficou em silêncio, encarando os próprios pés e pensando.

— Há outro problema em que precisamos pensar — disse Copernico por fim, colocando o dedo bem em cima da ferida que Darev revolvia. — Anna. Terá sido correto abandoná-la, não importa por quê? Afinal, você mesmo disse que, quando bateu o de-

sespero, ela correu a se embriagar, ficou fora de si. Não acha que abandona pelo amigo a quem precisa de ajuda é um excelente motivo para mais desespero? — à medida que Copernico falava, sua voz foi se transformando, subindo uma oitava, tornando-se a voz de outra pessoa, uma voz que também soava extremamente conhecida a Darev, mas que ele não conseguia identificar. Copernico pegou o rosto para ele e soube quem era a voz.

Ela pertencia ao mesmo dono dos cabelos castanhos que Copernico agora apresentava, o mesmo dono dos olhos que o encaravam no rosto de Copernico, e que não era absolutamente o rosto de Copernico. Era o rosto do próprio Darev. Levantou-se, abruptamente.

— Onde você vai? — perguntou Copernico, surpreso, na voz de Darev. — Atrás de Anna?

Darev não respondeu, dirigindo-se à porta tão depressa que estava quase correndo. O que ele fez, aliás, tão logo se viu fora de casa. Quando chegando à esquina, colidiu com uma mancha que vinha correndo na direção contrária, e reconheceu as roupas de Anna na mulher caída no chão. Ela também reconheceu-o e disse:

— Darev, pra onde você vai, correndo desse jeito? Por favor, não me deixe, eu preciso de você.

Desta vez, Darev viu a coisa acontecer. Foi como um corte cinematográfico, como um osso se transformando em espaçonave: num fotograma estava Anna, olhando-o com uma expressão atônita, e, no fotograma seguinte, a mesma expressão no rosto dele, Darev, sentado na mesma posição, com as mesmas roupas (os mesmos seios), parecendo

um cientista louco da Hammer
decapitado Darev e implantado
cabeça no corpo de Anna.

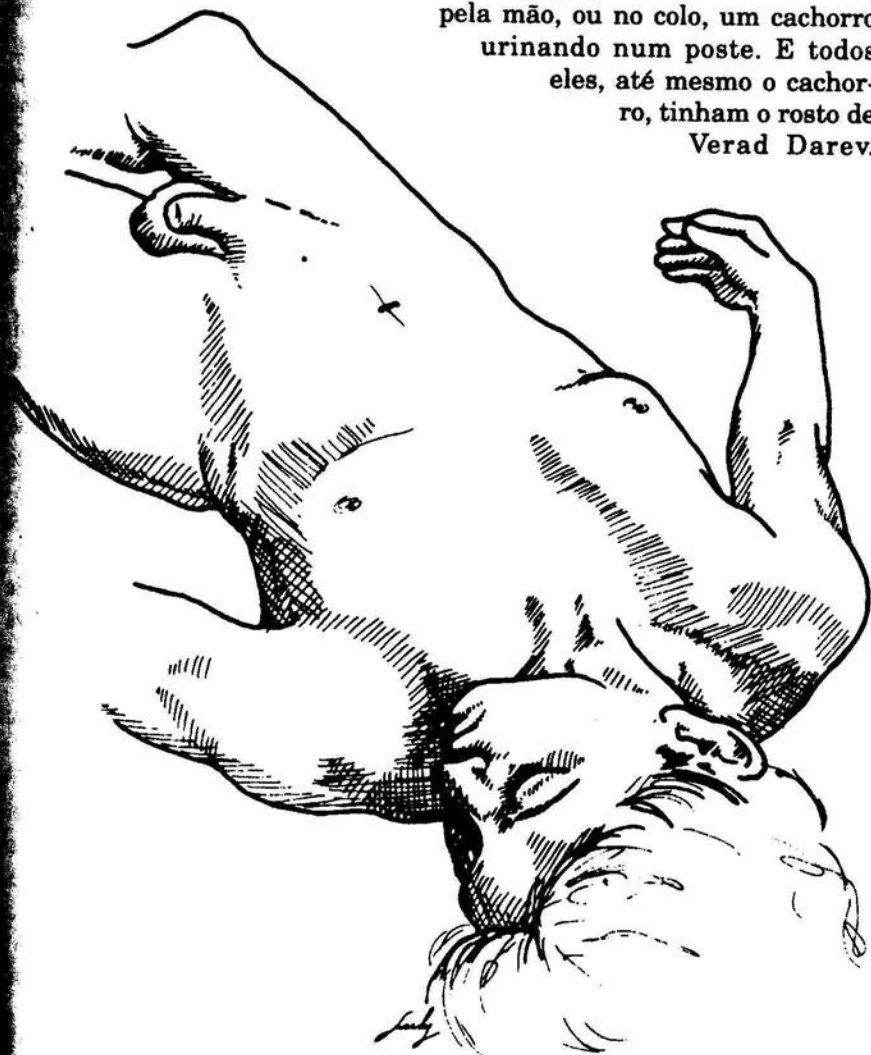
Merda – praguejou baixinho,
tindo a náusea se agitar dentro
como um murro no estômago.
Sinto muito, Anna. Sinto muito.”
ava novamente correndo às cegas,
a impressão de não ter feito
nada durante todo o dia, e nem
quer compreendia o que estava
acontecendo. Sentia-se jogado em

uma brincadeira de mau-gosto da Rai-
nha Vermelha de Alice, correndo e
correndo apenas para permanecer no
mesmo lugar.

(Sonhos lúcidos.

Era assim que havia começado.)

Estacou. Estava sonhando? Olhou
em volta, à procura de indicações,
mas procurando igualmente por
Anna. As ruas estavam relativamente
cheias de gente, que vinha do serviço,
que ia para a escola, casais de namo-
rados, cônjuges levando os filhinhos
pela mão, ou no colo, um cachorro
urinando num poste. E todos
eles, até mesmo o cachor-
ro, tinham o rosto de
Verad Darev.



Sentou no meio-fio, desanimado. Uma nuvem de moscas passou zumbindo por ele. Será que elas teriam uma cabeça branca, com olhos castanhos e cabelos da mesma cor, despenteados?

Estava sonhando. Não havia outra explicação para a horda de veradarevs em que tinham se transformado todos os seres vivos da cidade. (*Do mundo? Seu sonho iria tão longe assim?*) Percebeu a aproximação do turbilhão negro dentro dele, mas evitou-o. Entendia agora que ele não o acordaria, apenas o levaria até outro sonho, mais complexo, mais bem-elaborado, porém não a realidade. Precisava descobrir como acordar. Não sabia de ninguém que pudesse ajudá-lo.

Tomou um ônibus para o centro da cidade, pagando ao cobrador e sentindo como se estivesse se olhando no espelho. Sentou-se no primeiro banco, aquele banco solitário reservado aos velhos, às grávidas e aos deficientes físicos. Felizmente, estava vazio e ele pôde ficar sozinho, sem ter de compartilhar o banco consigo mesmo. Precisava de tempo para pensar no que fazer. Entrou num cinema onde a versão colorizada de *Casablanca* estava sendo reprisada, mas o filme só contribuiu para aumentar sua inquietação. Já esperava que a mudança também tivesse atingido o elenco mas, depois de viajar num ônibus cheio de réplicas de si próprio, não imaginava que ainda lhe causasse tanto mal-estar ver Darev dizer a Darev, depois que Darev partira num avião com Darev: "Acho que isto é o princípio de uma bela amizade".

Durante horas, percorreu as ruas numa espécie de transe, enquanto

seu cérebro fervilhava compulsivamente à procura de uma saída. Mas o *eureka* não foi do cérebro, e sim seus olhos, surpreendidos por um rosto diferente que se destacava num mar de clones. Estava na esquina das avenidas Ipiranga e São João encostada à pedra negra de um prédio. (*Alguma coisa acontece no meu coração...*) Era uma garota de cabelos castanhos quase negros, com grandes olhos orientais cravados diretamente nele. Usava um minivestido amarelo e justo, agarrado ao corpo. Os seios que ele ressaltava eram relativamente pequenos, mas pareciam bem modelados, assim como as coxas. Tratava-se obviamente de uma prostituta, como as três putas entrevistadas da janela do ônibus, e não a imagem que se oferecera irresistivelmente como termo de comparação com a Anna bêbada e fofa de si. "A prostituta assume aqui sua função universal", lembrou-se de ter lido em um livro de psicanálise. "Convencionalmente delegada ao papel daquela que faz semblante de desejar e de gozar, ela é aquela que todos têm certeza que mente." Seria esse o motivo de sua recorrência nos sonhos de Darev? Um lembrete de que tudo o que via não passava de um semblante onírico? Mas a realidade, onde estava?

Aproximou-se da garota de amarelo, pensando se deveria ou não abordá-la. Uma questão retórica porque os grandes olhos dela eram um ímã para o ferro de seus passos e os pés de Darev movendo-se na esteira de fótons que se refletia no mundo e confluía para a retina que esperava por trás de suas pupilas negras.

- O que você deseja? - ela pe

stou.

– Acordar – respondeu ele, sem saber por que o dizia. Entretanto, parecia a resposta apropriada, porque sorriu e assentiu com a cabeça.

– Meu nome – disse – é Laytha Dayla.

– Eu sou Verad Darev.

– Eu sei. – Sorriu novamente. – Venha comigo.

Darev acompanhou-a, imaginando que estivessem indo para o hotel onde ela atendia a seus fregueses. E de certa forma estavam, pois tratava-se de um hotel cinco estrelas, ocupando todo um quarteirão. O letreiro, discreto como só as grandes companhias podem se dar ao luxo, informava que se tratava do Abbana Hotel. Entraram. Dayla se dirigiu à portaria e pediu a chave do quarto nº 22. Com satisfação, Darev percebeu que as poucas pessoas que ali dentro ostentavam seus próprios rostos. O elevador, revestido de espelhos, trouxe-lhe à lembrança um pouco do desconforto que sentira ao estar-se multiplicado por uma legião de clones. Darevs. Felizmente, a viagem foi rápida, pois ficaram no segundo andar. O amplo corredor era ocupado por um longo tapete vermelho que parecia feito de tiras de papel coladas sobre tecido. O chão do quarto era carpetado com o mesmo material, e Darev não resistiu à tentação de tocá-lo. Ao tato, as pequenas tiras recortadas com papel apresentavam uma consistência semelhante à borracha. Sentou-se em uma pequena poltrona individual em frente à ampla cama de casal, sobre a qual a Dayla se recostou, e ficou olhando para ela durante algum tempo.

– Tenho a impressão de que, se ficar aqui sentado o dia inteiro

sem fazer nada, você também vai ficar só olhando pra mim – disse. Ela assentiu. – Além disso, você sabia o meu nome, o que significa que não estava lá na esquina fazendo ponto, e sim me esperando. – Outro assentimento. – Por quê?

– Eu sei o que você precisa.

– Sabe?

– Quer que eu lhe diga por que, de repente, todo mundo ficou com a sua cara? – Como ele não disse nada, continuou: – “A alma humana, quando sonha, desligada do corpo, é a um tempo o teatro, os atores e a platéia”. Foi um escritor chamado Addison quem disse isso. Se está sonhando, e sabe muito bem que está, você é cada pessoa deste mundo. Elas passaram a ter o seu rosto não apenas porque todo tipo de absurdos pode acontecer nos sonhos, e sim porque na verdade elas são você.

– Você e os demais neste hotel não estão com a minha cara.

– Daí se conclui que...?

– Que vocês são diferentes dos outros.

– Diferentes como?

– Vocês não são eu.

Obviamente satisfeita, ela fez que sim com a cabeça.

– Quem são vocês e como entraram no meu sonho?

Dayla recostou-se na cama e se espreguiçou com uma sensualidade natural que nenhuma prostituta de verdade seria capaz de simular.

– Não estamos realmente no seu sonho – disse. – Você é que nos coloca nele, como quando o despertador toca e o cara sonha com um telefone.

– E onde vocês estão?

– Onde você realmente está. – Tornou a se sentar. – Eu vou contar

uma história. Era uma vez um mundo onde as pessoas tinham telefones. E hotéis, ônibus, cinemas. E ruas, automóveis, edifícios. Elas estavam contentes com a segurança que toda essa boa e sólida matéria lhes trazia. — Bateu com os nós dos dedos na trave de madeira da cama. — Mas, é claro, toda segurança sempre se apóia numa ilusão. Neste caso, a ilusão era a solidez da matéria. Esta é uma propriedade atribuída pelo cérebro a um mundo que é “um verdadeiro caleidoscópio quântico”. A matéria real é uma sopa caótica de probabilidades interagindo mutuamente. Nós chamávamos os padrões de probabilidade de átomos, e fazíamos de conta que eles eram formados por pequenas bolinhas girando ao redor de outras pequenas bolinhas. *Precisávamos* dessa ilusão: o cérebro de nossos ancestrais primatas, nosso próprio cérebro, não possuía o grau de complexidade necessário para lidar com a incerteza quântica. Então, recobrimos as flutuações infinitas da matéria com uma tela estática de proteção, e continuamos vivendo. — Parou para se certificar de que Darev estava prestando atenção. Estava. — Essa tela começou a cair no início do século XX, com a descoberta da física quântica. Houve um momento inicial de perplexidade, seguida de euforia, mas logo veio o recuo: a maioria dos físicos se recusou a aceitar que a realidade pudesse ser tão louca quanto a mecânica quântica sugeria, e correram desesperadamente atrás de uma alternativa teórica viável, que mantivesse a tela em seu lugar, com todas as suas relações de causa-e-efeito muito bem arrumadinhas. Eram seus cérebros primatas reagindo à com-

plexidade do mundo. — Encarou Darev incisivamente, como se a pressão “cérebros primatas” fosse uma flecha e ele, a mosca do alvo. Um efeito colateral da mecânica quântica foi a biologia molecular, que acabou se encaminhando para o controle dos mecanismos da evolução natural. Apesar dos inevitáveis protestos dos tolos, dos reacionários, daqueles que pensavam que a vida devia ser deixada nas mãos de Deus, que a engenharia genética era uma blasfêmia e um pecado de orgulho, apesar de tudo isso, ela avançou. Quando virou a eliminação de virtualmente todas as doenças e deformações orgânicas, inclusive o aspecto físico de males psicossomáticos como o câncer e a Aids, e nenhuma chuva de fogo e enxofre cair do céu, os opositores finalmente calaram a boca. Então, uma idéia que já havia sido aventada por dezenas de romances de ficção científica começou a se tornar popular: um salto na evolução humana. Não vou perder tempo descrevendo os obstáculos que essa idéia enfrentou, a oposição de novo se levantando contra, o deus de Jeová mais uma vez invocado, mas o número de simpatizantes crescendo geometricamente, vai ver por que o paradigma global estava se modificando. Basta saber que foi feito. O projeto foi entregue a uma equipe internacional de biólogos moleculares, que planejou não uma melhoria quantitativa, órgãos melhores e mais perfeitos, mas uma mudança qualitativa. Criar um equipamento sensorial que permitisse ver a realidade como ela é, com toda sua complexidade quântica, e desenvolver um cérebro capaz de lidar com ela. Numa palavra, eliminar a tela. Rasgar o véu de Maya, como diria

...ous.
...Modificar toda a população...
...era muita gente pra ser opera-
...indagou Darev, a voz um pouco
...ela, ainda que não soubesse bem
...ué.

Não foi uma operação. Foi uma
...mia. As novas seqüências gené-
...foram codificadas em um retro-
...criado especialmente para ati-
...des de engenharia genética e
...lhado pelo mundo através de
...ites que tinham sido desenvol-
...nos tempos da Guerra Fria,
...ndo ainda se cogitava a possibili-
...de armas químicas. Em uma se-
...na, estava consumado. O velho
...ndo já não era, e havia um novo
...e uma nova Terra: passamos a
...ceber não mais os objetos, mas
...padrões de probabilidade que os
...tos refletem. Houve um período
...cial de desorientação perante o
...parecia ser um labirinto de for-
...sempre em mutação, mas logo
...prendemos a usar o novo *brain-*
...re, que também não se asseme-
...ava mais a uma massa esponjosa,
...im a uma harmoniosa *Gestalt* de
...vidade elétrica. — Analisou a ex-
...essão de Darev. — Foi assim que
...nteceu, mesmo que você não se
...mbre.

— Por que eu não me lembro?

— Você está doente — ela explicou.

A tela de matéria sólida continua a
...stir em nossos sonhos. Quando
...ormimos, as árvores deixam de ser
...maravilhosos tecidos de luz e cor pa-
...a voltarem a ser um tronco de casca
...gosa coberto de folhas verdes. Nos-
...as formas fluidas dão lugar a um cor-
...o de carne e osso. Voltamos a nos
...er cercados por paredes rígidas. Tal-
...ez dentro de mais alguns séculos
...stejamos adaptados o suficiente

com nossa nova visão para não preci-
...sarmos mais dessas lembranças. Por
...quanto, elas ainda são úteis, por-
...que ajudam a estabelecer uma ponte
...entre o velho e o novo mundo, entre
...o comportamento a que estávamos
...acostumados e os comportamentos
...a que temos de nos acostumar. Para
...muitas pessoas, porém, a inércia dos
...hábitos antigos é forte demais, e o
...intervalo dos sonhos não basta para
...contê-la. Livramo-nos de cada uma
...das velhas doenças, mas em compen-
...sação criamos um novo tipo de psico-
...se: um estado alucinatorio que se es-
...tendeu até recobrir todo o tempo de
...vida de uma pessoa, de forma a
...manter a tela de matéria sólida.

— É esse o meu sonho.

— É. Mas, após acompanhar deze-
...nas de casos, encontramos uma ma-
...neira de curar também essa doença.
...Nós interagimos com seu sonho,
...introduzindo estímulos como o livro
...que você leu e provocando incongru-
...ências destinadas a quebrar a coe-
...rência artificial introduzida pela ela-
...boração secundária, a fim de revelar
...sua verdadeira natureza onírica.

— Quem era o cara que a Anna
...matou?

— Você, claro. Anna é uma perso-
...nificação da sua *anima*. Quando ela
...o matou, estava simbolizando a ne-
...cessidade que você tem de abandonar
...sua condição atual e encarar o mundo
...verdadeiro. Em outras palavras,
...acordar.

Darev ficou digerindo a infor-
...mação, e então perguntou:

— Como?

Ela deu de ombros e, com uma
...leveza que Darev jamais vira antes,
...desfez-se do vestido amarelo. Tinha
...o corpo um pouco mais esguio do que
...ele imaginara, mas perfeito em cada

detalhe. Seus olhos não tinham sido negros? Seu cabelo não fora castanho escuro? Darev não tinha certeza. Agora, contudo, ela estava loira e seus olhos verdes eram um oceano proceloso onde ele era convidado a navegar. Abraçou-a, os mamilos endurecidos dela pressionando o peito dele, a guarda avançada de pêlos pubianos abrindo caminho para a vulva em direção a seu pênis. Em que momento ele se livrara de suas próprias roupas, e onde estavam elas? Era uma questão metafísica de importância comparável ao número de anjos que cabem na ponta de uma agulha, logo submersa por uma maré furiosa que se agitou dentro dele, rugindo como uma erupção vulcânica, estendendo-se para o quarto, dissolvendo a cama, a mobília, à medida que as pernas de Dayla se abriam para dar passagem a seu membro, enquanto ela própria se virava para colocar-se sobre ele, os lábios deslizando sobre seu pescoço, as mãos de Darev traçando o contorno dos pequenos e pontiagudos seios, afastando-se para as costas, acompanhando a reta da espinha, contornando as nádegas e voltando para os seios como a explosão de uma supernova.

Pela segunda vez, atingiu o orgasmo sem ejacular. Verad Darev era um boneco de areia na praia, as ondas de um temporal avançando em meio a uma ressaca furiosa e dissolvendo seu ego, espalhando os grãos de areia que o formavam por uma extensão de quilômetros, até não ser mais Verad Darev. Ao invés de declinar após alguns segundos e ceder lugar à normalidade do dia-a-dia, o orgasmo abriu-se em uma rede de energia estendendo-se por todo o universo, para cima e para baixo da reali-

dade, redesenhando mapas, dando novas formas ao mundo, fazendo com que ele visse Darev e Dayla como duas serpentes de fogo entrelaçando-se por sobre uma esfera de pulsante, rodopiando em iridescências multicoloridas, subindo até as estrelas, explodindo, precipitando-se vertiginosamente para baixo para baixo, para baixo, em direção ao vórtice redemoinhante do Maelström, para dentro do turbilhão negro que arrancou Darev de um cenário de papelão e o atirou através da porta de chifre dos sonhos.

* * *

– *Ele está sonhando agora – disse Tweedledee. – E com que é que você pensa que ele está sonhando?*

– *Ninguém pode adivinhar uma coisa dessas – observou Alice.*

– *Ora, ora, é com você! – exclamou Tweedledee, batendo palmas triunfalmente. – E se ele deixasse de sonhar com você, onde é que você acha que estaria?*

– *Aqui, no mesmo lugar, é claro – disse Alice.*

– *Nada disso! – replicou Tweedledee com desdém. – Você não estaria em lugar nenhum. Pois você é apenas uma espécie de imagem no sonho dele! Se o rei acordasse – acrescentou – você se apagaria, puff!, como chama de uma vela.*

São Paulo, dezembro de 19...

Lúcio Manfredi é sócio proprietário da Lúcia Comunicação Ltda. Foi editor do *Somnium* por dois números (54 e 55). Sua grande erudição sobre os mais variados assuntos sempre transpareceu em seus contos e arti-





Conto

Uma Londres habitada por
formas de vida diversas, dentre
elas anjos e demônios
cibeméticos.

Um ex-exterminador recebe uma
oferta estranha para um trabalho
de "limpeza", e numa noite de
chuva torrencial ele se vê entre
dois inimigos mortais, sem saber
ao certo como lutar o Bem e o
Mal...

A Arder Cairam os Anjos

João Barreiros

*Nine days they fell;
Confounded chaos roared,
And felt tenfold
Confusion in their fall
Through His wild anarchy
So huge a rout
Encumbered Him with ruin:
Hell at last
Yawning received them whole
And on them closed.*

Milton, PARADISE

A cozinha do apartamento deserto e
ra num bafo térmico de atmos
comprimida. Em milésimos de seg
a temperatura ambiente sobe mil graus
armários ainda pregados às paredes incende
se, os painéis de cartão prensado aderent
veneziana das janelas são cuspidos p
tombarem lá em baixo, sobre o entulho do p
num rodopio festivo de tições e cinzas. Cha
provocadas pela combustão espontânea
madeiras lambem os mosaicos das par
estalam com alguns, vitrificam outros
ladrilhos sintéticos, empolados, descolam-
cimento, transformando o chão numa pais
peganhenta de bolhas e crateras viscosas. O
expande-se às canalizações, propaga-se ao p
vaporizando a pouca água que ainda exist
canos. Por todo lado rebentam juntas e
tadores. Em todas as cozinhas e banheir
torneiras vomitam baforadas de dragão.

Electricidade estática dança em tor
criatura recém materializada. Fagu
envolvem corpo e asas. O ar tórrido tor
redolento a plástico, chumbo, vapor d'á
ozônio.

...sim despertam os Arcanjos no
...mo, assumindo todas as limi-
... fisiológicas dos danados:

...isão estereoscópica tridimen-
...al de espectro eletromagnético
...tado. Sons apenas entre o infra-
...ultra. O beijo de calor sobre a
...associado ao perfume das coisas
...muscadas. Nenhuma manifesta-
...a nível aural. Ei-lo perante uma
...a geometria, a geometria das
...as sólidas que só podem existir
...biosferas que rodam em torno
...poços gravitacionais.

Porém, só o fato de estar aqui
...do a um corpo, a um nome, sujeito
...abraços de um sem número de
...sações puras, é prazer suficiente
...ra que Ariel se deixe cair de
...lhos, na hecatombe da cozinha
...feita. A boca abre-se num grito.
...sivos mordem lábios de alabastro
...pertando gotas de ouro líquido.
...sam-se minutos até que o orgas-
...se desvaneça, censurado pelos
...uitos neuronais de segurança. Es-
...tido sobre o cimento posto a nu,
...as asas portentosas apoiadas con-
...os glóbulos plásticos dos ladrilhos,
...al levanta o braço e contempla a
...o. Os dedos são esguios, a pele é
...nca e translúcida como a cera, as
...as rígidas e retrateis. Fascinado,
...el fá-las sair e entrar nos recep-
...ulos, risca o alumínio do lava-lou-
...e estremece perante o guincho
...agonia do metal a ser rasgado ao
...o. Ariel baixa os olhos, percorre
...a a vista um ventre onde não
...ste umbigo, fixa-os nas protube-
...cias do pênis e testículos. As
...truções do menu de combate são
...tanto quanto confusas no que
...peita à utilização de tal instrumen-
...O apêndice pode rigidificar-se,

crescer, ganhar um tamanho limite
de cerca de duas mãos postas em
fiada, atingir uma dureza tal que
permita perfurar a porta de um dos
armários. Com ele vem uma emissão
de feromônios que lhe estimulam os
sensores da pituitária, despertando
outro tipo de fomes e prazeres. Ariel
corta o comando e o pênis definha e
retrai-se, escondendo-se na bolsa das
virilhas, até que lhe seja atribuída
uma função mais adequada. Mais
abaixo, os pés traçam sulcos no
cimento granuloso. O esporão junto
ao tornozelo fulge num polimento de
ébano. Ariel estica-se e a cabeça
raspa o teto da cozinha que se esfa-
rela numa chuva de estuque e placas
de tinta. Como resposta, os cabelos
sacodem-se, gerando um mini-campo
de eletricidade estática que afasta
deles cinza e poeira. As asas, cobertas
por uma penugem rígida, mas cor-
tante como lâmina, ocupam prati-
camente todo o espaço disponível.
Ariel começa a sentir-se enjaulado.
Abandona a cozinha, afastando para
o lado a porta semi-arrancada dos
gonzos, chega-se à salinha de estar,
percorre com os olhos um grupo de
estantes cobertas de lamelas de polpa
vegetal, uma cama que fede a
feromônios e óleos orgânicos e sinté-
ticos, dirige-se à porta da moradia e
empurra. A porta deixa-se abrir com
um estalo sofrido. Ariel passa ao pata-
mar, de cabeça encolhida para não
bater na soleira da porta, e ergue os
olhos lá para o alto, na direção de
uma triste clarabóia onde a luz mal
penetra devido ao pó, lixo e sebo
acumulado. As asas estremeçam com
a sede do voo. O menu de combate
sugere-lhe que o melhor será subir
em vez de descer. É o que faz Ariel.
Os degraus estalam-lhe sob o espo-

rão dos pés, pouco habituados a tanto peso. Existem mais portas em todos os patamares, algumas entaipadas, outras fechadas. Quase todas dão para apartamentos desertos. Não há uma única que se abra para o ver passar.

Por fim, ei-lo no topo do prédio, a contornar um labirinto de chaminés derrocadas feitas à base de tijolos e placas de cimento rachadas cobertas de erva e fungos parasitas. A dividir as placas, até perder de vista, os desfiladeiros que separam os blocos de apartamentos uns dos outros guardam lá no fundo um tumulto de vozes e sons mecânicos. O céu cinzento é todo ele uma conflagração feita de núvens de tempestade. O ar está carregado do cheiro de sal, gorduras e petroquímicos mal queimados. Lá ao fundo, uma correnteza de gases no estado líquido corta ao meio a paisagem artificial, lambe os pilares de algumas pontes derrocadas, transborda sobre os diques de betão e acaba por verter sobre os habitáculos mais próximos. A estrela que alimenta esta biosfera encontra-se próxima do horizonte, quase invisível, anunciando o crepúsculo.

Ariel abre pela primeira vez as asas, estende os braços ao alto, arreganhando a boca num sorriso. Nunca pensou que fosse tão bom possuir um corpo. Que a perspectiva de caçar um irmão renegado lhe desse tanto gozo. Para ele, nestes primeiros minutos de corporalização, todos os cheiros são um prazer estimulante. E toda a nêmesis futura, uma antecipação orgástica. Ariel inclina a cabeça para trás e clama o Seu Advento.

Depois, com a ajuda das mãos e o fermento da saliva, servindo-se da

lama, ervas, restos de penas, pedras secas, placas quitinosas e outros desperdícios orgânicos dos habitantes temporários do telhado, molda a esfera atrás de esfera, depositando umas sobre as outras, em pirâmide produzindo assim, pela graça divina da metatecnologia, aquilo que se vê dentro de algumas horas, uma hora de Vigilantes.

Em seguida, com as asas estendidas, põe-se a correr até à borda do prédio e lança-se contra o crepúsculo próximo. O bater titânico desloca remoinhos de poeira, cadáveres de pombo e pardais, um ou outro biótico fugido às ecosferas das espécies Visitantes.

Ariel ascende contra o céu de Londres que se prepara a custo para receber o impacto de um novo ciclo. Ninguém o vê subir. E mesmo que o vissem, provavelmente não acreditariam. Estamos na primeira metade de um novo milénio e as pessoas já se habituaram à monotonia de milagres.

2

São sete da tarde, a tempestade aproxima-se, gotas de chuva negra varrem já Charing Cross Road e Market Street. K, o Kreepo que trabalha com a caixa registradora na loja *Fantasy Intelligible*, estremece as antenas, vira um pedúnculo ocular na direcção de Roy e pergunta-lhe, na voz erótica e sensual com que foi programado o sintetizador fonético:

— Que tal se fechássemos a loja amanhã?

Roy concorda, absorto. Doem-lhe as articulações, os músculos, o corpo inteiro. Dias há que nem o exosqueleto ajuda. Cá em baixo, no fundo do poço de gravidade, depois de anos

anos a trabalhar como desratizador nas colônias Cislunares, sente-se frágil e quebradiço. A reforma não chega nem para pagar uns dias num cilindro de revitalização, mal dá para as macro-baterias que lhe alimentam os circuitos do fato. E ao pensar nisso, uma vez mais, num tique que chega a ser obsessivo, passa os olhos pelo *led* que indica a quantidade de carga ainda disponível, descobre que esta está muito baixa (culpa de circuitos que há muito não são revistos), e morde os lábios, nervoso.

Pela livraria atardam-se ainda dois ou três fãs, um a ver se enfia um livro/placa no bolso da casaca, outro a tentar descolar o selo plástico de um Comic, mesmo por baixo de um cartaz enorme, onde se encontra escrito em letras garrafais: **POR FAVOR, NÃO ABRA OS PACOTES SEM A PRESENÇA DE UM EMPREGADO!**

Roy faz sinal a Mr. K para que se aproxime primeiro. E Mr. K faz-lhe a vontade, pois adora intimidar humanos. Mr. K é um Kreepo, ou seja, um pseudo-insecto composto por um encéfalo-tórax e abdômen, quatro apêndices locomotores, dois manipulativos, três pedúnculos visuais, uma tromba aspirante e um número de papilas trinadoras dispersas por toda a região do baixo ventre. Todo o corpo de Mr. K está cheio de implantes. Implantes que se fabricam hormônios sintéticos e outros que suprimem hormônios orgânicos. Implantes que filtram o ar aspirado das poeiras e poluentes em suspensão. Implantes que comimem esse mesmo ar e o sopram na direcção dos opérculos respiratórios. Implantes que o ajudam a falar, numa voz sintética, judiciousa-

mente escolhida, uma voz que guarda os tons da Mae West. O dorso de Mr. K é lindo de se ver, pois anos e anos de seleção genética deram à casca de queratina um magnífico padrão de pintinhas vermelhas e verdes.

Mr. K aflora com um pedúnculo o ombro do cliente infrator:

— Então, então isso se faz, seu malandro?

O cliente é um necro-punk com a pele tão branca e transparente como a de um albino. Os lábios abrem-se, revelando uma fieira de dentes fundidos uns nos outros. Os olhos são prognatas, cobertos pela gelatina dos filtros anti Ultra-Vê, aureolados por dois círculos negros. Ao ser assim abordado, a cartola escorrega-lhe da cabeça e os olhos dilatam-se ainda mais. O livro/CD que estava a tentar surrupiar para o interior do bolso blindado à penetração dos ultra-sons vai cair sobre uma pilha de placas exatamente iguais. Chama-se **FUNDAÇÃO E O NOVO IMPÉRIO**, escrito pela IA Asimov, produzido em série pela Toshiba/Doubleday. Um sucedâneo, pensa Roy com um certo desprezo.

— Só estava a ver — insurge-se o necro-punk. — Que raio, não é preciso chatearem-se!

— E se fosses para a tua casinha? — acrescenta Roy, cada vez mais próximo, com as solas de metal a rasparem o soalho, zumbido dos circuitos locomotores a encher todo o compartimento abafado do rés-do-chão. — Não vale a pena arranjar problemas só por causa de um clássico sintético, pois não?

O necro-punk concorda e sobe os degraus, apressado, encolhendo-se para que a cartola consiga passar sob o vão das escadas.

O segundo cliente, armado com

L
O
M
U
N
O
S

tudo o *memorabiliae* nostálgico da Guarda socialista para a Integralidade Genética da Raça Humana suspira, desiste das tentativas de rasgar o selo do pacote (LORD ZAP, THE ALIEN SCOURGE), e fecha o velcro do blusão.

— Vocês, quando chega a hora de fechar, são mesmo chatos...

— Não passamos de pobres trabalhadores oprimidos por um sistema cruel e indiferente... — replica Mr. K, agitando patas, papilas e antenas, expulsando o cliente da loja. — Amanhã abrimos à hora de costume. Visite-nos e veja lá se compra qualquer coisa!

Trinta minutos depois, feitas as contas e fechado o caixa, Mr. K e Roy trancam os selos da livraria. A hora do *rush* ainda vai a meio. A chuva pinga em gotas grossas. Riachos negros gorgulham junto às sarjetas sobrecarregadas. Riquexós, pediplanos, eletrominis engalfinham-se uns nos outros procurando chegar ao caos monumental de Trafalgar Square.

— Jantamos por aí, meu doce e bom amigo? — pergunta a voz rouca de Mae West.

Roy estremece sob o chovisco constante. O *led* climatérico no pulso indica-lhe que o ciclone chegará a Londres dentro de duas horas. Por essa altura, se se despacharem, já tem planes de estar em casa, ou num dos abrigos comunitários. Enquanto isso, aninha-se contra a massa portentosa de Mr. K, chega-se à parede negra de tanto sêco incrustado, acena que sim, apontando na direcção de Leicester Square.

— Aposto numa sandes de sushi.

Estou com as finanças em baixa. Só se tu me adiantares...

Mr. K dá-lhe uma palmadinha compreensiva no ombro:

— O mundo é de uma constância dolorosa, meu caro Roy. Infelizmente o meu Ninho também está com falta de liquidez. Neste caso resta-me o grato dever, direi mesmo o prazer de te acompanhar na vertiginosa descendente da tua desgraça. Honra-me informar-te que conto partilhar essa sandes de sushi contigo.

Roy suspira, começando a subir a rua na direcção do Hipodrome. Mr. K segue mesmo ao lado num alegro estridular, debitando vacuidade. Charing Cross é um lugar privilegiado para os Exóticos não humanóides. Em poucos metros, cruzam com um par de Vulpis, um Troll pedrado e a medula e um emaranhado rastante de uma família Krill. Um outro Kreepo desce a rua, mas como cores da casca e a emissão feromônica possuem uma assinatura diferente, Mr. K encosta-se à janela de um restaurante cantonês, erguendo as patas locomotoras e estridula um aviso cuidadoso de combate e mutilação eminente. O outro Kreepo responde na mesma moeda. À volta dos dois começa a formar-se o círculo do costume. Basbaques humanos que anseiam levar para casa algum pedúnculo bissectado por mandíbulas alienígenas.

Merda, resmunga Roy entre dentes, retirando da sacola o cilindro de um supressor feromônico.

— Os senhores querem fazer favor de pararem com as exhibições — resmunga entre dentes, sacudindo a lata do spray perante as papilas de quem o queira ver. — Estão ambos com vontade de ficarem sem identificação durante as próximas horas.

— Mil desculpas, cívico senhor.

— Sou-me vítima de uma perturbação momentânea, que espero não ter consequências de maior monta... — responde o outro Kreepo com pronúncia de Oxford. — Com sua presença, estou já de partida...

Assobios e apupos dos transeuntes desiludidos acompanham a resolução do combate. Quando Mr. K vê o outro Kreepo pelas costas, atala as papilas, apoia uma das mãos sobre o exosqueleto de Roy, e pipila-lhe aos ouvidos, em confiança:

— Aqui para nós, ganhava-lhe de longe. Capava-o só com uma dentada. Aquele Ninho é uma corja de funcionários públicos a armarem-se em barcos só porque têm as costas quentes...

— Que raio, K. Estamos no meio da rua. Se vocês quiserem matar-se, porque é que não o fazem lá para os aírros periféricos?

— Ah Roy, que tristeza... Já não se respeitam as hierarquias militares. Já não se cumpre os protocolos das distâncias... Uma aproximação a menos de três metros? Cinco Ninhos Kreepo apenas no perímetro da grande Londres? Nem durante a viagem eram permitidos desaforos destes.

Roy suspira, enfia de novo o spray no saco do ombro, ajusta a fivela da gabardine que esconde parcialmente o embaraço do exosqueleto, consulta o led da carga (baixa, baixa), toca com os dedos a bolsinha que traz ao pescoço onde guarda o cartão de crédito do Welfare, sacode a chuva dos olhos, e termina, desconsolado:

— Deixa-te de histórias, K. Vamos comer sanduíche.

Sobre os telhados de Leicester Square crepita um écran repulsor de

Grau 2 mal sintonizado. Mesmo assim, a chuva não entra e as massas acumulam-se, formando filas frente aos cinemas e às máquinas de pipoca. Nem a proximidade do ciclone intimida os cinéfilos. Hologramas demonstram as virtudes das perversões interativas. Três cinemas, quase às moscas, exibem dramas sado-maso-snuff em espaço virtual. Outros, mais concorridos, propõem abater a tiro o seu ator favorito. Mas, em abono da verdade, as enchentes aglomeram-se nas salas nostalgia, onde passam, em sessões contínuas, todas as séries Z de Monstros de Olhos Esbugalhados, produzidas há quase um século. No centro da praça, sob a grelha nervosa do céu, Roy aproxima-se às cotoveladas de uma loja cheia de travessas de alumínio repletas de polpas inomináveis, e pede ao empregado um sanduíche extra de polvo, tubarão e arenque.

E Mr. K, que nunca se esquece do que lhe prometeram, cola-se-lhe às costas, com a pinça manipulatória estendida, à espera da sua metade. Resignado, Roy divide ao meio a massa gelatinosa do sanduíche e vai sentar-se num dos bancos por milagre ainda livre. Mr. K acocora-se mesmo ao lado, pingando sucos ácidos sobre a carne picada. Onde a saliva tombou, a massa de sushi ferveilha e dissolve-se. Mr. K desenrola a tromba, e sorve, deliciado, os venenos e toxinas de uma outra ecosfera. Roy começa a suar frio, um suor que tresanda a xenofobia.

— Mas que modos, K! — consegue articular.

— Simples imperativos biológicos, caro Roy! — retorque a voz quente de Mae West vinda do sintetizador vocal implantado junto ao orifício

ovopositor. — A nossa espécie evoluiu, em termos alimentares, do parasitismo à necrofagia. No nosso saudoso mundo de origem comíamos todos em conjunto. Depois de paralisado um Glorb, a Mãe e a ninhada penduravam-se junto às glândulas linfáticas, e...

Roy vira-se para Mr. K, furibundo.

— Olha lá, se pensas que vais me agoniara para depois ficar com o lanche inteiro, estás muito enganado. Esta metade é *minha*, topas? Não me venhas agora convencer que a tua espécie evoluiu do parasitismo biológico ao econômico...

— Para dizer a verdade... — prossegue a voz de Mr. K sem que a tromba aspirante deixe de sorver um só momento, — esse conceito até que não é despropositado. Atendendo a que...

— Dão-me licença? — pergunta um humano de aspecto andrajoso, provavelmente um dos *homeless* que assombram as bocas do Metropolitan e as portas da Strand. Ao seu lado está um carrinho de supermercado cheio de contentores plásticos não bio-degradáveis. — Roy? Roy Baker?

Roy estremece, irritado, mão a cobrir o cartão do Welfare, pois que a outra encontra-se inutilizada pelo rolo pingulhante da sandes. Faz-se de surdo. Entre os infelizes, há que mostrar-se superior a quem é mais infeliz do que nós.

Mas o *homeless* insiste, acorandose-se junto ao par. Um bafo a ranço e a cebola crua paira à volta dele, como um miasma. Roy engole em seco, mas Mr. K snifa o ar, papilas gustativas entusiasmadas pela intensidade dos novos odores.

— Não estou a pedir-lhe nada, apenas a requisitar um serviço. A

oferecer-lhe trabalho, para ser específico.

— Trabalho? Que tipo de trabalho?

— Algo relacionado com a tua antiga profissão. Aquela que exercias lá no alto, nas colônias cinzentas. Tenho a casa infestada. Gostaria que você lá fosse livrar-me da infestação. Só isso. E por bom preço.

3

A tempestade aproxima-se enquanto Ariel dança contra os remansos de nuvens, escorregando sobre o diagrama cinzento e alagado de Londres. Aos poucos, o orgasmo das sensações puras vai-se organizar num todo coerente. Os protocolos da Missão voltaram a ganhar importância. Mesmo assim, de asas estendidas, Ariel canta, num rugido de trombeta, sozinho, muito acima das gaivotas e outros bióticos que adejam, espavoridos, perante a aproximação da frente do ciclo. Aqui e acolá, como bolhas de mercurio contra a arquitetura da cidade centenária, os Domos das Ecosferas Exóticas exibem as assinaturas respectivas espécies no fulgor intenso dos campos energéticos.

Ariel sorri, arreganhando os caninos dos dentes. Moléculas que pairam por todo o lado, dispersas em torno do turbilhão de tantas outras, insistem que o Irmão renegado continue presente e ativo neste local. Ariel cruza os braços, dobra o corpo sobre a cintura, e mergulha de cabeça.

Passa como uma bala de canhão sobre o tabuleiro submerso da Tower Bridge, curva na direção da margem sul, penetra em voo tangencial sobre os prédios de luxo das Docklands (agora abandonados e com água p...

meiro andar) e atira-se contra o muro defensivo do Domo das Simulatrix.

Gloria Swanson gosta de contemplar o crepúsculo em plena decadência, com um copo de Gin na mão, estendida sobre a *chaise longue*, na varanda aberta pelo emaranhado das trepadeiras selvagens. Lá ao longe, quase perdido pelos muros da propriedade, o sol poente estica as sombras das palmeiras, amaciando a dureza da abertura do Sunset Boulevard. E lá em baixo, em pleno jardim entregue às águas bravas, um cadáver flutua, entre as algas, na quietude imperturbável da baía. A fisionomia de Gloria estrepece como um espelho líquido, hesitando entre a frescura dos vinte anos e a crueldade entrópica dos sessenta. Ainda há pouco acabou de telefonar para a polícia e ao Cecil. Agora está a ver se ganha coragem para descer a escadaria. Entretanto, percorre com os olhos as manchas despigmentadas das mãos, sacode a cabeça e as veias contraem-se, as articulações desinham, a pele ganha a elasticidade da adolescência. Gloria sorri, satisfeita. De súbito, o sol deixa-se cair como uma moeda gasta sobre a insubstancialidade do oceano. Um vendaval horrível, que sopra de baixo para cima, torce as palmeiras junto à praia. O céu crepuscular rasga-se ao meio. Sobre o jardim chovem pedaços de plasvidro. Gloria torce-se na cadeira, a tossir. Impressões confusas e contraditórias passam-lhe pela cabeça. Durante alguns instantes julga possuir mais mãos do que aquelas que lhe são devidas. Pensa respirar pelo nariz uma atmosfera que arde como um ácido. Os olhos sobrem-se-lhe de lágrimas.

E só então vê um Anjo. Ariel senta-se contra o parapeito, dedos sobre os joelhos, esporão dos pés a raspar o mármore da varanda. Os cabelos estremeçam como um tufo de vermes dourados. O céu da Califórnia desapareceu, cedendo lugar à curvatura trincada do Domo Ecosférico. Gloria arrepiava-se contra a cadeira, o copo vomita Gin pelo chão. *Contaminação bacteriana*, murmura aterrada, *tenho de...*

— O que tu tens é de respeitar a Minha Presença! — diz-lhe Ariel. — O que é que vocês pensam que estão a fazer, unh? Foi para isto que vos deixamos esconder aqui? Para transformarem o mimetismo numa perversão?

— Perdão, Senhor... — implora a Simulatrix de joelhos, perante os pés enormes de Ariel. — Não Vos sabia chegado. Vivemos pelos sonhos dos nossos hospedeiros. É um imperativo biológico, não podemos fazer de outro modo. Desde que nos proibistes a alteração dos códigos...

— Razão tínhamos Nós em expulsar-vos. Eis-Me repugnado por tanta vileza, Simulatrix. Apetecia-Me esmagar-vos a todos. Mas que vem a ser isto? Que cenário é este?

— Um filme... — murmura Gloria. — Apenas um filme...

— Um filme? — troa Ariel inclinando-se em frente. — E achas que Eu sei o que isso significa? Olha para Mim, Simulatrix, não desvies a cabeça... tenho uma pergunta a fazer-te. Onde está ELE?

— Ele, Senhor?

Ariel envolve a cabeça de Gloria na concha portentosa das mãos. O tímido pulsar do campo aural enche-o de um prazer inexplicável. O pênis emerge, curioso, da cavidade entre

as virilhas. No Seu bafo pairam os relentos de um forno imenso.

— Não brinques comigo, Simulatrix. Não mintas. Não despertes a Minha ira. Sabes quem Eu sou, não sabes? Não digas que nunca sentiste a presença do Meu Irmão renegado. Sei que Ele está aqui escondido, nesta cidade, desde há vários Ciclos. Sei que Ele já vos visitou. Toda esta ecosfera cheira à Sua presença. Que queria Ele de vós, diz-me! Que contrato estabeleceu convosco?

Lágrimas escorrem pelo rosto de Gloria. A túnica descai-lhe dos ombros descobrindo o peito. Gloria permanece de joelhos, apenas sustentada pelas mãos do Anjo. Curioso, Ariel aflora com a unha uma lágrima saturada de rimel, leva-a à boca e prova.

— Água, sais e corantes? Que secreções minimalistas são estas?

Gloria esforça-se por responder, mas não consegue. A presença de Ariel é absoluta. O pênis imenso não deixa de inchar. Feromônios exóticos espalham-se pela varanda.

— Uma assinatura genética... de um ator... uma alteração radical no campo bioplásmico... para Se esconder...

— Ai sim? E em troca deu-Vos...

— Um conversor de energia anímica... de modo a alimentar este Domo para sempre. Mas Senhor, garanto-Vos que nunca foi nossa intenção...

— Não, não, minha querida... Acabaram-se as garantias... Houve ruptura de contrato... A Nossa generosidade tem limites. A tecnologia de Grau 3 não é para ser emprestada a ninguém... Receio que tenha de haver uma purga... Uma purga radical de todo este Enclave...

Gloria soluça. Nunca antes sentiu a fragilidade da fisiologia humana. Ariel baixa os braços, agarra-a pelos ombros, e levanta-a em peso.

— Nem sequer preciso que me digas onde é que Ele está. Sei por onde entrou. Basta-me ficar à espera. Mas há tempo. Há tempo para tudo. Tempo para purgar este Domo. Tempo para experimentar os prazeres deste corpo que ora tenho. Que tal uma ajudinha, Simulatrix? Que tal demonstrares-Me a plasticidade dos teus talentos?

E Gloria grita. O berro ecoa na mansão deserta, espalha-se pelo jardim, perde-se na vastidão nostálgica do Sunset Boulevard. Por todos os lados, nesta falsa Hollywood, os outros simulacros estremecem de medo e começam a *mudar*. Não vai servir de nada. Ariel pode identificá-los sob qualquer forma.

Ariel penetra-a de lado a lado. O pênis trespassa a vagina e emerge pelo ânus vertendo fluidos orgânicos. Suspensa e empalada, Gloria deixa-se morrer. E o Anjo beija-a num abraço que se eterniza, o Anjo morde-lhe os lábios sorvendo energia pela boca, vertendo outro tipo de energia num orgasmo ígneo, como se o que acontecesse em cima, tivesse de ser o oposto daquilo que acontece lá em baixo.

4

Perante tal proposta, Roy não sabe que atitude tomar. Entretanto, Mr. K, de pedúnculos visuais erectos, sorve os restos dissolvidos do sanduíche, espreitando furtivamente o *homeless* que, de cotovelo apoiado no carrinho cheio de trastes, continua à espera que Roy lhe diga qualquer coisa. Lá no alto, o écran repulsivo

ça-se por vaporizar as primeiras
guas de água. Os passeantes de
oster Square apressam-se na
ção dos cinemas e sensodramas
rativos.

— Que infestação vem a ser essa?
insiste Roy. — E qual é o preço?

— Sim, porque se quiser saber,
omenta Mr. K, aspirando com a
aba os fragmentos semilíquidos
sanduíche. — os meus códigos
ntológicos não me permitem que
ceite impunemente, sem um co-
tário ou uma intervenção se-
r, uma proposta ilegal de emprego
na minha presença a este meu
amigo e camarada...

Irritado, de sobrolho franzido, o
neless fulmina o Kreepo com os
s. Em seguida, aclara a garganta.
como se houvesse de súbito, à
volta, um imenso gelo saturado
ameaças. Os trinados de Mr. K
am-se a meio. O seletor vocal sofre
daquelas oclusões momen-
neas.

— Se quiser, pode chamar-me de
Lux. Nomes como o meu, aliás,
absolutamente redundantes.
ples códigos referenciais. Quanto
problema em causa, surgiu num
co de apartamentos que possuio
to à Strand. No que diz respeito
preço, ofereço-lhe todo o material
transporto comigo. Como ele é
natureza confidencial, peço-lhe
só abra os pacotes quando
garmos a um acordo. A natureza
infestação, dará conta dela quando
hegarmos. Não é nada de trans-
dente. Apenas irritante.

— Bióticos?

— Mais ou menos...

— Quais? De que espécie?

— Uma vez mais aviso-o que
as coisas não se discutem num

lugar público... — prossegue Mr. Lux
entretido a coçar a barba com um
dedo imundo. — E não se deixe en-
ganar pelo meu aspecto. Visto-me
assim por opção ética. Tenho mesmo
dinheiro. Se consultar o *led* da sua
conta bancária, verá que ela acabou
de aumentar em dois milhões de
Écus. Vai haver o dobro dessa quan-
tia à sua espera depois de ter termi-
nado o serviço. Que tal, concorda?

Roy saca a placa do saquinho que
traz ao pescoço, liga-a, e invoca o
saldo. Engole em seco. A boca fica-
lhe subitamente sem uma gota de
saliva, tremem-lhe as mãos.

— Aceito — responde em voz alta.

— Ótimo! — Mr. Lux estende-lhe
uma mão rançosa de visco. —
Vamos?

Mr. K continua sentado no banco,
perdido num transe profundo. As
antenas estremecem, as papilas
trinam. E pouco mais.

— K? — chama Roy, tamborilan-
do na carapaça.

— Deixe-o sossegado, que isso já
lhe passa. — diz Mr. Lux puxando-o
por um cotovelo. — Provoquei-lhe
uma ligeira interferência nos circui-
tos motores. Quando acordar, volta
para o Ninho sem se lembrar de
nada. Não queremos que ele partici-
pe das nossas confidências, pois não?

— Mas como é que...

— Venha, venha... — insiste Mr.
Lux. — Ainda temos uma boa meia
hora de caminho, sob esta chuva. E já
agora, puxe você o carrinho, dado que
o que está lá dentro passou a ser seu!

O vento sopra, as ruas deser-
tificam-se, a Igreja de St. Martin mal
se vê, e as rodas do carrinho, mal
oleadas, guincham, sofridas, devido
ao esforço. Roy morde os lábios,

sente as botas encharcadas, a fricção do exosqueleto contra os ossos dos pés, inclina-se em frente, faz força, e empurra. A chuva tomba, insinua-se entre a gola da gabardine, escorre pelos intervalos das costelas de titânio e vai acumular-se no lugar onde as costas mudam de nome. Mr. Lux acompanha-o como se fosse indiferente à tempestade.

— Baterias, vou precisar delas para o meu esqueleto...

— Estão no carrinho...

— Hardware para visão e busca noturna, armadilhas, toxinas de espectro múltiplo...

— Tudo o que necessitar já está no carrinho...

— De que tamanho são esses bióticos?

— Depende...

— Vou precisar de armas?

— Tenho a vaga impressão de que estou a repetir-me, mas tudo o que necessitar...

— Já sei, está no carrinho!

Pouco passa das nove da noite e já não se vê viv'alma na Strand. A escuridão ganhou um breu novecentista. Os mendigos foram-se todos esconder nos vãos das portas, nas bocas do metropolitano, ou nos espaços ecoantes da estação abandonada de Caminhos de Ferro de Charing Cross. Mais à direita, do outro lado da barreira de betão, o rio troa, ameaçador.

— Se o Mr. Lux tem uma fortuna pessoal assim tão grande, por que é que se veste dessa maneira?

— Porque gosto de ser mendigo!

— Em homenagem a Howard Hughes?

Mr. Lux vira-se, furioso. O dedo treme-lhe, a milímetros do nariz de Roy: — Faça a fineza de não estabe-

lecer comentários jocosos e aquilo que desconhece. Não com a desgraça alheia, meu carnhor. Olhe que o que eu faço, também desfaço. Exterminadores bióticos, há-os por aí, aos pontap

— Claro... — retorque Roy, brando-se de fazer finca-pé, como perfeito idiota, ali ás escuras, no meio de uma rua com o pavimento espolhado pelas enxurradas, só para enfrentar os devaneios de um homem alucinado. — Foi por isso que me colheu a *mim*, que estava lá no fundo da lista...

— Se quiser saber, o mal fascina-me. O mal físico, moral, social. Antes de o ter experimentado, nunca tinha visto a Glória! — Mr. Lux estende as mãos, abraçando a rua, o rio, a cidade inteira. — Agora... — a fúria desaparece-lhe do olhar. As pupilas dilatam-se perante a visão de coisas bem mais terríveis. Relâmpagos distantes acendem nelas reflexos de ouro líquido. — Quem me diz que estes momentos durassem ao fim dos tempos... Mas não duram nunca. Há sempre quem se queira meter. Interferir. Chatear-me. Você não é daqueles que só nasceu para me chatear, pois não, Roy?

— De modo algum, Mr. Lux. responde o Exterminador, encolhendo os ombros, voltando a empurrar o carrinho. Há doidos para tudo. Seja livre de ser infeliz como quiser. Ainda falta muito para chegarmos ao seu prédio?

Eis uma porta como qualquer outra. Reforçada por uma chapa de plastaco e por um trinco eletrônico. Ladeada pelos olhos baços e entrecapados de duas lojas abandonadas. Mr. Lux enfia o cartão na ranhura.

ancas abrem-se com um zumbido. Entre, entre, diz a Roy, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

— E você, não entra?

Mr. Lux sacode a cabeça, restando:

— Para já, não. Depois explico por quê, caso seja necessário.

— E eu, o que é que faço? Quanto tempo acha que o serviço vai demorar? Dê-me ao menos uma idéia de que tipo de bióticos se trata... Onde é que eu durmo?

— No terceiro andar há um apartamento livre com um futon. Recanse aí. As outras portas estão fechadas. Sirvo-me do prédio como almazém. Não faço idéia de que tipo de bióticos estamos a falar. Há tempos, instalei nas escadas detectores sismo-motrizes. O alarme tocou várias vezes. Não são ratos. Demasiado grandes. Também não são infiltradores humanos. Inclino-me mais para uma infestação de bióticos. Foi por isso que chamei um especialista. O prédio não tem electricidade própria, mas no seu carrinho vai encontrar acumuladores com vários kilowatts de potência. Use-os à vontade. Quanto ao equipamento que eu guardo aqui, lembre-se que é de natureza delicada e confidencial. Agradecia que mantivesse o devido sigilo. Pago-lhe para que se cale... Por outro lado, se achar mais proveitoso dar com a língua nos dentes...

A figura esguia de Mr. Lux parece fundir-se aos poucos com o turbilhão de água que varre a rua. A água mudou de tom, tornou-se baixa, suca e ameaçadora. Roy mal consegue percebê-la contra os berros do vento e os gemidos do Tâmisia.

— ...Então, Mr. Roy, fique sabendo que há caçadores de caçadores,

numa hierarquia que nunca mais tem fim. E viver em pleno esta agônica existência é tão bom, não acha? Seria um disparate desperdiçá-la em troco de algumas confidências inúteis...

— Mr. Lux!

— Acho melhor não continuarmos nesta veia.... — prossegue a sombra, recuando ainda mais. — Faça de conta que está prestes a viver uma *ghost story* à velha maneira britânica. Imagine-se jovem aristocrata a cumprir a aposta de passar três dias num castelo assombrado. Enfrente o absoluto de olhos abertos... Saboreie em poucas horas de tempo comprimido a experiência de uma vida inteira...

— Mr. Lux! — exclama Roy, exasperado, pensando já em desistir.

Mas a porta da rua fecha-se-lhe no nariz, os sons da tempestade passam para segundo plano, lá no alto o clarão de um raio ilumina por momentos a escadaria, o prédio estremece sob as vibrações do trovão e do vento, e eis Roy de pé, em pleno átrio de uma ruína deserta, encostado a um carrinho de supermercado a transbordar de embrulhos e pacotes selados a vácuo.

Mau Karma, pensa ele. Tenho uma fortuna no banco e acho que não me vão sequer dar tempo para gastá-la...

5

A Torre de Centre Point, um misto de farol de halogênio, vulcão de vapor e marco de estranheza, encontra-se de momento ocupada, nível após nível, do topo ao subsolo, pelas Embaixadas dos Exóticos. Ventos de convexão turbilham em torno da estrutura, os campos repulsores defendem-na do ciclone, dos pedaços

de telhas, lixo e desperdícios arastados pelo temporal. Do outro lado das placas polarizadas de plasvidro, Embaixadores, Secretários e Adidos Culturais, pelo menos aqueles que pertencem às espécies quasi-humanas, dormem, conspiram genocídios, caçam ou reproduzem-se, segundo os respectivos ciclos biológicos.

O Vulpis Tar-ka-lor acabou ainda há pouco de acordar. Até agora tem resistido aos imperativos comportamentais da socialização humana. O quarto onde dormiu parece-se com uma toca. Lá ao fundo, duas fêmeas ciosas rosnam às outras cinco as glórias do período de estro. Deliciado pelo perfume a feromônios, Tar-ka-lor lambe as babinas, pensando cobrir uma ou duas antes da primeira refeição. Depois, lembra-se que o seu agregado familiar está à espera de dez crias não registradas. Uma vez mais calcula de cabeça quanto é que lhe vai custar abandonar os jovens recém-nascidos junto ao Rio Congo. Sem licenças, sem identificação familiar ou vacinas anti-histamínicas, poucos irão sobreviver. A caça por ali deve ser parca. Apenas alguns humanos soro-positivos e esfaimados como base protéica. Muito pouco. E isto sem contar com o meio de transporte até o local de abandono, taxas aduaneiras e subornos às autoridades humanas mais corruptíveis. Enfim, uma chatice. E a Liga da Empatia Global que anda sempre de olhos postos no comportamento social dos Vulpis. Especialmente no meu, que sou Embaixador...

Rairoso e meio desperto, Tar-ka-lor urina num dos cantos do quarto/caverna para mostrar a quem o queira cheirar todo o desprezo que sente

pela triste situação da sua espécie Exilada. As fêmeas, esquecidas rivalidades, vão acumular-se ao fundo, umas sobre as outras, aterrorizadas de medo.

O Vulpis ignora-as e passa a criticar o critério, decorado segundo os padrões humanos. Eis uma estante, uma secretária e terminal de acesso à InfoRede, frigorífico e respectiva geladeira congeladora onde guarda pedaços de carne crua devidamente tratados e amolecidos por um banho enzimático. Tar-ka-lor despolariza o plasvidro da janela e deixa-se ficar a coçar a barriga, a fungar de desprezo perante a vista imensa de uma fêmea obscura, fustigada pelo ciclo.

Depois pisca os olhos, sem querer acreditar no que vê. Colada à janela de asas estendidas, indiferente ao vendaval e aos campos repulsivos que defendem o exterior da torre, contra-se uma forma avídea e insidiosa. A forma sorri (num trejeito que o Embaixador interpreta de imediato como um insulto territorial), fecha um punho, e tamborila no vidro. O Vulpis recua dois passos. Os impulsos neuronais esforçam-se por encontrar um correspondente no meio das espécies Exiladas, mas entre elas não há nada que se assemelhe a ela. Por fim lembra-se de uma outra hipótese bem mais sinistra. Que Potestados, quando Visitam, assumem as formas do imaginário mítico-poético de cada espécie. Mas o que está a fazer um Potestado aqui, Terra, à minha janela? Não nos garantiram que o nosso Exílio seria paz?

O Potestado sacode a cabeça, arreganha o dente e tamborila no novo. A estrutura inteira de plasvidro estremece, sujeita a uma pressão

...centenas de quilos.
Resignado, de cauda entre as
...mas, (pois os machos Alfa estão
...pensados da amputação deste
...mbro tão nobre), o Embaixador
...taliza sobre a secretária o código
...bertura da janela. Écrans defen-
...os e abafadores sonoros deixam
...alguns segundos de exercer as
...funções. Ariel desce ao escritório
...mpanhado pela tempestade.
...pós esvoaçam em todas as dire-
...a. Pedacos de lama vinda do rio,
...nsportados pelo ciclone, vão
...parramar-se sobre as holopaisa-
...as de Terralta coladas às paredes.
...vendaval varre o quarto, empurra
...secretária, dispersa os cristais
...fórmáticos, até que Ariel diz alto,
...a janela volta a fechar-se, os cam-
...s repulsores reativam-se, e o
...ncio torna a pousar sobre o escri-
...rio. Mas este é um silêncio diferen-
...aquele tipo de silêncio que só exist-
...entre os Senhores e os covardes.
O Vulpis treme. Ariel cruza os
...ços sobre a cana do peito, encosta
...rabo ao caos que cobre o topo da
...retária, inclina-se um pouco sobre
...forma acocorada do Embaixador e
...urmura-lhe no dialeto de origem:
— Temos problemas a resolver...
— Todos os que estiverem ao
...eu alcance, Mestre... — geme Trar-
...lor.
— Houve contaminação de Grau 3.
— Não fomos nós... — apressa-
...a responder o Vulpis.
— Queres dizer que nunca te
...legaram aos ouvidos informações
...bre o tráfego local de Metatecno-
...gias?
— Meta...
— Sim, pobre criatura... Sinais da
...essa inefável Presença!
— Nunca... como é que... Ai...

desgraça... oh humilhação...

Ariel inclina-se. A boca é tão lar-
ga que nela poderia caber o focinho
inteiro do Embaixador.

— Um dos Meus Irmãos resolveu
descer à Terra e espalhar o Caos, des-
respeitar a Carta e habitar entre os
danados. Trouxe Consigo muitos dos
dons interditos às espécies de Grau
1 e 2. Quero anulá-Lo antes que seja
demasiado tarde, e sem que o Frag-
mento saiba o que ando A fazer...
Esse assunto é Comigo, mas infeliz-
mente preciso da tua ajuda.... O que
Eu quero, e para isso vou ter de con-
tar contigo daqui por diante, é re-
cuperar todos os bens que entretanto
foram dispersos pelo mercado das
tecnologias de ponta... Quero que
sejam eliminados todos os agentes,
humanos ou não, que estiveram
diretamente em contato com este
tipo de artefatos. Toda a contami-
nação terá de ser erradicada...
ENTENDES?

— Meu Senhor, eu...

— Nem que para isso se desres-
peitem os Acordos de Domínio e
Convivialidade estabelecidos com a
Espécie Humana. Nem que vocês ten-
ham de assaltar os outros Enclaves.
Nem que esta ecosfera seja comple-
tamente destruída...

— Meu Senhor...

— Pára de ganir, imbecil! Estou
a falar-te de uma guerra total! Estou
a perguntar-te se a tua espécie estará
à altura deste sacrificio sublime!

Tar-ka-lor saliva, engole em seco,
prestes a perder o controle das vias
urinárias. Sustem-se a susto. Por
fim, sacode a ponta da cauda em sinal
de submissão.

— Mas meu Senhor, todas as
espécies anseiam por subir ao grau
3... — murmura o Embaixador, com

o flanco a tremer, deixando o escritório inteiro a tresandar à essência do medo. — E se em vez da nossa, houver outras que cheguem primeiro aos artefatos?

Ariel abana a cabeça, entristecido. A mão imensa pousa sobre o crânio alongado do Vulpis, coçando-lhe o interior de uma das orelhas tatuadas.

— Para teu bem, para a felicidade da tua espécie submissa, espero que isso não aconteça... A partir deste momento considera-te contratado. Já sabes que a Nossa Graça é tão poderosa quanto a Nossa Ira!

Ariel levanta-se do pouso. Cospe sobre a cabeça do Vulpis o Sacramento de uma gota de saliva dourada. Depois, de asas encolhidas, caminha na direção da janela. Abre-te, pede ele. E o plasvidro sobe, o campo repulsor desfaz-se, a tempestade volta a entrar e a lambar o interior devastado do escritório. Ariel vira a cabeça para trás, sorri na direção da forma aterrada do Embaixador, e desenrola as asas ao impulso do ciclone.

6

Vamos lá a proceder com método, resmungo Roy a vasculhar sem método nenhum nas embalagens que encham o carrinho.

Já se passou meia hora desde que foi abandonado e pouco mais fez do que encontrar uma embalagem de baterias novas e trocá-las pelas mais antigas, meio moribundas, acopladas ao exosqueleto. Primeira surpresa. Os numerais do *led* de carga indicam-lhe que dispõe de uma quantidade de energia incomputável. A partir deste momento, a força tracional das articulações do traje, corresponde apenas à resistência da liga

de titânio. Que raio, diz de si para de joelhos, apalpando o lixo e o esgoto que cobrem o átrio, em busca de uma embalagem descartada. Por fim encontra-a, escondida debaixo de uma das rodas do carrinho, mas não consegue perceber nada das indicações, faz um escuro de breu, apenas cortado pelas explosões dos relâmpagos que incendeiam a clarabóia.

No meio dos pacotes descobre um capacete de suporte balístico. Roy ouviu falar de coisas parecidas quando um belo dia foi tomar uns cursos com um grupo de tropas de intervenção da Base de Clavius. Capacetes como este, munidos de visores multiespectrais, óticos, fazem quase tudo. Captam movimentos à distância, tanto ao nível térmico como aural, lêem vibrações atmosféricas, amplificam a luminosidade ambiente, decompõem o espectro nas frequências constituintes, podendo ligar-se aos neurónios neurológicos de armas semi-automáticas e computar as trajetórias evasivas de qualquer tipo de alvo.

Roy enfia-o na cabeça, baixa o visor, e o átrio alumia-se. Agora distingue perfeitamente a porta da entrada, defendida do interior por uma chapa de aço, o cubículo deserto onde em tempos espreitava o segurança do prédio, o teto esburacado, as escadarias que conduzem às caves e a escadaria em pedra rachada que levava aos andares superiores. Um micro-alvo frenético e pipilante dança sobre todos os objectos, numerando outros tipos de dígitos exóticos que rem-lhe na periferia da visão, mas Roy, pouco familiarizado com esse tipo de instrumentos de momento não sabe como desligar as funções excedentárias do capacete. Deixá-lo estar.

Agora que já consegue ver o pacote onde vinham as baterias, assobia baixinho. As baterias, embora de tamanho standard, não foram fabricadas por mãos humanas. Os caracteres rúnicos sobre a embalagem que já começou a biodegradar-se, não lhe dizem nada de nada. Tecnologia de Grau 2, assim deitada à rua?

As mãos tremem-lhe, começa a ficar frio. Mas quem é esse tal Mr. Lux, cujo rosto lhe é quase familiar? Como pode ele esbanjar impunemente os artefatos dos Visitantes? Não está a distribuição deste tipo de coisas proibida na CE? Quanto valeriam estas baterias se fossem vendidas no mercado negro? E os resto dos pacotes?

De súbito, o átrio deixou de ser um lugar seguro. Roy sente-se observado por milhares de olhos. Mr. Lux referiu-se a um apartamento disponível no terceiro andar. Melhor lá em cima, do que aqui em baixo. O Exterminador agarra no carrinho com ambas as mãos e levanta-o em peso, com o menor esforço, tanto da parte dos seus pobres músculos atrofiados, como dos mio-motores do exosqueleto. Solta um risinho nervoso. Um beta, eu?

No terceiro andar todas as portas são seladas à exceção de uma. Essa encontra-se arrancada dos gonzos e abre para o lado do corredor, como se quem a abriu desconhecesse que as portas das casas não se abrem assim.

Cauteloso, Roy pousa o carrinho no chão e espreita. A soleira da porta está também partida ao meio pelo mesmo ato de violência deliberada. O estuque tem a forma de uma massa branca provocada por uma turra

enorme. O pequeno apartamento cheira a queimado e a cinzas úmidas. É verdade, lá está o prometido futon atirado para um dos cantos, um candeeiro caído envolve a sala na doce bioluminescência de uma lâmpada eterna, estantes e mais estantes repletas até ao topo de *Comics*, escondem o papel bolorento das paredes. Mr. Lux, um fã da histórias em quadrinhos, quem diria?

De fato há revistas por todo o lado. Umhas encontram-se caídas no chão, espezinhas, outras meio ardidas, outras desfeitas como se as tivessem soltado no meio de um furacão. O que não é para admirar-se, pois o vendaval penetra pela janela da cozinha, estende-se à sala e vai perder-se entre mil gemidos no labirinto dos corredores.

Roy atravessa a custo este adejar de páginas dispersas. A deformação profissional diz-lhe que deve estar a pisar raridades de colecionador. A ver vamos o que descobro. Mr. Lux não vai dar por nada se lhe desaparecerem alguns exemplares...

A cozinha tem o aspecto de quem morreu por inteiro e foi parar ao Inferno. Os ladrilhos de plástico dissolveram-se, empolaram-se e voltaram a solidificar-se. Os poucos mosaicos de cerâmica ainda colados às paredes, adquiriram um aspecto vítreo e polido provocado por um bafo térmico de várias centenas de graus. As canalizações estouraram em todo o comprimento, arrancaram-se aos nichos de tijolo e estuque, e ficaram a verter chumbo e vapor de água sobre o lavatório e bancada de pedra.

Roy não consegue entender o que foi que se passou aqui. Uma explosão? Um fogo? Os sensores térmicos do capacete informam-no que ainda

L
O
E
U
N
E
O
S

há canalizações que conservam uma pontinha de calor residual. Fosse o que fosse, aconteceu há bem pouco tempo. Horas, talvez...

Em seguida baixa os olhos e descobre as pegadas desenhadas no molde dos ladrilhos. Recua dois passos, reprimindo a custo um vômito de ansiedade. A marca dos pés nus é enorme, cerca de três palmos. Os dedos parecem ter quatro articulações terminadas por orifícios, grossos como uma vareta. As marcas existem em toda a extensão da cozinha, acompanhadas, na zona do suposto calcanhar, por traços finos como os de uma agulha.

Roy sacode a cabeça e repara no tampo de alumínio do lava louças rasgado ao meio pelo o que parece ser uma lâmina de precisão absoluta. Perplexo, o Exterminador deixa-se ficar ali, durante alguns segundos, de braços caídos, com os dedos a tamborilar contra as pregas ensopadas da gabardine. Vagas sucessivas de ansiedade comprimem-lhe o estômago. Bem lhe dizia a mãezinha que nunca devia meter-se em conversa com estranhos que lhe oferecessem apenas elogios.

Por fim, recua a esmo, na direção da sala atravancada de revistas chamuscadas, com as lentes eletrostáticas a expulsarem as gotas de chuva que entretanto resolveram colar-se aos visores do capacete. Deixa-se cair sobre o futon. Do outro lado da porta de entrada, no negrume do corredor, espera-o um carrinho de supermercado atafalhado de guloseimas.

À medida que abre os pacotes e vai descobrindo o teor dos artefatos que lá se encontram, Roy continua sem querer acreditar. Ei-lo perante

uma tecnologia pelo menos do G 2+. Todas as embalagens contêm mas ou sistemas de detecção e mente sofisticados. Plana-dia armados de lança-agulhas. Mísseis para uso interno, capazes contornar as esquinas dos corredores e perseguir alvos selecionados. Ratinhos/granada. Uma espada tensível em filamento monomolecular. Uma placa IA de integração neuronal. E, maravilha das maravilhas, uma unidade Agrav. As mãos tremem-lhe e engole em seco. Quisesse vender os *Comics* que sobreviveram à devastação do apartamento aos colecionadores especializados, certamente ganharia uma fortuna. Mas ter ao alcance das mãos armas como estas? Uma unidade Agrav ainda por cima? Será que o Exército da CE dispõe de artefatos semelhantes para as tropas especiais? Roy duvida. Sabe que é perante uma fortuna incalculável. Uma fortuna que pertence a um doido, e que lhe foi oferecida assado de mão beijada...

Quanto à placa de Integração Neuronal, Roy já ouviu falar dela através de artigos divulgados nas revistas especializadas. Trata-se de um disco do tamanho de uma antiga moeda de Libra, com uma face lisa e a outra rugosa. No exterior da embalagem de gelatina, cujas instruções estão escritas em japonês, espanhol e inglês, encontra-se impresso um diagrama do local onde deve ser aplicada, se estivermos a falar de uma morfologia humana. Mesmo por baixo do pavilhão auricular esquerdo. Feito isto, o utente deve aguardar alguns minutos para que se façam as devidas conexões na rede neuronal. Por fim, basta con-

do G...nu projetado no centro ótico,
ntân...os devidos programas por
ão a...lização. A IA, concebida por
-di...ca de Exóticos hoje extinta,
Mie...todas as funções cerebrais,
aze...as percepções, inclusive a
redo...o, podendo coordenar simul-
nada...ente as diversas funções de
da d...sistemas analógicos aco-

o ne...não pensa sequer duas vezes.
vilha...foi um viciado na super-
s tr...gia. Quebra o selo, roda a
o. S...ha entre os anéis de titânio,
qu...o capacete de suporte balís-
apar...comprime-a contra o pescoço.
espe...ação assemelha-se ao beijo de
um...entosa.

não...no meio do corredor a que os
dad...os chamam seu, perante as
ue...as portas seladas a esconder
ato...rios, Roy aguarda que aconteça
ape...quer coisa, mas a verdade é que
est...acontece nada. A zona junto à
vel...ha está dormente, como se
um...se sido anestesiada.

im...nervoso, irritado, segurando no
eu...ho da monolâmina, resolve
és...plorar o terreno. O capacete
as...tra-lhe as marcas dos pés titâni-
co...traçadas no pó, marcas que se
de...gem às escadas que conduzem
ra...andares superiores. Roy segue a
n...ta, tremendo quando o prédio
o...me, sujeito ao frenesim do ciclone
n...explosões da trovoadas.

A porta que conduz ao topo do pré-
o encontra-se derrubada, as chuvas
soparam o patamar superior, o
nto que por ali entra forma um
fo que tresanda a lama, sal e
gotos. Mesmo assim, acorçado,
m os olhos resguardados pelo vi-
or do capacete, Roy decide abando-
ar a proteção das escadas. Aqui, no

terraço, o desafio do vendaval repre-
senta pelo menos um perigo familiar.
Trata-se de uma ameaça física
compreensível quando comparada à
aura sinistra que paira nos meandros
desertos da velha estrutura. Ver a
porta de ferro assim caída, com a
marca desses pés impossíveis a
perder-se no meio das placas do
telhado e cupeinzeiro das chaminés,
significa que quem deu cabo do
apartamento, já se foi embora sabe-
se lá para onde. E quem saiu por
estes lados, não volta, com certeza.

Só então se dá conta que os veto-
res holográficos do capacete indicam,
desde há alguns segundos, uma fonte
térmica anormal junto aos restos
mortais de uma antena parabólica.

Roy aproxima-se de joelhos, para
escapar à chuva e ao vendaval, mas
os sensores não indicam movimento,
apenas calor, um calor que aos
poucos esfria.

O alvo aponta para um monte de
cascas quebradas. Sob a frequência
dos infra-vermelhos, algumas ainda
brilham como se tivessem acabado
de sair de uma fornalha. Roy toca-
lhes a medo, com a extremidade de
arame da monoespada. As cascas
parecem feitas de cerâmica, polidas
no exterior, cobertas de minúsculos
filamentos secos aderentes à curva-
tura negativa. Os filamentos ainda
estão meio-vivos, a contorcer-se em
agonia. Roy recua, repugnado, pro-
curando racionalizar a situação. São
ovos, pensa, mas ovos de que, postos
por quem? Será esta a infestação a
que Mr. Lux se referiu?

À medida que arrefecem, as
cascas perdem o brilho vítreo do ex-
terior. Os filamentos secam, enso-
pam-se na água da chuva e desfazem-
se em lama. Poucos segundos bas-

tam para que da pilha pouco ou nada sobre que possa servir de prova.

Roy sente-se assolado por vertigens. Por detrás da vista dançam símbolos alfanuméricos em frenética revoada. Tenta levantar-se, mas entretanto as pernas perderam toda a força. O exosqueleto de titânio percute o cimento e alcatrão do telhado, sujeito a uma crise de convulsões epilépticas. O punho da monoespada rebola para o lado, de momento esquecido.

- Peço desculpa por este incômodo passageiro! - murmura-lhe aos ouvidos uma voz de mulher com uma clareza estereofônica. **Oclusão da consciência durante um breve período de não mais do que sessenta segundos, de modo a estabelecer um maior número de conexões neurológicas. Sou SANA, Sistema Analógico de Ataque para o servir.**

O mundo escurece durante uma pequena eternidade. Quando Roy volta a abrir os olhos, vê-se já de pé, com a monoespada numa das mãos, a caminhar sem que se tivesse dado conta, na direção das escadas do prédio.

Conexões terminadas e operacionais a partir deste momento. TOP. Permita-me avisá-lo, caro utente, que não sou uma Sana normal, mas sim um sistema parasita de infiltração, destinado a exterminar qualquer Avatar dos Potestados...

Mas como...

Fui programada pelos IXiytil na esperança de um momento como este. Os IXiytil, se quiser saber, foram irradiados enquanto espécie há dois milhões de anos standard. Só restam

alguns artefatos e fábricas automáticas de que os Potestados servem quando desejam sentear as bioformas inferiores. Os IXiytil programaram vingança capaz de durar um século. Criaram-me a mim, e a outros como eu. Uma IA viral entre bilhões de IAs convencionais. Algo que escapa a qualquer controle de qualidade, por mais rigoroso que seja. Entende?

Não, responde Roy, incapaz de parar o movimento a que está sujeito o corpo, de olhos fixos nos pés, vão descendo os degraus sem enganarem uma só vez. Ergue o braço para arrancar a placa defeituosa do pescoço, mas repara que a chave não se deixa descolar sem o mínimo esforço, que o interior está oculto a contaminação dos nanotechs tornou irreversível. Quem são os Potestados? Nunca ouvi falar desses de Exóticos... São deles, os outros que encontrei no telhado? Mas não, situação, deixa-me ser eu a me apoiar nas pernas...

Os Potestados são os seres que habitam terrenos de seres que não pertencem à Metarealidade. Não seja, formas superiores na escala evolutiva das espécies. Geometricas em relação aos seus antecessores biológicos. Aqui pertencem não desejam competição, mas agora, se o meu amigo quiser servir-se das pernas, proponho-lhe as pernas...

O controle automático cai de súbito, uma bota percute na escada. Roy tropeça, sente-se prestes a cair de cabeça escada abaixo, mas recupera o equilíbrio, reassume as funções, recupera o equilíbrio, e Roy, graças a uma manobra quase reflexa, descobre

do entre dois degraus.

O corpo começa a estremecer num acesso do mais puro pânico, até que a SANA, o sistema parasita, acalma as secreções de adrenalina, substituindo-as por um banho de endomorfina. O pânico transforma-se então numa vaga exultante de alegria. Roy esfrega com o punho as lágrimas confusas, entre dois soluços e sonhos. Não sabe o que dizer.

Temos problemas, sabe? – murmura-lhe a voz da SANA no interior dos ouvidos, servindo-se de uma linguagem cada vez mais coloquial.

Aquelas cascas que o meu amigo e parceiro viu nos telhados, têm uma composição característica da postura de um Avatar. A hoste acabou de eclodir há poucas horas. Deve andar por aí, a ver se nos apanha... Deixe lá... Atrás dela vai aparecer quem nós queremos mesmo encontrar... E então a caça, caro utente, a caça vai ser um gozo, acredite...

O virtuosismo semântico da SANA deixa Roy em estado de choque. Em poucas horas trocou um emprego confortável e seguro por um mundo de irremediável estranheza. Agora uma IA parasita floresce-lhe através do sistema nervoso. Encontra-se sentado nas escadas de um prédio às escuras, rodeado pelo sopão de ventos ciclônicos. Frente a um corredor com dezenas de portas trancadas por selos adeênicos. Ameaçado por uma coisa chamada hoste de Avatar. Único dono e senhor de um carrinho cheio de artefatos Exóticos. E tudo isto porquê? Para quê? Quais são as intenções de Mr. Lux? Quem é o tipo? Onde é que eu já o vi antes?

Nada mais fácil, caro utente

– sussurra-lhe a IA numa voz intimista. – **Dá-me licença que eu faça um rápido check-up nos seus engramas mnésicos? Pode ser que encontre por lá qualquer recordação útil...**

Desanimado, Roy encolhe os ombros, e a SANA conclui que quem cala consente. Dez milésimos de segundo depois, exclama, entusiasta:

– Achei! O rosto de Mr. Lux é compatível com um tal Burgess Meredith...

Como? Burgess Meredith, o ator? Mas se... Depois cala-se, ao recordar-se que estamos numa época onde todas as perdas, mesmo as humanas, são por vezes reversíveis. Uma Simulatrix, aqui? Mas que raio andam elas a...

Posso sugerir uma humilde e discreta experiência? Sim? Como decerto já se inteirou, todas estas portas estão trancadas por um selo adeênico. Um índice característico de uma tecnologia de Grau 1. Mais ninguém ali entra a não ser que possua a devida assinatura genética do dono.

O meu amigo não se importava de assentar o seu dígito direito sobre um desses sensores? Não importa qual... Vá lá... enquanto não aparecem outras distrações mais interessantes... só para me ser agradável...

Roy suspira, levanta-se titubeante, desce os últimos quatro degraus até o patamar, enfia-se pelo corredor da esquerda e apoia o indicador na placa da primeira porta. Não está à espera que o trinco se abra. Não tem sentido nenhum ele abrir-se. Mr. Lux não é parvo. Mas é precisamente isso que o trinco faz.

CLACK.

A porta roda nos gonzos. E lá dentro, no interior repleto do apartamento, ardem os inefáveis fulgores acumulados de uma metatecnologia quase mágica.

Curioso - comenta SANA -, quem diria que o perfil genético da sua mão é aquele que abre todas as portas? A mão que apertou a de Mr. Lux/Meredith. A mão em que ele tocou. Um perfil que não corresponde ao da outra... Ai... Ai... Receio que lhe tenham arruinado a vida, caro utente...

7

Pairam moléculas perfumadas no ar, um gosto anímico, um sinal que só pode indicar vida.

Chegou a hora, dizem dezenas de bocas ciciantes. *Chegou a hora da depuração...*

Pálpebras descem, descobrindo os globos vítreos dos olhos. Mãozinhas de louça batem palmas de contentamento. Gargantas rígidas soltam trinados de pianola.

Chegou a hora, clama o coro da hoste de Vigilantes. *Chegou a hora!*

E em bando, os Querubins despegam-se da zona obscura do teto junto à clarabóia baça e gotejante, para mergulharem em revoada através dos meandros labirínticos do prédio.

8

Como uma gárgula de sinistra beleza, Ariel, de pernas cruzadas, contempla o ciclone do alto da Torre dos Correios. O vento tenta em vão desgrenhar-lhe a vivacidade múltipla dos cabelos. À sua volta, os pratos furados das antenas receptoras estremeçam, ansiosos por se soltar e fugirem para bem longe, nos braços da tempestade. Londres estende-se

a perder de vista, envolta na cortina de chuva e lama, coberta pela nuvem quase sólida de detritos que o vento arrasta. Aqui e ali, numa zona abandonada oferecida pela Câmara dos Exóticos mais abastados, ardem em exceção de um único), os fulgores fátuos dos écrans repulsores.

Lá muito no alto, invisível, o Arco Orbital das naves Exóticas inicia mais uma volta moribunda contra a fricção da gravidade.

Perdido no sonho planetário desta psicofera em agonia, Ariel sorve, deliciado, um pouco do campo anímico. Não admira que este seja o esconderijo ideal eleito pelo Sr. Irmão Renegado. O horror da decadência, a vertigem da entropia e a ação, servem de estimulantes para quem já se encontra acima de tudo isto.

Por fim põe-se de pé, abre as asas e levanta o punho e grita:

És Meu! Meu!

A mensagem enviada pela hoste não deixa a menor dúvida.

E Ariel levanta vôo contra a corrente adversa do ciclone, rumo a uma daquelas batalhas que só os Potestados é dado participar.

9

Mr. Lux abre os olhos.

Ei-lo deitado no habitual catre, mais um entre as centenas de outros que ocupam toda a extensão dos corredores centrais do Metro Picadilly Circus. Aqui não existe isolamento nem privacidade. Apenas uma placa de cartão prensado separa as camas umas das outras. Não sequer faz escuro. No teto roído pelas infiltrações, para gáudio dos claustrofobos, brilham as luzes de segurança protegidas por uma grelha

de metal inquebrável. Por todo lado ouvem-se rosidos, vagidos, tosses, escarros e roncões de outros indigentes que mal conseguem dormir sob os berros constantes do ciclone. Quando chegarem as seis da manhã e o metrô voltar a funcionar, vão todos ser corridos pelas seguranças. Mr. Lux abre os olhos e sorri, extasiado por este banho de miséria. Uma das portas trancadas do prédio acabou de ser aberta, mas que se lixe, para um risco a correr. Sente, mesmo a esta distância, a presença sólida dos Vigilantes em atividade. *Pobre Roy Baker, fica sabendo que a inocência é um néctar que se consome num só gole.*

Mr. Lux levanta-se, enrola o cobertor com todo o cuidado, dobra o colchão, e lá segue, assobiando, corredor abaixo, passando por cima dos pés, botas roídas e umas quantas pinças de Exóticos caídos em desgraça. Cheiro de esgoto, mofo, chulé e roupa encardida. Para Mr. Lux tudo isto é perfume. Dirige-se à secção dos cofres, digitaliza o código de acesso do nº 666, retira do interior um conjunto de duas peças embrulhado num pano, desdobra-o, une as duas metades através dos encaixes e parafusos respectivos, espreita através dos canos para ver se há alguma sujidade residual, aciona várias vezes o gatilho e depois sorri, satisfeito com os resultados. Acabou de montar uma simples espingarda para caçar patos. Um artefato tecnológico de Grau 1. Coisa de pouca monta. Em seguida, do fundo do cofre, puxa por uma caixinha de mentropia. Quebra os selos de segurança. A tampa sobe, com um silvo discreto. No interior, presos nos respectivos nichos, repousam quatro

cartuchos e uma declaração do fabricante, jurando sekupto familiar, caso os produtos apresentados tenham algum defeito. Mr. Lux guarda dois cartuchos no bolso da gabardine, enfia os outros no canhão, tranca a arma (click), tranca o cofre (pinpinpin), e volta-se no átrio central que conduz à rede dos metropolitanos, em busca de uma das passagens que conduzem ao exterior.

Tocam-lhe no ombro.

— ...tás armado, meu... — comenta a voz entremelada de um aciddead ainda adolescente, de vibrolâmina numa das mãos, a saltitar de um pé para o outro, pupilas dilatadas, respingos de saliva a brotarem-lhe dos cantos da boca, provavelmente sob as influências do PCP. — Que artilharia mais ultra... Tu não precisas dessa porra. Passa p'ra cá o bacamate, ou esmifro-te todo aqui, oh velhadas...

— *I beg your pardon?* — responde Mr. Lux muito calmo. — Se o meu amigo quiser um igual, trate de arranjá-lo por meios mais honestos...

— Tás no gozo, com ce'teza... — insiste a criatura, segurando Mr. Lux por um cotovelo, apontando-lhe a sombra vibrante da lâmina à garganta barbada. — Porque cá por mim 'tou de repente cheio de vontade de te abrir aqui na glote um lindo portal necrótico... Larga, ouviste, larga...

Mr. Lux encara o aciddead bem nos olhos. Sorri-lhe. Depois murmura-lhe baixinho ao ouvido, como se fosse uma benção paterna:

— E se fosses cair morto, uhn? Olha, põe-te ali ao canto e corta os pulsos, sim?

E o aciddead faz precisamente isso.

Mr. Lux fica uns momentos à espera, a observar os acontecimentos

com um olho clínico, a chupar a pouca energia anímica que se evola do corpo moribundo, sabe que está um pouco atrasado, mas que querem, a vida é feita destes milhares de pequenos prazeres que não se podem desperdiçar.

10

Mas o que vem a ser isto, pergunta Roy de boca aberta, perante o espetáculo do apartamento cheio de objectos e energias incompreensíveis. Que raio de artefactos são estes?

Caro utente, suponho que estás perante provas irrefutáveis da presença de tecnologia de Grau 3 neste planeta. Uma situação inadmissível aos olhos de qualquer Potestado. Um caso a investigar. Agora não, que estamos cheios de pressa. Temos de ir buscar imediatamente as armas que deixou esquecidas no carrinho do supermercado. A unidade Agrav. Um escudo cinético de defesa. Rápido, rápido...

Não estou a perceber nada...

É muito simples... Os Vigi...

Um estalar de asas sobrepõe-se ao uivo circular do vento. Por todo o prédio, há sons de coisas a baterem contra as paredes. E vozes. Um coro disforme feito de guinchos, gargalhadas, suspiros e acordes de música.

Roy recua na direção do corredor, de olhos esgazeados. A porta do apartamento fecha-se em silêncio. Roy vira-se para a esquerda e para a direita. Não vê nada. Os gráficos do capacete apontam para o alto, na direção do teto. Ergue a cabeça e descobre-os, enfim.

A princípio, julga ter entrado numa casa de brinquedos onde alguém se divertiu a pendurar dezenas

de bonecas com as cabeças para baixo. O teto do corredor está cheio delas. Rostos bolachudos a fulgir com o polimento da louça. Caracóis louros e petrificados a aureolar a rotundidade do crânio. Pares de olhos prénatas com uma pupila azul, enorme e raivada, a preencher a totalidade das órbitas. Dentinhos de porcelana a castanholarem contra o encaixe da mandíbula inferior. Troncos luzidíssimos rosados e sem umbigo. Pilinhas minúsculas, rígidas e eretas a espreitar entre as coxas avantajadas. Unhas dos pés cravadas contra o estuque do teto, a sustentarem o corpo inteiro. E nas costas de cada um deles, asas. Asas minimalistas, muito pouco adaptadas ao ofício de voar, asas onde as penas não passam de vagos riscos desenhados a carvão. Asas que estridulam como o silício implacável das cigarras. *Querubim* lembra-se Roy num acesso de pânico que a SANA mal consegue conter. Bonecas de louça do séc. XIX, como as que existem no Museu Pollock e brinquedos, bonecas hermafroditas cujo rosto parece marcado por um esgar de inveja, fonte dos pesadelos infantis da aristocracia londrina pós-revolução industrial.

Mas neste caso, infelizmente, bonecas não se encontram guardadas no interior de uma vitrine, vestidas com rendas e laços. Todas elas estão vivas, a mexerem-se, com os dedos apontados para baixo, na direção de Roy.

Programa de ataque! Ampliação máxima das sensações e noperceptivas. 1/10 segundos. Controle de autonomia reflexiva em 40%. Mexa-se! Ligue a moeda espada. Rumo ao terceiro ano. Já! Já!

Roy comprime o botão vermelho que ativa a projeção do filamento monomolecular, precisamente na fração de segundo em que o primeiro dos Querubins se despega do teto.

E o tempo, sim o tempo fica pegajoso como um frasco de mel a escorrer, o Querubim que tomba parece uma gota de ouro, uma gota em brasa, a pingar devagarinho, Roy tecia, de olhos fixos no ponto vermelho que indica os limites espaciais da espada invisível, o lucíolo cruza-se com a trajetória descendente do Querubim, e há como que um estouro de estatueta a desfazer-se em fânicos, pedaços de louça percu-tem nas paredes, uma mão bissectada desfaz-se contra uma das portas blindadas do corredor, uma toxa bate-lhe contra a protecção do tapacete, e de súbito ei-lo no meio de uma revoada renascentista, uma revoada que só poderia ter saído de um pesadelo de Rubens ou Velázquez. Roy lança-se em frente, com a espada a rodopiar um pouco acima da cabeça, e por todo o lado há bonecas com as asas rígidas a zunir, cordes musicais enrouquecidos pela percepção acelerada do tempo, estalares de mandíbulas que só desejam dentá-lo, a sensação diante de facadas nas pernas e nos braços, e a espada sempre num rodopio, ora rígida e tesa, ora a estalar, fluída, como a extremidade apersônica de um chicote, a enrolar-se num pé ganchudo ou numa asinha discreta, a partí-los ao meio, e do interior oco dos membros da hoste, esguicha um líquido dourado, um líquido que os termosensores do capacete indicam estar próximo do ponto de ebulição da água, um líquido que o respingar-lhe sobre as zonas des-

protegidas do corpo não queima, antes regenera, antes estimula, como se fosse uma Pedra Filosofal aquosa, ou um Graal maduro e espesso como caramelo fundido, e Roy prossegue através do patamar e escadas abaixo, na direção do terceiro piso, surpreendido pela soberba coordenação das pernas que consomem degrau após degrau, pelo berro dos tecidos musculares onde se acumula o ácido láctico, pelo pulsar agônico do coração. E como se isso não bastasse, os microcircuitos do exosqueleto aquecem, sobrecarregados, transmitindo ao organismo que devem sustentar, a sensação de quem está preso no interior de uma torradeira.

Roy desce os degraus de quatro em quatro e a nuvem de Querubins lança-se-lhe sobre os ombros como um ataque de micro-bombardeiros, aqui e ali cabeças sorridentes e decapitadas tombam como bolas de bilhar, saltitando contra os degraus, plocplocploc, vertendo pela articulação dos pescoços ribeiros dourados que se vão perder entre as frinchas da madeira. Aos ouvidos, SANA canta-lhe um nunca acabar de instruções de combate, **agora, alto, investe, esquerda, esquerda, agora, em frente...**

Por fim, ei-lo no corredor onde deixou o carrinho com o resto dos artefatos. No chão, já montada, com os fios de integração ligados à respectiva unidade energética, encontra-se uma espingarda de prótons. Pouca coisa. Grau 1. Mas quanto basta.

Roy tropeça nas embalagens dispersas em vias de biodegradação, mergulha de cabeça sobre o monte de pacotes pegajosos, segura a espingarda pela coronha moldada para ombros não-humanos, crava o dedo

à força num gatilho áspero que melhor serviria um pseudópodo tentacular, e dispara a esmo, primeiro para o alto, depois na direção do bando. As paredes do corredor ficam na mesma, mas sobre a hoste de Vigilantes as conseqüências do feixe de partículas são devastadoras. Querubins estouram sob a fornalha de pressões internas. O fluído anímico, vaporizado, ao brotar das mais pequenas fendas rasgadas nas estruturas exóticas, serve-lhes de instrumento de propulsão. Desatinados, cozidos, explodidos, os Querubins percutem uns nos outros, amolgam-se contra o teto, esborracham-se no linóleo roído do chão, enquanto Roy, encolhido num canto, com o dedo tetanizado contra o gatilho, prisioneiro do inferno do temporápido, vê tudo isto acontecer muito devagarinho, em câmara lenta, esta hecatombe furiosa de bonecas desfeitas a morrer numa chuva feita de contas douradas e bafo de vapor luminoso.

Alto – diz-lhe a voz da SANA num murmúrio suave e confiante. – Calma, caro utente, não é desejável que entre em choque sistêmico. Olhe que ainda desconheço os limites da sua fisiologia. Acabou-se o combate, ganhamos, tire o dedo do gatilho, desligue a arma... TOP. Cronopercepção de novo sob os parâmetros normais. Toxinas e ácidos excedentários em vias de eliminação. A Hoste deixou de existir. Ótimo. Dentro de alguns minutos, estaremos na presença do seu Criador...

Como? Qual Criador?

Quero dizer de um dos Potestados, naturalmente. De um dos Inimigos. Os meus memes infor-

mam que devem todos ser destruídos. É esse o nosso dev conjunto...

Mas eu não tenho nada a ver com isso. Não faço a menor idéia do que seja um Potestado. Vamos mas é saber daqui, enquanto é tempo...

Nada disso. Somos ou não sócios, caro utente? Ainda não percebeu que também foi traído. Se eu não fosse uma IA viral, a hoste já o tinha devorado. Os programas do Temporápido não constam dos menus das SANAs convencionais. Lembre-se que eles contaminaram a mão com um película adeênica que não é sua. Ainda não percebeu porquê? O Potestado anda atrás de um perfume específico. Um perfume que se encontra na sua mão e que está neste instante a estender-se a outras partes do corpo. Deixá-lo. É uma situação que não convêm perfeitamente. O Potestado teria muito gosto em saber que a hoste deu cabo do Advogado sem mais demoras. Limitaria-se a destruir o prédio e abandonar este Plano. Azar dele.

Mr Lux... murmura Roy, me apatetado, estendido no meio do corredor, cercado por centenas de fragmentos de louça escaldada. Mr Lux é uma Simulatrix...

Esse tal Mr. Lux não é nada disso. Apenas finge sê-lo – replica a SANA, agastada. – Mas que raio depois de tudo isto será que meu amigo ainda não compreendeu nada?

Roy mastiga os anéis de titânio que lhe envolvem os dedos sem saber o que dizer. Aos ouvidos, o sistema parasita insiste que se deve equipar, vestir a armadura de fibra

significada que ainda se encontra na respectiva embalagem, prender aos ombros o gerador Agrav e atar o escudo repulsor à cintura. Roy obedece, meio distraído, baralhando os cabos de integração ao capacete, enquanto trauteia uma velha balada nostálgica. Só consegue pensar nas milhares de revistas amarfanhadas que enchem as estantes e o soalho do apartamento. Tantas, tantas... E a maior parte ainda em condições de ser comercializável... Coleções completas da Marvel, Epic e DC Comics. Dezenas de super-heróis centenários nascidos dos efeitos das radiações e mutações amigáveis. Altos, musculosos, eternos e encapados. Maxilares quadrados, dentições perfeitas, punhos erguidos contra ideologias adversas, sinistros mestres do crime, ou repugnantes alienígenas invasores. Enfim, raridades capazes de fazer crescer água na boca e esvaziar o cartão de crédito de qualquer fã. *E se eu...*

Ele vem aí! – comenta a SANA, muito a propósito.

Ele, quem?

Caro utente, um pouco mais de sentido das realidades, faz favor... Agradecia que não entrasse em fuga autista. Necessito do apoio de todas as suas funções neuronais... Preparação para combate. Circuitos de defesa ativados em amplificação máxima... Cronopercepção 1/10 segundos. Controle da autonomia reflexa em 70%. Morte aos Potestados!

Que tal se nós concordássemos... começa Roy, a medo.

Mil metros acima da Strand, suspenso sobre o borrão fuliginoso

de Londres, Ariel junta os cotovelos ao corpo, dobra os joelhos numa simulação de mergulho, encolhe as asas e deixa-se cair de cabeça. Não há ciclone que seja capaz de lhe desviar o vetor balístico.

Enquanto atravessa a terrina alagada e deserta de Trafalgar Square, com a espingarda protegida da chuva e do vento sob a aba do casaco, Mr. Lux detecta à distância a descida apoteótica do Arcanjo. Ri-se baixinho. Desgraçado do nosso amigo Roy Baker. Sempre há gente que não tem sorte nenhuma...

...com uma pequena retirada estratégica?

Tarde demais. Roy levanta a cabeça e a clarabóia, dois andares mais acima, estala por inteiro sob o impacto de Ariel, estilhaços percutem as paredes do vão das escadas, e o Potestado em toda a sua glória trava em pleno ar, sem o menor esforço visível, de asas abertas, asas que rasgam as paredes e o corrimão de madeira como se fossem facas.

Calixa, estuque, ferro forjado e pedaços de tijolo esfarelam-se em nuvens densas de pó, o ar comprimido pela deslocação do corpo de titânio expande-se, denso e irrespirável, a toda a extensão dos corredores secundários.

Roy, meio eufórico, com o cérebro saturado por uma dose maciça de serotonina, protegido pelo campo repulsor do escudo e suspenso no ar pelo abraço da unidade Agrav, solta uma gargalhada do mais puro gozo.

À sua volta, flutua toda uma panóplia de armas semi-inteligentes.

Ratinhos/granada esgueiram-se pelos cantos das paredes procurando

chegar junto de Ariel. **Plana-discos** zumbem como besouros furiosos com os ventres inchados de agulhas tóxicas de largo espectro. Os olhinhos maldosos e paranóicos dos micro-mísseis piscam na escuridão, açoitados entre dois degraus. Emaranha-arames de monofilamento, leves como plumas, invisíveis como um diamante num cubo de gelo, serpenteiam a esmo nas correntes de ar, prestes a enroscarem-se e a fazer em fatias qualquer corpo que passe por eles.

De cabeça para baixo, pés assentes no teto do corredor, com a espingarda de partículas segura nas mãos suadas, Roy deixa que a SANA compute, com a ajuda do capacete, os primeiros segundos de um ataque devastador. O tempo de espera alonga-se, viscoso e húmido como uma noite tropical.

Ariel desce devagarinho pelo poço das escadas, mãos cruzadas sobre o peito nu, cabelos eletrizados a brilharem nas extremidades como um arranjo floral de fibras óticas. E Roy nem quer crer. Ariel parece-se com um Arcanjo, mas não passa de uma caricatura grotesca. Os olhos são demasiado largos, prognatas e aquosos como os de um peixe asfíxiado. O rosto, de uma palidez de círios, é triangular, a boca não passa de um rasgão por onde espreitam fileiras duplas de dentes anelados como os de uma enguia. Quanto à coroa de cabelos, toda ela parece viva, fervilhante, irritadiça, como um penteado de Medusa. No tórax em quilha não existem músculos, apenas vagas linhas que os representam. O órgão sexual é outro exagero, ereto, torcido para o alto, a pingar gotículas douradas, descobrindo não dois, mas

três sacos testiculares. As pernas parecem possuir mais uma articulação capaz de se dobrar no sentido oposto ao habitual. Os pés são longos, a imitar as presas das aves de rapina, sem esquecer um enorme espigão retrátil na zona do calcanhar.

E assim, suspenso no ar, de asas abertas, Ariel começa a dirigir-lhe a palavra. Fala em Trade, a língua franca acordada entre todos os Visitantes, num tom de voz doce e macio, que contrasta com o horror da Sua Presença.

— Irmão... Irmão... Julgas que basta esconder-Te num outro corpo e adoptar os padrões de uma biologia terciária para que eu já não consiga detectar-Te? Julgas que não foi essa a primeira coisa que me veio à memória? Que tinhas intenções de trocar dados e códigos com a comunidade das Simulatrix? Pensas que Nós fomos permitir que prosseguisses com este tipo de atividade? Cometer a Abominação última de esbanjar os Nossos Sacramentos? Mas o que é que continuas a fazer aí escondido? Vem até Mim, entrega-Me a Tua Anima, submete-Te. Achas que essa barreira tecnológica, suficiente para anular a Minha hoste, Te vai proteger de Mim?

— Não tenho nada a ver com os seus problemas! — grita-lhe Roy, ainda pendurado no teto. — Sou um Humano. Um nativo deste planeta. Até este momento nem sequer sabia da Vossa Existência. Enganaram-No. Você anda atrás de um código genético que nem sequer é o meu. E olhe que a mim também me fizeram passar por parvo. O culpado de toda esta confusão é um tipo chamado Mr. Lux. Entenda-Se com ele. Eu cá não passo de uma isca!

— Como? Que evasivas mais títuídas de senso! Irmão, o Teu fume corresponde ao código que foi cedido pelas Simulatrix. **Graste** marcas por todo o prédio. **Me interessa argumentar. Tenho a Missão a cumprir e essa Missão existe na Tua Purificação imediata. Vá, vem até Mim, acabou-se...**

— **Pode dar-se o caso deste ético não ter nada a ver com o, mas Eu tenho!** — exclama a **NA** falando através da boca de Roy. **Morre, Potestado, e lembra-te que aconteceu aos IXiytil...**

E os ratos/granada atacam a **locidades** quase supersônicas, os **ana-discos** rodopiam cuspidando agulhas sobre o corpo angelical, os **miniquanques** colados às paredes e ao teto **omitam** impulsos de luz coerente, os **emaranha/arames** procuram **pertar-se** em torno de pés e asas, e **roy** dispara, com o dedo cravado no **utilho exótico** do projetor de partículas, enquanto por todo o lado **explodem** objetos, parte da escadaria **desaba** com estrépido, um cachão de **fogo** escapa-se para o alto, atravessa a **clarabóia** e vai perder-se no meio da **tempestade** num festival de **fagulhas**, vapores tóxicos e bocados de vidro e chumbo fundidos.

Ariel grita, em plena conflagração, com o braço erguido para o alto, Ariel grita, mas este não é um grito de dor, apenas uma gargalhada de escárnio. Ariel grita, chamando a si um raio, e, lá no alto, o relâmpago obedece-lhe, desce a estalajar sobre a Strand, enfia-se através do poço da clarabóia e vem **lamber-lhe** a mão.

Uma descarga eletrostática, fulgurante, banha todos os corredores do prédio. A atmosfera incendia-se. Um macaréu de gaz comprimido

arranca Roy do teto e lança-o contra as paredes numa série ininterrupta de cambalhotas. Só o escudo repulsor o protege de ser esmagado. Só a atmosfera que existe entre ele e o escudo lhe permite continuar a respirar. Mesmo assim, fratura duas costelas. O visor do capacete polariza-se até a amplitude máxima, o que não impede que Roy fique momentaneamente cego, cego de luz, com dois sóis coruscantes a arder por detrás de cada pupila.

Quando dá por si, descobre-se estatelado contra a parede do fundo, junto à janelinha que dá para o fosso do saguão. O visor do capacete indicava a falha sistêmica de quase todos os circuitos integrados. A unidade Agrav resolveu entregar a alma ao criador. O cano do lança-partículas está retorcido pela força dos impactos múltiplos, com a unidade de manutenção completamente gasta e sobreaquecida, a fumegar. O perfume do ozônio sobrepõe-se ao fedor do linóleo chamuscado.

Mil desculpas, caro utente — confia-lhe a SANA. — Já suspeitava que a tecnologia de Grau 2 seria absolutamente ineficaz contra a presença física de um Potestado. Mas lembre-se que fui programada para isto, e não tivemos tempo de examinar a fundo todas as aplicações dos recursos metatecnológicos que encontramos no interior daqueles apartamentos. Lamento tê-lo explorado, mas o menu dos meus impulsos éticos tem uma hierarquia compulsiva a respeitar...

SANA, ajuda-me, aquela coisa vem aí...

Pois vem, mas que quer o meu amigo que eu faça, se já esgotei

todos os recursos disponíveis...

Roy pisca os olhos e depara com o Arcanjo/demônio agachado junto dele, nu e intacto em todo o Seu corpo, nuvem dos cabelos ereta, boca circular rasgada num sorriso de lampreia. Do corpo imenso despegase um aroma estranho, um relento a montanhas e florestas tropicais, onde flores exóticas apodrecem num esplendor de agonia vegetal.

— Gostaria de saber, Irmão Meu, a que se deve este escusado ato de exibicionismo? Qual o sentido, pergunto-Te?... Vem, acabou-se... deixa-Me abraçar-Te... absorver-Te...

Ariel estende as mãos e levanta em peso o corpo de Roy. Os dedos titânicos cerram-se a poucos milímetros das suas costelas, mas não chegam a tocar-lhe, mantidos a curta distância pelo escudo repulsor ainda ativo. Ariel, aborrecido pelo entravo, faz força. A película de ar junto ao rosto de Roy começa a aquecer. O Exterminador morde os lábios. Nunca pensou morrer assim, abraçado por um Anjo, um Anjo que não deseja outra coisa senão partí-lo ao meio como se fazem às nozes. Um Anjo munido de uma paciência infinita que vai continuar a apertar, apertar, apertar, até que nada sobre...

— Dão-me licença que interrompa o vosso idílio? — diz-lhes a voz de Mr. Lux. — Esse abraço de reconciliação é comovente, depois dos estragos que fizeram, mas a verdade é que temos assuntos importantes a tratar...

Ariel solta um rugido raivoso e deixa cair ao chão o impostor. Virase, levanta-se, e a cabeça vai percutir contra o teto mal tratado numa explosão de calça e cinzas. Mr. Lux, com a barba por fazer a pingar chuva

lamacenta, gabardine enxovalhada e encardida, forma uma mancha negra recortada contra a escuridão total do corredor. Segura entre as mãos uma caçadeira de dois canos. Tonto, meio sufocado, com as costelas martirizadas a latejarem, Roy mal consegue acompanhar a seqüência do diálogo. Os dois Avatares continuam a falar em Trade, como se a fala não passasse de um novo aspecto de um jogo incompreensível.

— Que aspecto mais grotesco, oh meu Irmão... — comenta Mr. Lux dando estalinhos com a língua limpando com a mão esquerda uma gotinha teimosa de ranho que insiste em pingar-lhe do nariz. — Isso que envergas é suposto representar quê? Um *Arcanjo*?

— Ariel, um Potestado.

— Que imagem tão mal amanhada... Os Teus menus de transformação devem ter cometido uma série de erros semânticos... Não seria melhor teres assumido em visita um aspecto mais discreto, tal qual o meu?

— Qual dos dois és Tu? — clama o Avatar. — Confessem!

— Mas sou eu o Renegado que procuras, claro! — responde Mr. Lux. — Aquele cavalheiro ali caído no chão não passa de uma isca... Uma isca bem chata, para dizer a verdade. Marquei-lhe a epiderme com um vírus que lhe altera a sua assinatura adeênica. Com essa pouca, mas o suficiente para confundir a Tua hoste de Vigilantes. Deixei-lhe umas quantas armas porque pudesse simular um ato heróico de defesa, antes de ser massacrado. Pela minha parte, estava decidido considerar os conteúdos deste prelo como tara perdida, só para que julgasses anulado e Te fosses embaraçado. Afinal foi ele quem deu cabo

hoste, e olha que não faço *idêia* como... Naturalmente já não se fazem hostes como dantes, ou então o meu amigo é um dos Potestados mais incompetentes que já conheci...

— O Duelo ainda não terminou! — troa Ariel. — Aqui estamos, frente a frente. Eu, com um corpo sublime, Tu com um corpo entrópico!

— Esqueceste-Te desta menina que trago comigo... — comenta Mr. Lux, dando palmadinhas no cano da caçadeira.

— Como? Um lança-projéteis balísticos de Grau 1? É só isso que tens a opôr-Me?

— E por que não? — termina Mr. Lux carregando nos dois gatilhos sem mais demoras.

Roy, lá do seu canto, pisca os olhos para ver se entende o que aconteceu, mas a verdade é que parece não ter acontecido nada. Ariel continua de pé, de punhos cerrados, círculo da boca a irisar-se num sorriso. Nas mãos de Mr. Lux, os canos duplos da caçadeira fumegam ainda.

— Vês? — rosna Ariel, comprimindo ainda mais os punhos. — Olha como os meus reflexos são perfeitos... Os projéteis nem sequer chegaram a tocar-me. Apanhei-os em pleno vôo. Um em cada mão. Chumbo? São feitos de chumbo? Um metal tão mole? Repara como eu os esmago só com uma ligeira pressão dos dedos...

Ariel cerra os punhos e só então começa a gritar. As duas mãos engellem-se, consumidas por uma pressão tremenda. No centro de cada uma delas existe agora um pontinho absolutamente negro, rodeado pela aura azulada do efeito Cherenkov. Ariel grita e os pontos estendem-se

aos pulsos, sugando ambos os braços até ao cotovelo. É como se houvesse ali uma boca faminta, ao mesmo tempo minúscula e imensa, uma boca que sorve matéria orgânica e o ouro do Sacramento. E não é só o corpo de Ariel que os pontos consomem. À sua volta turbilhões de poeira organizam-se em pleno ar, alongam-se em filamentos, como um vórtice em miniatura, e mergulham no negrume que lhe envolve os braços.

Espantoso! — comenta SANA, pedagógica, aos ouvidos de Roy. — **Duas microsingularidades escondidas dentro das balas... Tecnologia de Grau 2 ou superior ainda. Não tenhas medo da radiação residual. Perfeitamente suportável, aparte uns quantos dias de vômitos e anemia...**

Impávido, Mr. Lux quebra os canos da espingarda, retira do bolso dois outros cartuchos, substitui-os pelos anteriores e engatilha de novo.

— Não sei se sabes, caro Irmão Potestado, que a espécie mais elevada desta ecosfera é capaz de consumir e digerir, se tiver vontade e apetite, quase todas as outras formas de vida concorrentes. Um divertimento destes devoradores de tecidos necróticos, é o tiro aos patos, uma bioforma de avídeos que se costuma comer assada. O problema é que nunca se deve caçá-los enquanto estiverem pousados, a tratar da vidinha deles, percebes? Não é desportista. Temos de espantá-los, pô-los em fuga, e só então *disparar*... Pensei fazer Contigo coisa idêntica, mas depois disse cá para os meus botões, *para quê ralar-me, vou é dar-lhe cabo do canastro mesmo em terra...*

Ariel cruzou entretanto os braços sobre a quilha do peito. Os dois pon-

L
O
S
U
M
O
S

tos negros dedicam-se a comer-lhe os falsos músculos. Deixou-se cair ao chão. As pernas já não o sustentam. Respingos dourados do Sacramento, *cuspidos pelas zonas colapsadas do organismo*, riscam ideogramas contra as paredes do corredor. O Avatar tem os pires dos olhos esbugalhados, num esgar onde se confundem um pânico e um prazer absolutos. A aura de cabelos vivos estremece e emaranha-se como um cardume de enguias.

— Outro dos divertimentos dos nossos amigos humanos, — prossegue Mr. Lux debruçado sobre ele, puxando ambos os canhões para trás. — é o das caixinhas chinesas. Uma caixinha guarda outra e outra e outra... vamos abrindo todas até chegarmos ao tesouro, ou à revelação final. Aqui o jogo é parecido, Irmão Potestado. Considera: uma caçadeira de Grau 1. Uma arma muito simples que dispara, pela explosão de gases comprimidos, balas de chumbo. Aparentemente inofensiva. Só que as balas são ocas, simples cascas que protegem campos eletromagnéticos intensos. E lá mesmo no centro, muito bem aninhado, o que achas que vamos encontrar, uhn? Um buraquinho negro e faminto... uma singularidade fugaz... com dez segundos de vida, mas quanto baste para absorver uns vinte quilos de matéria... Miam... miam...

— Eu volto... Eu volto... — berra Ariel, mal conseguindo articular uma vaga promessa de vingança. — Havemos de Nos encontrar outra vez...

— Estou a cagar-me de medo, como podes verificar... — replica Mr. Lux disparando pela segunda vez, mesmo entre os olhos de Ariel, submetendo-o temporariamente ao

sublime êxtase da negação da vida.

Roy levanta-se a custo. Se não fosse o écran repulsor e a unidade Agrav que ainda funciona aos soluços, *nunca conseguiria manter-se de pé*. SANA não diz palavra. Por qualquer razão que lhe é estranha, resolveu ficar muito bem caladinha. De Ariel pouco ou nada resta. Desapareceram-lhe os braços e o crânio. Ficaram as duas pernas, parte do tronco, uma asa meio partida e esticada para o lado, contra o estuque da parede. O corpo mais parece um bolo feito de lama, coberto de pó conglomerado, pedaços de calíça, papel floral e páginas de história em quadrinhos.

Mr. Lux observa-o com a boca retorcida num esgar de desprezo crítico:

— O meu amigo só fez estragos... — comenta por fim, irritado, virando-se na direcção de Roy. — Por que é que não se deixou matar como era suposto acontecer?

— Merda... merda... merda... — geme Roy entre dentes. — Não tenho nada a ver com isto... só quero ir-me embora...

— Meu caro Roy... Isso não são coisas que se peçam... Se refletir um bocadinho, com certeza verá que não posso conceder-lhe esse pedido. Acha que eu vou dar-me ao luxo de o deixar partir com vida, depois de ter assistido ao segredo dos deuses, uhn? Um prédio cheiinho de uma tecnologia autónoma e quase consciente? Uma tecnologia que nem aos Visitantes Exóticos é dado conhecer? Acabei com um Avatar, um Avatar mal concebido, ainda por cima. Um Avatar que dedicou grande parte do sistema neuronal aos programas de ataque, criação e detecção, mas

muito pouco ao juízo crítico... Azar dele e sorte minha. E olhe que uma sorte como esta não acontece muitas vezes. Tenho de mudar de pouso com armas e bagagens muito mais cedo do que estava à espera. Tenho de purificar o prédio inteiro dos restos infiltrados do Sacramento. Fechar de vez o buraco de verme. Não posso permitir nem mais uma materialização. Chatices, só chatices... E o culpado é você!

— Eu? — exclama Roy. — Eu? Mas que mal lhe fiz? Tratam-me como gato e sapato. Que raio, estou farto desta treta toda!

— Farto ou não, vamos ter de arrumar os assuntos que ficaram pendentes. Sinto tê-lo enganado quanto aos dois milhões de Écus. Afinal nunca chegaram a ser transferidos para a sua conta bancária. Limitei-me a subverter os sistemas de leitura do seu creditcard. Mentilhe, pois. Mas se aquela criatura ali caída se armou em Anjo, porque não hei eu de representar o seu oposto temático? Mr. Lux, o Senhor das Mentiras, o Amante das Moscas e do Lixo, a Luz Negra que resolveu abandonar o Empírio...

— Isto é demais... — murmura Roy, sem querer acreditar no absurdo da situação. — Você não pode fazer-me mal. Ainda tenho o escudo ligado...

— Oh Roy, francamente... — gargalha Mr. Lux com um trejeito apurado. — E acha que eu vou preocupar-me como insignificâncias dessas? Quero lá saber do escudo defensivo! Estou mais interessado na estrutura neurológica desse seu cérebro minimalista. Quer que eu lhe fale diretamente ao coração? Sim? Pois vamos lá a por os pingos

nos lá, a escrever a palavra FIM nesta ridícula tragicomédia... Olha, quero que desças as escadas, enfim, o que delas resta, atravesses a Strand, subas à ponte, e te lances ao rio, que deve estar bem tortuoso, depois desta tempestade. Mergulha fundo, fundo, e lá chegado, bebe... bebe toda a água que puderes, em minha honra, em minha memória... Não é bom morrer assim, Roy? Devagarinho, em plena anoxia? Queres fazer-me esse favor, Roy?

Roy acena que sim. De súbito não deseja fazer outra coisa senão obedecer. Um pé passa à frente do outro, mal tocando no chão. Roy sente-se ansioso por mergulhar nas águas do Tâmis e acabar de vez com tudo. Ser livre e feliz numa cama feita de lodo e barcaças naufragadas.

— Mr. Lux? Posso fazer-lhe só mais uma pergunta?

— Claro, Roy, mas despacha-te, que as águas não esperam...

— Você é um Potestado, tal qual como o Ariel, certo?

— Não é evidente que Sou?

— Só mais uma coisa...

— Desde que sejas breve...

— Em primeiro lugar não me chamo Roy. Não tenho obrigação nenhuma de lhe obedecer... O meu sistema neurológico age em paralelo. E se não me apetecer tomar banho, pronto, não tomo mesmo. Em segundo lugar, fui feito para dar cabo de criaturas como o senhor. Eliminá-las com o máximo de prejuízo, diga-se de passagem...

Mr. Lux abre a boca, abre-a para começar a dizer qualquer coisa, para declamar uma nova ordem, para ativar qualquer outra surpresa, mas já é tarde, o corpo de Roy rodopia sujeito a um novo acesso de tempo-

rápido, e quando tudo cessa, Mr. Lux ainda permanece de pé, com o pescoço a esguichar um misto de sangue e Sacramento, só que a cabeça não se encontra onde devia estar, antes rebola pelo chão, num ruído mole, indo imobilizar-se lá ao fundo, contra a porta derrocada do apartamento.

Roy baixa os olhos e vê que a sua mão direita segura o punho ativado da monoespada. Depois desvia o olhar e descobre o corpo decapitado de Mr. Lux a pendular, para a esquerda, para a direita, esquerda, para a frente e para trás, músculos dos braços em convulsões, até que por fim, com um baque surdo, o Avatar deixa cair a caçadeira, dobram-se-lhe os joelhos e desaba em frente.

O silêncio que se segue permite que se ouçam os ruídos mais discretos. O escorrer da chuva lá fora, contra as falésias do saguão; o percutir atrasado de um pedaço de estuque, no vão das escadas; o gorgolejar do sangue entornado. O rugido do vento desapareceu sem que ninguém desse pela sua falta. Pelo topo da janelinha quebrada, entra uma vaga claridade cinzenta.

Pronto - diz-lhe a SANA. - O serviço está feito. Afinal não é assim tão complexo dar-se cabo de dois Potestados...

SANA, geme Roy sustendo a custo um vômito, atirando para longe o punho da monolâmina. *Ele mandou-me afogar... E eu ia obedecer-lhe... Ainda me apetece...*

Caro utente: a interferência neurológica terminou. As compulsões desapareceram. As ordens deixaram de ser necessárias. Vamos até ao telhado para desanuviar e respirar fundo

alguns compostos cancerígenos, sim?

A madrugada estende-se, vagarosa, sobre uma Londres encharcada. Lá ao longe, um Tâmis negro de lama e desperdícios arrancados às margens, entorna-se pelas partes menos escoroadas dos diques de segurança. A cinza do céu oculta ainda os venenos ultra-violetas do meio-dia. Roy treme, mal protegido pela gabardine retalhada pelas mãozinhas dos Querubins. As primeiras gaivotas esvoaçam a esmo, fugindo aos ataques sorrateiros dos bióticos mais agressivos. O telhado encontra-se completamente varrido das cascas da hoste. Desta vez, nem os pratos das antenas sobreviveram ao turbilhão do ciclone. Vista aqui do alto, a clarabóia forma um olho enorme, cego e vazado, que aponta para um prédio inteiro cheio de riquezas inclassificáveis.

Minhas, todas minhas... pense Roy, tiritando, morto por um chocolate quente ou uma chávena de chá. Agora é tudo meu, percebem, meus grandes cabrões?

Mera comercialização dos artefatos disponíveis, caro utente. Bem lançados no Mercado Exótico, estes produtos vão garantir-nos um futuro livre de complicações económicas...

Livre? Exalta-se de novo o Exterminador, apontado para baixo. Acha que sim? Já pensaste na responsabilidade que me caiu em cima? Estou a borrar-me de medo. Vou ter o Exóticos e todos os Governos da Terra à perna, quando isto começar a constar por aí...

Nem tudo na vida são rosas como diz um engrama mnésico que acabo de descobrir...

Manipularam-me... Vocês fizeram de mim o que quiseram...

Olhe que o sentimento de liberdade é um dom relativo... Também eu estou sempre a ser manipulada pelos meus programas de origem... E queixo-me?

SANA, explica-me quem são os Potestados... Que querem eles de nós? Qual foi a razão de toda esta noite...

As explicações certinhas enchem-me de tédio... Fica para outra altura, sim? Que tal se passássemos à ação? Temos dois corpos para fazer desaparecer...

E de súbito Roy lembra-se que um pouquinho da vingança pode ainda ser seu. Coisa pouca, um ar de simples graça. Mas a verdade é que não se pode ter tudo na vida...

Precisamos de sócios para ultimar esta nossa Empresa, não é verdade?

Estou aberta a sugestões...

Roy digitaliza o comunicador do pulso, com um sorriso mau entre os lábios. Responde-lhe uma vozinha sintética e amável:

— Ninho Krirreelpolt, código laranja, 07.05 horas, tempo médio de Greenwich, como podemos servi-lo?

— Humano caucasiano, Roy Baker de nome, para falar com Mr. K, ninhada 4000056.

— Uns segundos de espera, bondoso Hospedeiro, até que eu verifique a disponibilidade física da entidade requisitada

— Faça lá isso...

Enquanto Roy aguarda, o comunicador trina um compasso de cigarras. Por fim, a voz rouca de Mae West faz-se ouvir:

— Meu sócio e camarada! Estás funcional? Ontem desapareceste sem mais informações, mesmo a meio de uma refeição irmãmente partilhada.

Devo estar com problemas de memória, porque não me recordo de te deixar e voltar ao Ninho...

— Estou ótimo, Mr. K. Queria pedir-te um favor, antes de irmos para o emprego...

— Um favor? — geme Mr. K, já desconfiado. — Se é um empréstimo de capital, receio que o meu Ninho não tenha disponibilidade para...

— Nada disso. É uma proposta comercial. Tenho uns quantos produtos para lançar no mercado e preciso de um agente de vendas eficaz. Pensei logo em ti. Ou seja, no teu Ninho.

— Ah... isso é outra coisa... Claro que podes contar conosco, fiel e explorado camarada... De que se trata?

— Bom, o caso é delicado e não deve ser tratado através de um comunicador sujeito a escuta viral... Que tal no café da manhã? Quem paga sou eu!

— Café da manhã? — exclama Mr. K, entusiástico. — E posso levar comigo parte do meu agregado? Só gestores comerciais e investidores, entenda-se...

— Com certeza... Há comida para todos. Espero-te à entrada da Strand.

— Comida? Que tipo de comida, emérito sócio?

Roy sorri, boca rasgada num esgar de vitória. Um ventinho que vem do rio despenteia-lhe os cabelos encharcados em suor. Junto aos pés, rebola o capacete descartado.

— Um prato saboroso. Um manjar *angelical*, caro Mr. K. Coisa boa. Miam. Miam.

João Manuel Barreiros é professor de Filosofia em Portugal. Este conto é parte do livro Terrarium escrito a quatro mãos com Luís Felipe Silva. Os autores estão procurando editores interessados na obra.

Ray, Presidiários e Bombas

André Carneiro

O célebre pavor de Ray Bradbury pelos aviões sendo detonado após uma viagem pavorosa de automóvel. Um turista que não tem medo de avião mas carrega um estigma bem conhecido. O mesmo turista que vê um "fogueteiro" ir diminuindo fisicamente, e ainda assim não tem medo de encarar esse ofício.

Virou quase um mito curioso o fato de Ray Bradbury não viajar de avião, pelo simples (seria simples?) fato de ter medo, pavor das viagens aéreas. Eu mesmo já falei disso nestas crônicas. Não foi uma citação. Encontrei-me com ele em Los Angeles, há muito tempo, em uma conferência sobre poesia (ele também é bom poeta, para quem não sabe). Perguntei-lhe por que não tinha vindo ao Brasil naquele célebre Simpósio Internacional de 69. A resposta foi clara: "Não viajo de avião, tenho medo".

Pois esse velho fato já não constitui mais uma verdade. Pegando uma revista americana, dessas que se distribuem de graça nos aviões, lá estava na capa uma foto curiosa do Bradbury, todo vestido de piloto aventureiro (da primeira guerra mundial), boné de couro etc. O título chamativo era "Bradbury conquista os céus". Em um artigo de sua autoria, *Day of the Bird Man*, ele começa assim: "Tudo mundo sabe que eu não vôo, nunca voei e não tenho planos imediatos para essa loucura. Pois esse mito acabou. Depois de sessenta e dois anos, minha romântica, embora covarde, imagem precisa ser esquecida. Eu tenho voado secretamente por 126 meses..."

Ele conta minuciosamente sobre uma viagem de New Orleans para Orlando, de trem, naturalmente. Tudo aconteceu. O trem havia sido cancelado, alugou um carro e um motorista - acredite quem quiser, ele também não dirige - perderam-se, o carro quebrou, tudo aconteceu, enquanto ele pensava "fly dummy" (voe, idiota!). O artigo é longo e engraçado. Com muito uísque, ele arriscou as primeiras viagens e agora já voa, como todo mundo. Termina o artigo afirmando "agora espero que alguém me arranje uma carta de motorista... e me ensine a dirigir".

Todos sabem do "prestígio" que os brasileiros têm no exterior. Nem queixa podemos fazer, descontando alguns exageros, é merecido. Kreuzlingen é uma cidade da Suíça repartida no meio por uma fronteira. Atravessando uma rua (e uma alfândega, naturalmente), já estamos em Konstanz, cidade alemã. No ano passado, passei por lá inúmeras vezes, um caipira brasileiro achava fascinante atravessar uma rua e se achar em outro país, outra moeda etc. Noitei que em todas as fronteiras com a Alemanha ou Áustria, os passaportes, geralmente, nem eram abertos, mas, os nossos, de brasileiros, eram levados para um escritório, checados no computador e rigorosamente examinados. Em uma dessas vezes, o militar alemão era jovem, rigorosamente limpo e bem vestido (como aparece nos filmes). A minha foto havia sido tirada por um japonês aqui no bairro e, como se exigia antigamente, trazia a data: dia, mês, ano. O fotógrafo havia apenas feito um espaço entre esses números, e o alemão olhou aquilo de maneira muito estranha. Depois perguntou em um inglês quase pior do que o meu: "O que significa isto?", apontando os números. Eu respondi que era a data. O alemão foi abrindo lentamente um sorriso e teve coragem de dizer: "Pensei que era fotografia de presidiário..." Raramente se conseguem respostas adequadas em situações assim, mas, dessa vez, a minha foi boa. Eu disse: "Bem, o Brasil é um país bastante atrasado, mas, por enquanto, eles não estão fornecendo passaportes para presidiários..."

A resposta, para gringos, foi adequada, mas, aqui, entre nós, é certo

que estão, há muito tempo, fornecendo passaportes no Brasil para ótimos candidatos a presidiários...

Houve um tempo em que eu fui considerado um perito em bombas. Bem, perito acho que era exagero, apenas "entendido". Hoje não sei mais nada. As chamadas bombas "plásticas" não tenho a menor idéia de como se fabricam (nem quero saber). Os detonadores eletrônicos também são muito diferentes daqueles assustadores relógios adaptados fazendo "tic-tac", como nos seriados de bandidos, ou a mocinha amarrada e o Zorro cortando o pavio com um tiro, antes do beijo...

Meu pai tinha uma loja de material de construção e ferragens. Naquele tempo ferragens incluía armas, munição de todo tipo e cloreto de potássio, antimônio, salitre, enxofre, alumínio em pó etc. etc., material para se fazer pólvora de vários tipos e os chamados fogos de artifício. Tínhamos uma freguesia de "fogueteiros", como até hoje são chamados os fabricantes de rojões, bombinhas e fogos. Lembro-me bem de um deles, de Piracaia, que aparecia duas vezes por ano na loja, para se abastecer. Com aquela fria inconsciência infantil, onde a piedade não existe, eu notava que, aos poucos, ele ia "diminuindo". Começou com dois dedos da mão esquerda, depois a mão inteira (um ou dois anos depois) até um dia que, com a mesma naturalidade de sempre, estendeu sua folha de papel com os pedidos. Estava de muletas, tinha perdido metade de uma perna em uma explosão na sua pequena fábrica, muito comum naquele tempo. Eu, curioso, não me importava com

seus desastres, mas queria saber das "fórmulas". Ele me ensinava, não sei por quê. Não só ele, mas os outros também, embora às vezes relutantes, não porque eu fosse uma criança, mas de medo de uma improvável concorrência, não fosse eu, no futuro, fazer bombas mais baratas do que eles. Meu pai, severíssimo, nada sabia das minhas atividades de fogueteiro amador. Havia barricas dos produtos, na loja, suficientes para uma revolução. Comecei a fabricar minhas bombinhas que iam crescendo à medida da minha ambição por estouros cada vez maiores. Também fazia aquelas de "estalo", que explodiam quando arremessadas em algo sólido. Fui aumentando o tamanho até que elas provocavam um rombo nas paredes do nosso quintal. Essas eram as mais perigosas. Para provocar a faísca detonadora, eu colocava pedregulhos que, ao impacto com o alvo, geravam uma faísca que inflamava a pólvora especial (eu fazia uma qualidade de pólvora para cada uso). O auge da minha carreira explosiva foi quando, tendo material de graça e à vontade, fui aumentando o tamanho das bombas para obter mais estrondo. A última que eu fiz deveria pesar quatro ou cinco quilos, faria o mesmo barulho de um tiro de canhão. E fez. Eu a explodi nas cercanias da cidade, assim mesmo as casas próximas se queixaram de vidraças trin-



çadas. Nem sei explicar por que não me "pegaram". Eu teria treze ou catorze anos, lia muito romance policial, Sherlock Holmes, Arsene Lupin, e planificava muito bem a minha "arte". Foi exatamente o fogueteiro de Piracaia, na sua próxima vinda em Atibaia, que, com um sorriso experiente, foi logo me acusando: "Você que explodiu aquela bomba, não foi?" Eu tentei negar balançando a cabeça, mas ele acrescentou: "Você sabe que o delegado chamou todos os fogueteiros da zona e ameaçou nós todos por causa daquela bomba?" Eu não sabia, fiquei assustado e, lá bem no fundo, muito orgulhoso da repercussão. Prometi timidamente ao fogueteiro que não faria mais isso. Mas, uma carreira tão promissora não poderia terminar assim. Nossa loja era um verdadeiro arsenal. Meu pai vendia também bananas de dinamite (a dinamite se parece muito com uma banana), espoletas para explodi-la e pavios (eu preferia o pavio chamado hidráulico que, aceso, não se apagava mesmo debaixo d'água). Com dois ou três amigos escolhidos, eu preparava meia banana, ou mesmo uma inteira, e atirava no rio Atibaia ou em riachos perto da cidade. O resultado era maravilhoso. Subiam nos ares toneladas de água, como um gigantesco gêiser, molhando as árvores mais altas nas cercanias. As centenas de peixes mortos, que iam surgindo aos poucos, eram uma diversão a mais. Estourei muito mais coisas... porém, as mais confessáveis são mesmo as explosões infantis.

*André Carneiro, artista plástico, cineasta, poeta e escritor de FC internacionalmente reconhecido e vencedor do prêmio Nestlé de literatura na categoria poesia. É colunista do *Somnium* deste 1987.*



A Arder Caíram os Anjos, pág. 60



Editora da
UFSCar



Clube de Leitores
de Ficção Científica